

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**

LUCIANO ALVES FARIAS DA SILVA

JUVENTUDE E PROTAGONISMO

Contribuição do Projeto Beira da Linha para uma ação protagonista

**JOÃO PESSOA – PB
2010**



LUCIANO ALVES FARIAS DA SILVA

JUVENTUDE E PROTAGONISMO

Contribuição do Projeto Beira da Linha para uma ação protagonista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Paraíba, na área de Educação Popular em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Profº Dr. Orlandil de Lima Moreira

**JOÃO PESSOA – PB
2010**

S586j Silva, Luciano Alves Farias da.
Juventude e protagonismo: contribuição do Projeto Beira da Linha para uma ação protagonista / Luciano Alves Farias da Silva.-- João Pessoa, 2010.
163f. : il.
Orientador: Orlandil de Lima Moreira
Dissertação (Mestrado) – UFPB/CE
1. Educação. 2. Movimentos sociais. 3. Juventude. 4. ONG's. 4. Protagonismo. 5. Cidadania. 6. Participação.

UFPB/BC

37(043)

CDU:

LUCIANO ALVES FARIAS DA SILVA

JUVENTUDE E PROTAGONISMO

Contribuição do Projeto Beira da Linha para uma ação protagonista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Paraíba, na área de Educação popular em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Dissertação aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Orlandil de Lima Moreira

Profº. Dr. Severino Bezerra da Silva

Profª. Drª. Idalina Maria Freitas Lima Santiago

Dedico este trabalho:

Aos meus pais Joaquim Farias e Marília Alves, pelo incentivo e apoio aos estudos, mesmo sem condições financeiras adequadas e maiores conhecimentos.

Aos meus irmãos e a minha fiel companheira e amada Ana Paula pela forma que me foi dada na realização desta atividade.

Ao amigo Padre Sandro e a Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza que foram os grandes incentivadores para a continuidade de meus estudos.

Ao Projeto Beira da Linha pelo trabalho em favor da vida e a todos e todas que lutam a cada dia por um mundo mais justo e fraterno.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Pai, em quem acredito e que me deu forças para superar e construir esta dissertação.

Ao professor Dr. Orlandil de lima Moreira, pela compreensão, participação e dedicação ativa na orientação deste trabalho.

Aos professores Doutores Severino Bezerra da Silva e Idalina Freitas Limas Santiago pela participação na banca, disponibilidade e contribuição com a leitura de meu trabalho.

Ao professor Dr. Charliton José dos Santos Machado pelo acompanhamento e força que me foi dado.

Aos jovens: Maria José (Mô), Wilson Souto, José Anderson, Alberto Avelino, Adriana Cosmo, Adrinão Valentim, Adriele Daniel, Alexandra Cosmo, Ana Paula Valentim, Cláudia Helena, Damiana Ferreira, Gilmar Felix, Irinalda Élssia, Jailson Batista, Jonathan Williams, José Ferreira, Josilma da Silva, Josimere Pereira, Luciene Rodrigues, Maria da Luz, Maria das Dores, Otaciano Bernardo, Patrícia Nunes, Sheila Maria, Silvio Tertuliano, Thais Oliveira e Vilberto Salusto pela colaboração dada na construção desta pesquisa.

Aos que foram educadores e membros da Coordenação do Projeto Beira da Linha: Ana Gusmão, Ricardo Brindeiro, José Bendito e Josélia Almeida por acreditarem na minha capacidade e assim, se colocarem a disposição para o enriquecimento deste trabalho.

Aos educadores e educadoras do PBL pelos dados fornecidos e pesquisas facilitadas aos arquivos da ONG.

Ao Projeto Beira da Linha e Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza pela constante presença em minha vida.

A professora Rosilene Félix pela contribuição na revisão ortográfica deste trabalho.

A coordenação e secretaria do PPGE e pela frequente ajuda cedida para a construção desta produção.

A coordenação e direção de pólo do Projovem Urbano em João Pessoa e a direção da escola Assis Chateaubriand em Bayeux pela compreensão e apoio aos meus estudos.

A amiga Hygia Margareth pela presença, estímulo e colaboração com a conclusão deste trabalho.

Aos amigos e amigas que sempre estão presentes e me animam para seguir em frente.

RESUMO

A discussão sobre o protagonismo juvenil no Brasil foi ampliada com mais ênfase na década de 90 quando passou a fazer parte dos trabalhos realizados por diversos movimentos sociais, ONG's e estudos acadêmicos. O presente estudo traz a abordagem sobre Juventude e Protagonismo com foco na contribuição dada pelo Projeto Beira da Linha para a construção de ações educativas. O trabalho também traz uma análise das ações do projeto junto aos jovens da comunidade do Alto do Mateus em João Pessoa. O período pesquisado foi do ano de 1991 a 2007 sendo utilizada na metodologia a pesquisa qualitativa, incluindo algumas categorias de estudos, tais como: protagonismo juvenil, participação, cidadania e capital social. Com essa análise, o resultado obtido aponta para a existência significativa da contribuição do PBL na formação protagonista dos jovens no seu contexto social, político e cultural

PALAVRAS-CHAVE: protagonismo, juventude, participação, cidadania.

ABSTRACT

The discussion about juvenile leadership in Brasil was expanded with more emphasis in the 90's when it became part of the make work of various social movements, ONGs and academics study. The present studies bring the approach about youth an leadership focused on the contribution made by the border line Project for the construction of educational actions. The work also bring an analysis of the actions of the Project with youth in the community of the district Alto do Mateus in João Pessoa. The period studied was the year 1991 to 2007 where used in qualitative research methodology, including some categories of studies such as: youth result shows of the existence of significant contribution of PBL in the formation of the young protagonist in its social context, political and cultural.

KEY WORDS: Leadership, youth, participation, citizenship.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PBL – Projeto Beira da Linha

ONG – Organização não Governamental

FDDCA – Fórum de defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente

ONU – Organização das Nações Unidas

MNMMR – Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

OIJ – Organização Internacional da Juventude

IDAC – Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CREI – Centro de Referência da Educação Infantil

MLAL – Movimento Leigo Américo Latina

SUMÁRIO

1 -	INTRODUÇÃO	10
2 -	Capítulo 01 JUVENTUDE, SOCIEDADE E PROTAGONISMO.....	21
2.1 -	Juventude e o contexto social contemporâneo.....	21
2.2 -	Olhares sobre a juventude: aspectos conceituais.....	23
2.3 -	Juventude e protagonismo: elementos de um debate.....	28
3 -	Capítulo 02 JUVENTUDE, PARTICIPAÇÃO E CIDADANIA.....	42
3.1 -	Juventude e cidadania.....	42
3.2 -	Juventude e participação social.....	48
3.3 -	Participação juvenil e capital social.....	53
4 -	Capítulo 03 REVELANDO A AÇÃO EDUCATIVA DO PROJETO BEIRA DA LINHA.....	59
4.1 -	O bairro do Alto do Mateus.....	60
4.2 -	O Projeto Beira da Linha.....	68
4.3 -	Atividades que ajudaram jovens a se incluírem socialmente.....	76
5 -	Capítulo 04 DO SONHO A REALIDADE: JOVENS CRUZAM AS FRONTEIRAS DAS POSSIBILIDADES.....	98
5.1 -	O Projeto Beira da Linha e suas ações junto às juventudes.....	99
5.2 -	Perfil dos jovens participantes do Projeto Beira da Linha.....	105
5.3 -	O que pensam os jovens sobre a experiência no Projeto Beira da Linha.....	120
5.4 -	Experiências juvenis de cidadania e protagonismo.....	127
5.5 -	Ações Artísticas Cultural como experiência de cidadania juvenil.....	134
6 -	Considerações Finais.....	140
	Referências Bibliográficas.....	144
	Lista de anexos.....	148

1- INTRODUÇÃO

As motivações para pesquisar a ação do Projeto Beira da Linha junto ao público jovem surgiram principalmente, pelo pesquisador deste estudo, ainda adolescente, admirar, a ação do PBL na comunidade do Alto do Mateus, especialmente, na Rua Luiz Jacinto e adjacências. É bem verdade que mesmo ainda sem entender e me envolver diretamente no PBL, percebia algo positivo no trabalho desta ONG. A partir desse encantamento fui educando do Projeto Beira da Linha iniciando minha participação no grupo de Teatro Popular Miramangue¹, onde pude, vivenciando essa experiência, expandir meu conhecimento e adquirir durante minha formação humana e transição para a fase juvenil, um senso crítico e de participação comunitária. Dessa forma, incluído nas ações educativas do PBL fui despertado para investir nos estudos e conseguir cursar a universidade tornando-me um graduado licenciado em pedagogia². Além disto, ampliei minha visão em relação aos direitos da criança e do adolescente no envolvimento direto com o Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente³, bem como, de outras articulações que aglutinavam instituições a fim de garantir a luta em defesa desses direitos.

Passado o tempo, fui convidado a torna-me educador da instituição desenvolvendo ao longo de oito anos junto aos adolescentes e jovens, trabalhos que fomentaram a necessidade de conhecer melhor os direitos e deveres vigentes na sociedade brasileira. Dessa maneira, várias experiências, a exemplo da participação no Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, Fórum de

¹ Miramangue foi o nome dado ao primeiro núcleo do Projeto Beira da Linha situado no final da rua José Gomes de Abreu no Alto do Mateus em João Pessoa. O nome Miramangue foi colocado pelos educandos que faziam parte do Projeto Beira da Linha e, esse nome, segundo os primeiros educadores, tem a ver com a localização do núcleo. Pois do lugar a visão do mangue é garantida.

² Esse curso de Pedagogia foi uma escolha pessoal descoberta durante minha experiência no Projeto Beira da Linha. Antes de participar do Projeto Beira da Linha tinha desejo em ingressar no curso de radialismo ou jornalismo, porém, percebendo a importância da pedagogia a partir dos trabalhos e propostas adotadas pelo PBL, decidi também investir nessa área, na qual pude com melhor competência e qualidade contribuir na minha função de educador.

³ O Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (Fórum DCA) era um espaço político de participação de entidades não governamentais que se articulava em nível nacional. Na Paraíba o Fórum DCA tinha abrangência em todo o estado paraibano. As campanhas eram atividades desenvolvidas anualmente pelas instituições ligadas ao Fórum e, principalmente, pelos adolescentes que recebiam atenção e formação específica para a prática do Protagonismo Juvenil. Entre as atividades desenvolvidas pelo Fórum DCA estavam às audiências públicas com o poder legislativo, executivo e também judiciário, bem como as manifestações públicas e abertas que lembravam o aniversário do ECA, e demais datas que trabalhassem a importância do respeito ao desenvolvimento sadio e digno da criança e do adolescente.

Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, e das diversas atividades locais desenvolvidas pelo Projeto Beira da Linha impulsionaram a juventude a criar situações de participação e intervenção nos espaços da comunidade. Essas experiências citadas acima, segundo Costa (2000, p. 22) possibilita o enquadramento da mesma, no âmbito do Protagonismo Juvenil.

A necessidade de investigar tal ação, além dos motivos pessoais apresentados acima, traz motivações acadêmicas que nos move a contribuir cientificamente com a análise desse processo desenvolvido pelo Projeto Beira da Linha. Dessa forma, teremos a capacidade de realizar, de maneira mais precisa uma reflexão dos resultados obtidos com os trabalhos que foram realizados. Para melhor entender este processo, a nossa prática de investigação científica terá o desafio de detalhar melhor os grupos de jovens que foram trabalhados pelo Projeto Beira da Linha, bem como, conhecer as atividades que atenderam a esses jovens. Outro ponto importante de nossa pesquisa é perceber o conhecimento que os jovens adquiriram ou aprenderam a adquirir a partir de sua participação nas atividades do PBL e a partir daí, observar nesses jovens que passaram pela instituição as ações protagonistas perceptíveis em sua vida atual.

O Protagonismo Juvenil é o foco da nossa pesquisa, visto que, as ações desenvolvidas pelo Projeto Beira da Linha nos anos de 1991 a 2007, tiveram fortemente o incitamento do público atendido para a prática da organização e participação ativa na vida da comunidade.

É preciso durante o estudo reconhecer que, se existe desigualdade é porque alguém ou um grupo a faz existir. Se existe fome, desemprego, ausência de equipamentos comunitários para melhorar a vida comunitária é porque existe alguém ou grupos que insistem em negligenciar, o que seria nosso por direito. Se existe uma escola formal que não ajuda a crescer intelectualmente, humanamente é porque há uma ausência de reação e participação por parte daqueles que são atendidos por esses espaços. Paulo Freire (2000) expressa que “para superar a fraqueza é preciso reconhecê-la”. Se existe todas estas mazelas, voltadas principalmente para a classe subalterna é porque existe permissão, passividade e ausência de atitudes protagonistas que discutam, organizem e fortaleçam a luta comunitária por uma vida digna e igualitária.

No processo histórico, percebendo principalmente, os intervalos dos séculos XVII ao XXI observa-se, que o indivíduo jovem sempre sofreu com a desigualdade e ausência de oportunidades que lhes garantissem ascender socialmente, culturalmente e economicamente. Hoje, os jovens, principalmente, os que residem em comunidades periféricas, são vitimados mais ainda, pois além das desigualdades herdadas das gerações passadas trazidas pelos grupos dominantes, ainda existe com maior frequência a violência, que é muitas vezes fomentada pelo envolvimento com o tráfico de drogas. Contemporaneamente, vivemos um verdadeiro processo de extermínio da juventude. Jovens matando jovens e, envolvendo familiares nesta cruel realidade. A falta de emprego, oportunidades e até a falta de estímulos são pontos que os jovens carregam no dia a dia e que colabora com a formação de uma juventude desmotivada, favorecendo, assim, o avanço da violência. Esse cenário não é diferente do que podemos encontrar nas comunidades que formam o bairro do Alto do Mateus, porém, ações desenvolvidas por instituições religiosas, ONGs que estão presentes no bairro, buscam conduzir os jovens a perceberem outras opções e possibilidades em suas vidas.

Com o fim da ditadura militar, restou para os governos eleitos a grande missão de buscar sanar o grave problema da desigualdade social que se havia criado ou fortalecido ao longo dos tempos. A democracia tornou-se após a ditadura militar uma grande esperança do povo, principalmente para a Classe Trabalhadora, contudo, como já falamos anteriormente, os governos ainda não conseguiram atender aos reclames sociais da população, fortalecendo assim, a descrença e a cultura da não participação.

Assim, o que faz o jovem a valorizar outros espaços deixando de lado a prática da participação política, a prática pela busca da cidadania? Ribeiro (2004, p 25) fala de um descompasso que começa na adolescência seguindo até a fase juvenil. Esse descompasso se dá a partir de uma série de tentativas para se obter a atenção total dos jovens desviando-os da sua verdadeira identidade.

A partir deste desvio, uma série de opções apresentadas pela mídia, ou o incentivo a comercialização de produtos desnecessários, induzem os jovens a desejarem o que parece não ser o essencial para aquele momento. Os programas de televisão, os grupos musicais que atualmente são formados, entre outros,

todos voltados para produzir nos jovens uma obsessão incontrolável, fomentando um conflito pessoal e de identidade juvenil.

Como exemplo Ribeiro (2004, p 25) nos traz a lembrança do programa de televisão “Coquetel” que nos anos 90 apresentava modelos com nomes de frutas e quase despidas. O público maior dessas atrações eram os adolescentes que ora, estavam em pleno processo de puberdade e logo em seguida entrariam para a fase juvenil.

Dessa forma, se percebe que a publicidade e a mídia tem grande contribuição no que diz respeito a esse descompasso citado por Ribeiro (2004, p 25), onde segundo ela, “nossa publicidade vende a eterna juventude”. Uma juventude que não consegue espaços na sociedade, seja em meio familiar ou educacional, seja entre amigos ou no trabalho para poder desenvolver um crescimento cognitivo capaz de possibilitá-lo, uma visão crítica, possibilitando-o uma participação ativa na sociedade. Alheios a uma participação ativa e crítica, em seu meio social, os jovens tendem a ficar a mercê de uma moldação advinda de interesses que os podem levar à alienação, sendo assim, anulados como agentes capazes de se autoafirmarem como cidadãos críticos.

Um dos fatores que pode explicar essa alienação é exatamente a ausência de consciência política, sem ela não temos como questionar a educação deficitária, as unidades de saúde que não funcionam, o desemprego e outros fatores que tomam conta dos subalternos. Assim, pode-se afirmar que, por mais que haja uma boa intenção em fazer com que esse cenário mude, de nada será válido, se não existir esse conhecimento de que somos sujeitos de direitos e deveres capazes de atuarmos em nosso meio social.

Nessa conjuntura onde se apresenta a desorganização, o desanimo e a falta de conhecimento de um povo as ONGs⁴ aparecem com mais precisão, sendo inclusive, bem aceitas pelas pessoas carentes que fazem parte da camada social mais desfavorecida. A atuação das ONGs consegue focar principalmente a moral e traz claramente em seus trabalhos aquilo que a maioria dos gestores políticos não conseguem desenvolver que é a verdadeira possibilidade de mudança.

⁴ Organização Não Governamental.

Sendo assim, é possível que a juventude considerada pobre tenha melhor chance de crescer humanamente e obter um melhor desenvolvimento cognitivo dentro de espaços onde a educação não formal seja a âncora dos trabalhos desenvolvidos. As Organizações não Governamentais em sua maioria buscam garantir que o crescimento dos jovens seja marcado por práticas protagonistas de organização e ascensão coletiva. Talvez seja por este motivo, que os espaços de educação não formal foram criando forças e referências como ambientes de formação juvenil.

Nesse aspecto o papel do jovem é fundamental pela sua força, tanto física, quanto de vontade e persistência. Mesmo que este jovem, ainda não tenha a consciência política formada, essa força interior pode ser fundamental para que a formação crítica seja realizada com mais precisão. Ribeiro (2004, p 32) nos traz o exemplo da juventude dos anos de 1968 e 1984, onde era comum encontrar com jovens nas ruas protestando ou reivindicando algo. Aí seria um exemplo de gastar bem as energias normalmente existentes nessa fase juvenil.

Ao compararmos com a juventude atual, o fato de não ter mais a presença maciça de jovens nas ruas, com grande frequência, lutando politicamente por algo mais humano, nos leva a nos questionarmos, sobre como essa energia está sendo gasta. A caracterização da presença do conhecimento político e cidadão não estão apenas no fato de ir às ruas, até porque o tempo e a conjuntura são outros. Mas como os jovens, hoje, estão agindo em sua comunidade, ruas, que possam ser caracterizadas como ações advindas de suas estruturas intelectuais e conhecimentos políticos?

Como bem afirma Benevides (2004, p. 51) “não é possível ser cidadão consciente com rejeição à atividade política”. Neste sentido, os grupos organizados da sociedade civil, a exemplo das ONG's, contribuem para que o ser humano perceba que é sujeito de direitos e que é preciso buscar e garanti-los. Com isso, não significa que os grupos organizados ou as ONGs venham substituir a função do Estado, ele continua sendo o principal responsável pela promoção do bem estar e, pela garantia a uma vida digna e sustentável para todos. No entanto, a parceria com as ONGs e grupos organizados não são suficientes para suprir tamanha deficiência no campo das políticas públicas.

Hoje, no Brasil, a discriminação e exclusão da juventude pobre continuam de forma mais intensa, podendo ser apresentada de forma mais sutil, mantendo a exclusão e a falta de oportunidades para ascensão juvenil na sociedade. Já a juventude da classe média ou alta, não é rotulada como delinquente ou como o jovem que precisa de cuidados específicos advindos do Estado por fazer parte de uma realidade diferenciada socialmente, garantindo-lhe o status de “jovem ideal”.

Partindo dessa conjuntura excludente, cresce o número de pesquisas, principalmente no âmbito educacional, de práticas sociais focando a juventude no trabalho, em que a educação não formal vem surgindo como ferramenta fundamental para o envolvimento e, desenvolvimento desse grupo etário, que está colocado à margem da sociedade. Libâneo (2002) consegue dividir bem esse momento, definindo o campo educacional em formal e informal. Essa distinção tem como fundamento: a estrutura formal que se caracteriza pela sua estruturação, algo que já estar definido e que foi planejado intencionalmente. Já a educação informal é aquela que também apresenta uma organização, porém, mais flexível no seu modo de desenvolver as atividades com o público a ser trabalhado.

A juventude em si, segundo Spósito (2002) precisa ser melhor entendida, pois apesar de muitos estudos em relação a essa temática, poucos conseguem adentrar no conhecimento sobre a condição dos jovens na sociedade brasileira, faltando perceber de forma mais detalhada o meio social em que essa juventude se encontra, e o que esse espaço pode propiciar em relação ao processo de aprendizagem para esses jovens.

Conforme Abramo (1997, p 70), nas pesquisas apresentadas se verifica a dificuldade de observar os jovens como sujeitos. Em muitos casos, ainda são vistos como problemas, o que leva em muitas pesquisas educativas formais a não se conceberem o que o jovem traz consigo, como importante para o processo de aprendizagem, desse modo, anula-se o processo de aprendizagem, como um processo de interação, de trocas entre aluno-professor. Assim, não considerar o que o jovem traz de novo, é comum, principalmente, quando esse enunciado parece não ter a ver com o que estar previamente programado para a aula. Esse desencontro e anulação, já cristalizada, que ainda persegue a juventude fazem

com que, muitos jovens interiorizem essa negatividade assumindo-se e acreditando que, ele, realmente é um problema social.

De acordo com Silveira (2001) no Brasil o maior número de vítimas de homicídio são os jovens com faixa etária entre 15 e 25 anos de idade. Já Azevedo (2003) acredita que essa onda de violência é motivada pela falta de um diálogo claro entre a juventude e as instituições do Estado, acrescentado que esse é um problema que se inicia na família, e, em seguida continuam pelas demais instituições. Azevedo (2003), tentando justificar a onda violenta, diz que esta ação é motivada como forma de protesto por um grupo excluído socialmente e sem perspectivas de transformação. Assim, seria essa a forma de chamar atenção das autoridades políticas em relação à necessidade de se criar mecanismos que garantam de fato, o atendimento aos direitos adquiridos por lei.

Com isso, é aceitável considerar que o meio direciona o comportamento das pessoas, e mais ainda o comportamento juvenil. Isso é possível perceber trazendo à tona o comportamento dos jovens dos anos de 1960 e 1970 quando o contexto social era expresso por sentimentos de liberdade e de desenvolvimento. Para aqueles jovens, o que os motivavam eram adotar um comportamento de participação com uma proposta clara de mudança na estrutura do sistema.

Já, os jovens dos anos de 1990 tem em seu meio a forte presença do capitalismo que, avançou em todas as dimensões, sendo evidenciado com mais ênfase na dimensão social. A partir desse movimento capitalista e da globalização, os jovens dessa década foram induzidos a adotar uma postura consumista e sem grandes ideologias. No entanto, a mesma apatia ideológica, é percebida em relação à participação política, a juventude vem se apresentando de forma desinteressada, e pouco participativa no que tange os interesses políticos.

A partir das mudanças econômicas e do fortalecimento do capitalismo, surge também a exigência de mercado, e de mão de obra com pelo menos o mínimo de qualificação. É aí que a escola no seu modelo gradeado vai moldar o jovem pobre para suprir as necessidades do mercado. As ONGs e demais Movimentos tentam trazer e aplicar uma metodologia alternativa para o desenvolvimento humano dos jovens, propiciando-lhes abertura e ampliação intelectual para que sejam livres e como sujeitos possam traçar os planos para a sua vida.

Diante deste contexto, trazemos como **objetivo geral** para este trabalho a análise da contribuição do Projeto Beira da Linha junto à juventude para a construção do protagonismo dos jovens participantes das ações nos espaços sociopolíticos e culturais. Isso trará uma visão acerca do trabalho desenvolvido por esta ONG no período de 1991 a 2007. A juventude será o foco abordado com melhor detalhamento neste estudo.

Para melhor chegar ao objetivo geral temos como **objetivos específicos**, identificar os grupos trabalhados pelo Projeto Beira da Linha, descrevendo as atividades desenvolvidas por esta ONG junto aos jovens, buscando identificar quais os saberes e conhecimentos veiculados junto aos jovens que possibilitam a ação protagonista desses jovens que passaram pelo Projeto Beira da Linha.

A juventude da comunidade Beira da Linha se apresentava muitas vezes, sem perspectivas de mudança e assim, como acontecia com os jovens do século XVII o único pensamento era o de trabalhar para ajudar nas despesas de casa. O trabalho para os jovens da comunidade Beira da Linha parecia já certo, quem não era pescador assim como o pai, encontrava outro trabalho que exigia simplesmente a força física. Sem estudo e sem emprego, a juventude deste local era influenciada a entrar na criminalidade e envolvimento com as drogas. Os que resistiam precisavam ser fortes o suficiente para entender o processo de discriminação e exclusão praticadas pelos poderes públicos constituídos.

Concretizando esta pesquisa, o resultado científico favorece as comunidades e grupos de jovens localizados, principalmente, em áreas consideradas esquecidas e, excluídas pelas ausências de políticas públicas, e de um trabalho voltado para a libertação e ascensão juvenil.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Com o desejo de investigar o processo educativo desenvolvido pelo Projeto Beira da Linha, e sua contribuição para o desenvolvimento da criticidade e do Protagonismo Juvenil, a presente pesquisa tem um caráter qualitativo, desenvolvida junto aos sujeitos atendidos pelas ações do PBL. Na perspectiva de

examinar a contribuição dos saberes adquiridos por estes sujeitos para as suas ações protagonistas, na sociedade, comunidade em que vivem.

Sendo o pesquisador deste estudo, um ser com forte ligação em relação ao espaço que será pesquisado, cabe-nos também considerar a forma da observação participante, o que possibilitará o pesquisador analisar a realidade social que está em seu meio, tentando captar os conflitos e tensões existentes e identificar grupos sociais que tem em si a sensibilidade e motivação para as mudanças necessárias.

De acordo com Marli (1995): “O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade”.

Uma das vantagens que podemos citar em relação à observação participante tem a ver com a possibilidade de um contato real entre o pesquisador e o objetivo a ser pesquisado. Permitindo assim, melhor conhecimento e informações para dar qualidade ao trabalho acadêmico.

A pesquisa foi trabalhada resgatando principalmente, as ações desenvolvidas pelo Projeto Beira da Linha entre os anos que vão de 1991 a 2007. Esse período foi delimitado por considerar que as ações voltadas para a organização, participação e fomentação ao Protagonismo Juvenil foram mais fortes e, também por perceber que hoje, vários jovens da época estão fora do projeto, participando de outros espaços sociais, onde é possível perceber a sua ação protagonista nos vários espaços sociais. Dessa forma, esses jovens são também sujeitos de nossa pesquisa.

A pesquisa de campo ocorreu, ao longo da execução do Projeto, especificamente, no período de março a agosto de 2010, com o propósito de abordar jovens que participaram, ou participam das atividades desenvolvidas pelo Projeto Beira da Linha, educadores populares e gestores do Projeto Beira da Linha, sobre o tema investigado com a pretensão de colher informações objetivas e subjetivas a respeito do objeto de estudo.

A pesquisa documental com consulta a relatórios, atas, materiais didático impressos e depoimentos de ex-alunos participantes do Projeto Beira da Linha também foi considerada. Para Minayo (1994), esse tipo de pesquisa não poderia ser pensado sem a realização do trabalho de campo.

Como instrumento para coleta de dados, aplicamos um questionário com uma amostragem de 24 jovens, entre eles, jovens que participaram e jovens que ainda participam do PBL. O questionário serviu para conhecer melhor o perfil do sujeito que vivenciou no projeto atividades que puderam contribuir com a sua prática protagonista.

Também utilizamos a entrevista semi estruturada como forma de buscar aprofundar nosso estudo e conhecimento acerca do objeto de estudo. Com esse instrumento entrevistamos quatro jovens que viveram a experiência de participar do PBL, bem como, três educadores que trabalharam ou ainda trabalham no projeto, e um membro da Congregação Religiosa Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza que assumiu a função de coordenador geral desta ONG.

Ao longo dos estudos, foram consultadas bibliografias que trazem estudos baseados nas categorias de protagonismo juvenil, participação, cidadania e capital social. Assim como uma literatura que favoreça uma análise do campo da educação popular.

O processo de pesquisa nos tranquiliza quando percebemos a possibilidade de dialogar com outros autores que pesquisaram e escreveram sobre temas que nos respondem e nos ajudam a construir nossa pesquisa. Neste trabalho podemos citar autores, tais como Souza (2008), Ribeiro (2004), Iulianelli (2003), Franco (2007), Costa (2000), Paulo Freire (1997) e outros que nos fomentam a aprofundar determinados temas.

A abrangência das fontes de pesquisa possibilitará uma maior coerência da análise, visto que, os dados coletados serão provenientes da diversidade de opiniões e das contradições supostamente implícitas nas mesmas, o que poderá tornar a investigação mais crítica e eficiente.

Na pesquisa documental, os arquivos contendo relatórios, fotos, panfletos, atas e demais produções são importantes para o nosso processo de construção científica. Assim, essa análise documental nos exige dialogar de forma construtiva com educadores, coordenadores, educando que estão ou que passaram pelas atividades do Projeto Beira da Linha.

Com este cenário apresentado, a nossa pesquisa, torna-se para nós um desafio. Desta maneira, procuramos atender aos objetivos apresentados organizando o nosso trabalho em quatro capítulos, além da introdução,

considerações finais, anexos e bibliografia. Os capítulos estão assim desenvolvidos:

No primeiro capítulo buscamos apresentar uma discussão voltada para a questão do Protagonismo Juvenil, onde o termo ainda em fase de conceituação e familiarização com os espaços educacionais começa a vigorar no seio da sociedade brasileira. Dessa maneira perceberemos que a aceitação do termo ganha tamanha aceitação no Brasil e a nível internacional. Assim sendo, a juventude passa a ser vista como uma fase especial da vida, que exige participação crítica e consciente nas atividades que permeiam o meio a que está inserida.

O segundo capítulo busca estudar algumas categorias, tais como a cidadania, participação e capital social. Para que assim, nos seja possibilitado entender o processo histórico de luta que se travou ao longo dos anos para que o direito de vivenciar tais instrumentos fosse aos poucos se concretizando na vida dos jovens excluídos. Percebemos que, mesmo alguns jovens das classes subalternas tenham conquistado o respeito aos seus direitos, a luta de classes continua intensificada até os dias atuais.

O terceiro capítulo é dedicado para apreciação do Projeto Beira da Linha proporcionando ao leitor, o conhecimento de como este foi constituído, suas origens e seus objetivos. Apresentando um pouco sobre a comunidade do Alto do Mateus, bairro onde está o PBL. Neste capítulo, resgataremos, ainda, algumas atividades voltadas para a juventude que foi desenvolvida por esta instituição.

No quarto capítulo escreveremos sobre algumas situações acontecidas com os jovens que passaram pelo Projeto Beira da Linha, e que marcaram positivamente a história da comunidade trazendo incentivos e quebrando tabus.

CAPÍTULO 01

JUVENTUDE, SOCIEDADE E PROTAGONISMO

2.1 - Juventude e o contexto social contemporâneo

O progresso global traz mudanças e exigências nas áreas de conhecimentos ligadas especialmente, à qualificação no trabalho. Com isso, propícia uma maior necessidade em lidar de maneira eficaz com as novas e avançadas tecnologias que causam mudanças na forma de produção e consumo do mercado consumidor/trabalhista. Com efeito, a população juvenil é afetada com os resultados da globalização e da necessidade de atender as exigências por ela impostas. Assim, o modelo de consumo entre os jovens é redefinido. Com a novidade no avanço tecnológico se proclama a abertura de oportunidades e facilidades para a inclusão social, porém, a realidade mostra que a classe excluída continua sendo marginalizada e, acima de tudo, refém de uma conjuntura meramente polarizadora nas questões socioeconômicas entre as sociedades.

De fato não é fácil ser jovem na sociedade contemporânea, porque se por um lado se constata grandes e significativos avanços tecnológicos e aumentos de produtividade industrial esses ganhos não têm produzido melhores oportunidades de trabalho para eles. (Baquero, 2004, p. 121).

É a partir deste mundo contemporâneo e cheios de mudanças, que nos indagamos sobre qual espaço está sendo preparado para acolher de forma satisfatória os diversos segmentos juvenis presente em nosso meio. muitas vezes, através de expressões, advinda de sua própria vontade sem nenhuma orientação, os jovens tende a construir seus próprios caminhos em busca de sua ascensão social.

É comum observarmos na história da sociedade brasileira, a insistência por muitos anos em não reconhecer a juventude como um segmento propriamente carente, de um olhar especial. Tendo em vista, a falta desse “olhar”, para essa juventude é negligenciado o direito ao acesso aos instrumentos públicos básicos que lhes são necessários para a sua formação juvenil.

Esse acesso aos instrumentos públicos básicos pode ser justificado pela necessidade que o jovem tem de se preparar para que em um futuro próximo,

esteja apto para assumir a responsabilidade de apresentar-se na sociedade. Para isso, ele precisa está munido de valores e atitudes que contribua para o desenvolvimento da nação.

Porém é entre o século XX e início do século XXI que essa conjuntura que perdurava por anos começa a mudar de forma mais evidente. Para os pesquisadores que buscam estudar sobre essa questão, há uma concordância de que, apesar de existir registros sobre as aplicações das políticas públicas para a juventude, os mesmos ainda são em pouca quantidade encontrados. No Brasil, ainda se percebe a falta considerada de estudos que nos apresente como se deram as ações públicas destinadas ao público jovem no século XX.

Em relação à juventude na América Latina, ABAD (2002) escreve que a evolução histórica das políticas de juventude na América Latina foi determinada pelos problemas de exclusão dos jovens da sociedade e os desafios de como facilitar-lhes o processo de transição e integração ao mundo adulto. Considerando, ainda, a pluralidade de questões discutidas e a multiplicidade de atividades que surgiram para o mundo juvenil, percebe-se que, mesmo respeitando as diversidades regionais dos países latino-americanos, ABAD (2002, p.26) consegue fazer, a partir da coleta de escrita de vários autores, uma organização periódica dividida em quatro modelos diferentes de políticas públicas existentes e abrangendo as problemáticas juvenis. São eles:

- 1- A ampliação da educação e o uso do tempo livre (entre 1950 e 1980);
- 2- O controle social dos movimentos juvenis organizados (entre 1970 e 1985);
- 3- O enfrentamento da pobreza e prevenção ao delito (entre 1985 e 2000);
- 4- A inserção laboral de jovens excluídos.

Na história juvenil há um enfoque voltado para a instabilidade que persiste em acompanhar este segmento em toda a sua fase. Uns associam esta questão aos problemas sociais existentes. No entanto, há determinadas ações oferecidas aos jovens, que na sua prática parece não favorecer muito ao seu desenvolvimento social enquanto cidadã crítico. Atividades, como estas, para o jovem é algo totalmente negativo, já que o anula como sujeito e agente social. Por outro lado, há ações que realmente conseguem detectar e atender de forma satisfatória, a juventude que se encontra em situação de risco social provocado pela desigualdade e falta de oportunidades. As ações que vem funcionando e

conseguindo acima de tudo promover o protagonismo juvenil de jovens, principalmente, ligados à classe excluída socialmente, são ações que possibilitam a inserção desse jovem por intermédio de atividades que transformam o seu meio social.

Muitas organizações, sejam elas governamentais ou não governamentais, tiveram em 1990 a influencia do Estatuto da Criança e do Adolescente⁵ para que assim, pudessem de forma mais evidente trabalhar a questão juvenil, no que diz respeito a preparar a criança e o adolescente para ações protagonistas de transformação. Assim, os campos considerados mais urgentes, foram a saúde, educação, segurança pública e futuramente na fase jovem, a presença do desemprego.

Esses campos, elencados, são mazelas apresentadas como problemas reais de uma sociedade excludente, que para amenizar ou quiçar aboli-los da sociedade é necessário investir na formação necessária para que no momento certo essas crianças, adolescentes e jovens, venham protagonizar ações de mudanças, combatendo, principalmente, tais problemas.

2.2- Olhares sobre a juventude: aspectos conceituais

Buscando analisar a faixa etária do que seria uma pessoa jovem, encontramos nos documentos da ONU (Organização das Nações Unidas) que baseados na cronologia humana, a referência de juventude está em indivíduos que estejam entre 14 a 24 anos de idades. No entanto, a Organização Internacional de Juventude (OIJ) tende a ampliar essa faixa etária para os 29 anos de idade. Aqui no Brasil, a faixa etária juvenil foi considerada pela atual gestão federal como sendo dos 18 aos 29 anos. Isso está comprovado quando o governo coloca em alguns de seus programas para a juventude o atendimento a quem está nesta idade cronológica.

Nos escritos de Souza (2008) percebe-se que a marcação etária do jovem se baseava no ingresso desses indivíduos à universidade, que normalmente

⁵ Lei Federal nº 8.069 de 13 de julho de 1990. O Estatuto da Criança e do Adolescente para os movimentos sociais e demais instituições organizadas da sociedade civil foi uma conquista, pois é um método legal que deve, com um olhar especial, defender e garantir os direitos da criança e do adolescente ligados, principalmente, a classe popular. Com o ECA nasce também, os Conselhos Nacional, Estadual e Municipal da Criança e do Adolescente.

acontecia aos dezoitos anos. Antes de alcançar essa idade, os indivíduos das classes favorecidas eram denominados de adolescentes, pré-adolescentes ou em idade menor eram denominadas de crianças. Isso para entender que o jovem da classe trabalhadora nem se quer, podia ser chamado de jovem, era simplesmente um indivíduo qualquer.

Se por um lado é considerada arbitrária a divisão etária para se definir fases da vida, por outro lado se percebe que é necessário fazê-la, para que assim, seja melhor trabalhado o processo de ações voltadas para cada etapa de vida. As políticas públicas, em especial, para o público jovem, já que estes merecem uma maior atenção, garantem conquistas importantes para o campo juvenil gerando assim, reflexos diretos na sociedade como um todo. Vale lembrar, que definido a idade limite par ser jovem, fica claro a faixa etária, e favorece a potencialização pela busca dos direitos, desse modo, o público jovem passa a ter maior visibilidade no Brasil.

De acordo com Margullis e Urresti (1996) o conceito de juventude está ligado a um fator simbólico, visto que, todas as categorias socialmente construídas em relação aos fenômenos existentes, possuem esse conjunto dimensional do simbolismo, porém, a orientação é não se reduzir a este conceito, já que, se assim o fizermos, estaremos empobrecendo o seu significado. Nestas circunstâncias vale ressaltar a necessidade de procurar acrescer a idéia de olhar para tais categorias com uma visão ampliada, considerando as determinações materiais, históricas e políticas que caracterizam cada segmento ou fase da vida.

Buscando entender a visão das pessoas em relação à juventude a partir da realidade social, percebemos que há certa concordância quando se defende que a juventude não pode ser vista unicamente no singular. Visto que, a própria sociedade nos apresenta que não existe apenas um tipo de juventude, e sim, vários grupos juvenis que se apresentam na sociedade com suas características próprias, inclusive, com oportunidades diferentes no acesso ao âmbito social, cultural, econômico, outros.

Essa diferenciação pode ser justificada pelo estudo que nos mostra o meio como principal formador do indivíduo. Nesse sentido é importante perceber o espaço em que o jovem está inserido para que assim, seja possível fazer essa análise. Dessa maneira, se o indivíduo convive em espaços que lhes propiciem

determinadas oportunidades, a exemplo da participação, cooperação, e crescimento intelectual, esse jovem será propício a ter uma vida voltada para ações que venham lhe garantir melhor facilidade para a sua inserção na sociedade. Ao contrário, se o jovem é oriundo de um ambiente sem oportunidades e que não haja ações que o favoreça na construção de uma personalidade crítica, esperançosa, pouco fará esse jovem, em relação a sua limitação intrínseca, para um papel protagonista de transformação.

Esse aspecto apresentado anteriormente, nos permite fazer uma consideração em relação à sociedade que em muitos casos, contribuem para o afastamento de ações públicas que garantam ao jovem seu pleno desenvolvimento.

Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo, etc. (ESTEVES e ABRAMOVAY, 2007, p. 23).

Por esse aspecto podemos responsabilizar a sociedade, pelas ações que movimentam o campo juvenil. Cabe-nos saber, se o que a sociedade hoje oferece a juventude atende de forma satisfatória aos diversos segmentos juvenis existentes. Por esse motivo, é importante considerar que a partir da definição da Sociologia, ser jovem, é fazer parte de duas grandes linhas: a primeira apresenta uma definição de juventude acreditando na existência de um grupo social homogêneo, uma semelhança justificada no direito que cada jovem tem de vivenciar esta fase da vida, em outras palavras, pertencentes a um grupo etário; Já a segunda linha apresentada por este campo da sociologia mostra a juventude como um segmento que se expressa com base na diversidade de jovens espalhados por vários grupos juvenis. Assim, cada grupo de jovens apresenta-se com uma característica própria, formada a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade que são identificados e exemplificados pelas questões socioeconômicas, culturais, etc.

Sendo assim, a juventude seria definida não apenas como um bloco único, ou simplesmente pela faixa etária em que estão todos os jovens, mas seria

essencial perceber a juventude na sua pluralidade, onde a sociedade deve apontar o enorme leque de possibilidades e necessidade presentes nesta categoria. Com isso, juventude teria, de acordo com esta análise, o nome de juventudes, já que é um termo plural.

Para ajudar a identificar que políticas poderão ser aplicadas no campo juvenil, utiliza-se, principalmente, nos dias atuais, da segunda definição de juventude apresentada acima. Isso não significa que a primeira não tenha sentido, de acordo com os autores Esteves e Abramovay (2007) a juventude pode apresentar-se aparentemente com características homogêneas ou heterogêneas. O que vai definir essa caracterização é o enfoque dado na forma da abordagem.

A juventude entendida, principalmente, pela sociedade moderna como uma fase de preparação e transição para a vida adulta, tem esse momento marcado pela contradição de sua própria formação.

Apesar de na fase juvenil já possuir as condições físicas e biológicas que lhes possibilite a inserção na sociedade, introduzindo os jovens no mundo adulto, a própria conjuntura social se encarrega de dificultar tal aproximação juvenil à esta nova etapa. Para a sociedade, o jovem ainda precisa alcançar um nível maior no processo de amadurecimento social. Assim, com a contradição existente na juventude ocasionada pela própria condição transformadora do corpo e mente, pelo descobrimento maior do mundo e pela ausência de oportunidades aos indivíduos desta faixa etária, se percebe um aumento na crise vivenciada pelos jovens.

Dessa maneira, acentua-se no campo psicológico o estudo sobre a “crise da adolescência” focando, principalmente, a fase da puberdade, já que a mesma apresenta-se como momento de transformações biológicas e psíquicas, trazendo para este ser em transformação, a incerteza e insegurança fortalecidas pela necessidade que a sociedade impõe a esses adolescentes. Para esses jovens que estão se descobrindo, e, sendo descobertos pelo mundo, encontra-se sujeitos às novas circunstâncias que os fazem sentir certas exigências no que diz respeito a responder algumas questões em relação ao meio em que vivem a exemplo da cultura, classe social, sexualidade, etc.

Em relação ao campo sociológico, a visão de crise juvenil supera a visão tida pela psicologia em relação à “crise da adolescência”. Para a sociologia a crise

da adolescência não é a única existente para o indivíduo nesta fase de transformações e descobertas. O jovem passa a ser mais procurado pelo campo das ciências humanas, e essa procura talvez se justifique pela expressão e participação juvenil em atividades marcadas pela rebeldia, revoltas e demais ações que levassem as pessoas a olhar para os jovens como uma ameaça à sociedade. Como afirma SOUZA (2008, p. 22) “A juventude, invenção da sociedade moderna, na década de 50 já era considerada uma “ameaça” a estabilidade social, um problema que carece de investigação e intervenção”.

Buscando compreender motivos que fizeram determinados grupos juvenis apresentarem-se causando temor à sociedade, encontramos estudos feitos por diversos autores, a exemplo de Martinez, Valenzuela, (1986); Falleto, (1986); colocações que tentaram justificar tais ações juvenis. Uma delas está ligada ao processo de modernização e desenvolvimento dos países latino-americanos, onde em sua estrutura, a mudança nem sempre agradava ou contemplava a juventude. Sendo assim, havia segundo esses autores, grupos juvenis que reagiam a tal processo e outros que simplesmente aceitavam. Esses últimos eram tidos como jovens conformistas. Quando os instrumentos do projeto de modernização foram percebidos pela sociedade como elementos que não estavam atendendo as expectativas de crescimento econômico, político e de diminuição da desigualdade, foi iniciada uma busca por diferentes possibilidades de reorientação do desenvolvimento.

Para a juventude o processo de transição social de uma sociedade tradicionalista para uma sociedade moderna nem sempre foi bem aceito pela ala majoritária da juventude. Nesse ponto, a sociologia funcionalista latino-americana interpretou recentemente as ações juvenis, baseadas principalmente, na rebelião, como decorrência de uma situação de anomia, causada pela falta de clareza em relação ao papel do jovem na sociedade. Foracchi (1972) considerada como uma das primeiras a estudar sobre os jovens no Brasil não concorda com a colocação trazida pela Sociologia Funcionalista para justificar a rebeldia ou rebelião realizada pelos jovens. Por outro lado, ela foca que o conflito de gerações faz surgir uma “crise da adolescência” que pode provocar no indivíduo dificuldades de perceber que adulto pretende ser. Outro fator citado por Foracchi (1972) é o que

ela denomina de “segunda crise”, ou seja, é quando a sociedade passa a ser contestada em diferentes aspectos, seja ele cultural, político, econômico, etc.

Para o jovem que deve sentir o mundo para poder decidir que adulto pretende ser, torna-se conflituoso quando a sociedade não os oportunizam de construírem o que realmente pretendem ser. Dessa maneira, teremos aí conflitos que originarão dois tipos de comportamentos juvenis: o alienado ou o radical. Assim, encontramos nos escritos de Foracchi (1982, p 26) e Ianni (1963) que a sociologia no Brasil identificou a crise de juventude como reflexo de uma crise que atinge toda a sociedade. Os adultos e jovens, por sua vez, seriam mais atingidos.

Estes, devido a sua particular situação, formariam o contingente mais suscetível às contradições e, por conseguinte, o mais diretamente atingido pela crise, assim como as instituições encarregadas de sua socialização, a família e a universidade. (FORACCHI, 1982, p. 26).

Dessa forma, Foracchi (1972, p 11) denomina juventude como “categoria social” que na conjuntura vai sendo contida pela crise do sistema e os jovens que a compõem como agentes de mudança social.

2.3- Juventude e protagonismo: elementos de um debate

A palavra protagonismo é constituída por duas raízes gregas: prôto, que significa "o primeiro, o principal"; agon, que significa "luta". Agonistes, por sua vez, significa "lutador". Protagonista quer dizer, então, lutador principal, personagem principal, ator principal. Nos escritos de Souza (2008 p 9) ela nos lembra que a palavra “protagonista” etimologicamente é derivada do termo francês “protagoniste”. Ainda segundo Souza (2008, p 9), no Brasil se introduz a utilização do termo protagonista em Língua Portuguesa no ano de 1615 que se assemelha a origem grega prôtos e agonistes.

Em meados de 1980 a palavra protagonismo ganhou aos poucos, destaques em discussões sobre as ações juvenis. Nesse aspecto, vale salientar, que o protagonismo juvenil ainda nos dias atuais é bastante debatido, e inclusive, defendido por muitos que fazem parte do movimento popular, instituições educacionais, governos, etc. Na visão de muitos, protagonismo seria essa

iniciativa tida pelo jovem que por sua vez, demonstra poder em mobilizar os demais para realizar determinada atividade, ou seja, a partir de um jovem protagonista temos a possibilidade de organização e mobilização em busca de algo, inclusive pela melhoria da educação.

O conceito de protagonismo concorda com a origem cênica: ator principal, aquele que tem o papel mais importante na peça, com o qual os demais contracenam numa situação de subordinação, ou com uma diretividade apontada por ele. Nesse caso, o protagonismo é o desempenho dirigido por esse papel fundamental que explica o sentido da peça. Não há como compreender a peça sem a função central desse ator. (IULIANELLI, 2003, p.71).

Organizar os jovens e contribuir para a melhoria e qualidade de vida requer certo nível de conhecimento e organização. No entanto, faz-se necessário registrar que o espírito protagonista precisa penetrar em todos os envolvidos que buscam ascender criticamente obtendo clareza no que está fazendo, porque está fazendo e para que está fazendo. Em outras palavras, a luta não é de uma pessoa, mas de um grupo de pessoas. Nesse sentido, há os que acreditam que o protagonismo é aplicado quando se há um investimento comum a todos, e não em uma única pessoa que muitas vezes é considerada “líder”.

O Protagonismo Juvenil a que estamos nos referindo não é em hipótese alguma dessa natureza. Ele tem outra prioridade. Primeiramente trata-se de ações juvenis coletivas e participantes e o envolvimento da coletividade com a ação. Esse modelo de ação, por conseguinte, não supõe um mecanismo de geração de lideranças individuais, indivíduos líderes (elites), mas a geração de participação e cooperação social. Propriamente, protagonismo é um modelo pedagógico-político de ação. É uma ação educativa que relaciona jovens e educadores ou somente jovens na construção de um processo de intervenção sociocultural. (IULIANELLI, 2003, p.71)

Atualmente a maioria dos autores que escrevem sobre protagonismo, o faz, remodelando o sentido dos sujeitos, ou seja, se antes protagonista na época grega representava o lutador principal, uma palavra voltada para guerra, violência. Hoje esse lutador tem um novo cenário que são os espaços públicos voltados para as políticas para o bem comum da sociedade, e esse lutador passa a ser o ator social. Um ator protagonista que se destaca pela forma de como atua politicamente na sociedade. O jovem deve começar então, em face do

protagonismo a ser aceito como solução, e não como problema. É fundamental que o protagonismo possa ser visto como um processo de desenvolvimento humano que deve favorecer o jovem para que tenha uma formação crítica e cidadã.

O Protagonismo Juvenil, termo que eclodiu nos anos 90 e, atualmente, é fortemente abordado, traz apesar de toda esta discussão, conflitos em relação ao seu significado. De acordo com Costa (2000, p 20), falar de Protagonismo Juvenil é referir-se a um determinado público que está inserido na fase jovem. Isso significa dizer que é preciso entender qual o espaço de tempo na vida que justifique ser denominada de juventude.

A juventude é considerada por muitos que estudam este segmento como uma fase de vida bastante delicada, visto que, é o momento do pleno desenvolvimento do ser humano que aos poucos deve se abrir para o mundo e ocupar de forma responsável o seu espaço na sociedade. É bem verdade que essa responsabilidade nem sempre é trabalhada durante a infância ou adolescência, tornando assim, um fator complicado de se administrar na fase juvenil. Dessa maneira, os conflitos e desafios sociais envolvendo o público jovem, tende a aumentar.

Em um país onde faltam oportunidades adequadas para que os jovens possam garantir o desenvolvimento pessoal e coletivo, consequentemente, o futuro desse jovem, frente a esta situação vulnerável, e o futuro do desenvolvimento do país estarão automaticamente ameaçados.

Nessa perspectiva nos perguntamos sobre o que acontece nos ambientes públicos escolares em relação a propiciarem e até incentivarem os jovens a descobrirem em si atitudes protagonistas? Como se comporta a conjuntura política, sistema capitalista em relação a proposituras de ações que garantam a qualidade da educação e até mesmo, a formação crítica e protagonista dos jovens pertencentes às classes pobres? Será que a comunidade também está organizada a ponto de conhecer o poder que tem para buscar a garantia dos seus direitos básicos, a exemplo da educação, moradia, saúde, alimentação, entre outros?

Formar jovens críticos é importante, porém se torna mais completa uma formação intelectual em que o jovem se percebe e enxerga os demais como seres

humanos. Jovens intelectuais que busquem protagonizar ações, viabilizando melhorias, para o meio em que se encontram inseridos. Desse modo, fortalece a luta em busca dos direitos que lhes são atribuídos, porém, negligenciados por muitos que insistem em não propiciar aos jovens o direito de crescer socialmente, culturalmente, politicamente e financeiramente.

Como afirma Gramsci (1949, p 122) “o intelectual tanto pode ser uma figura que age para a transformação da sociedade ou pode ser aquele que age para a sua reprodução”.

Um relatório da UNESCO⁶ apresentado em março de 2004 tratando sobre o desenvolvimento juvenil mostrou que com a má distribuição de renda no país, a desigualdade social vem se fortalecendo causando entre os jovens acessos diferenciados aos serviços sociais básicos. São os jovens pobres que sofrem essa diferenciação, porém entre os pobres, estão especialmente os negros e índios. Essa falta de oportunidades e a constante negligência aos direitos adquiridos fazem com que, a juventude a cada dia venha na sociedade se apresentando sem uma formação ou atividade definida. Isso, logicamente, causando certo descontrole econômico e social, e, levando esses jovens a uma dependência de outrem para tentar sobreviver nesta conjuntura desigual.

É perceptível que, atualmente no Brasil, o número de homicídios vem crescendo em relação ao público jovem. Encontra-se tanto o jovem que pratica o assassinato, quanto o jovem que se torna vítima. Nesta questão vale salientar que o questionamento adequado a se fazer seria o de procurar entender o que motiva os jovens a realizarem tamanha arbitrariedade. E mais ainda, o que se estar fazendo para que a juventude, os atores destas cenas de violência, tenham garantias de acesso aos espaços educativos e sociais que lhes propiciem a ascensão pessoal e coletiva sem necessariamente recorrer aos atos violentos em busca de sua sobrevivência?

Em relação aos atos de violência praticados ou sofridos pela juventude, nota-se um grande empenho da imprensa em debater determinada causa, porém,

⁶ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura foi fundada em 16 de novembro de 1945.

em sua maioria, sempre colocando a juventude como problema. Não se analisa a conjuntura ou meios que os levaram a esta realidade.

Dentro do Protagonismo Juvenil é fundamental que o jovem seja visto também como parte essencial da solução, não se pode adotar um processo de exclusão juvenil. É preciso propiciar aos jovens espaços para que eles se expressem como sujeitos protagonistas do processo de mudança.

O protagonismo Juvenil surge para também apresentar a necessidade de se fazer presente no processo de resistência às ações excludentes, realizando práticas que lhes garantam o direito de ser jovem com oportunidades de se desenvolverem, e com acesso aos serviços básicos públicos com qualidade.

A palavra “protagonismo” está ligada à capacidade de participar de ações, possibilitando aos jovens o direito de contribuir intervindo ou não nos acontecimentos cotidianos ligados a massa popular, dessa forma, o jovem passa a ser visto como sujeito de participação e transformação do meio em que vive.

A palavra consciência também deve está ligada as ações protagonistas juvenis, visto que, é pela participação consciente e coerente que o jovem exerce o protagonismo. Um jovem consciente e conhecedor da conjuntura política, social, econômica, entre outras, poderá com mais precisão buscar alcançar o que se almeja. O Protagonismo poderá ser estimulado desde cedo, seja na escola ou na comunidade, o importante é propiciar aos sujeitos espaços para que possam ser desenvolvidas suas capacidades de intervenções e trabalho coletivo a partir de uma visão crítica que leve o jovem, a de uma forma satisfatória contribuir com um desenvolvimento social igualitário. Para Paulo Freire (1996) a educação para ser libertadora precisaria contribuir para que as pessoas fossem sujeitas de sua própria história para que assim, possam reagir ao atual plano desenvolvimentista excludente e, ao mesmo tempo, buscar transformar e contribuir com o plano de desenvolvimento humano. Isso pode se dá a partir de experiências vivenciadas pelos sujeitos.

É fundamental garantir ao ser humano, principalmente, a criança, adolescente e ao jovem que estão na fase de decisão e em plena formação crítica, o processo de experiências para facilitar nas escolhas e caminhos que devem ser seguidos pelos mesmos. Preparar uma juventude participativa e engajada, na busca pela transformação social é garantir aos jovens uma atuação

com base na realidade, e longe da alienação praticada pela estrutura excludente posta em nosso meio social, político e cultural.

Observando alguns documentos internacionais escritos por volta de 1985 e 1998, encontramos algumas questões no que tange ao protagonismo juvenil, fato esse que buscava aos poucos denominar a nova forma de participação juvenil. No texto publicado pela ONU em 1998, na Declaração de Lisboa. Segundo Souza (2008 p 101), até então não se tinha uma relação clara entre protagonismo e juventude.

As primeiras relações são referentes às ações negativas ligadas a um protagonismo de violência e conflitos. Em março de 2001 a relação entre protagonismo e juventude surgiu com destaque e, focando positivamente a atuação juvenil. Como afirma Souza (2008, p. 101) “o termo protagonismo veio à tona justamente numa publicação cujo tema central era os projetos - o volume publicado pela Cepal com o título *Protagonismo Juvenil em projectos locais*”.

Foi à fundação Odebrecht⁷ a primeira a usar de forma concisa o termo “protagonismo juvenil” no Brasil. E este uso, segundo Souza (2008, p 103) se deu através de um artigo lançado por esta instituição em 1996, no qual trazia como título – “Protagonismo Juvenil: projetos estimulam adolescentes a atuarem como agentes de ações voltadas para a comunidade”. Já em 1998, em outra publicação lançada pela Odebrecht que falava sobre um encontro realizado em 1995 em Salvador, era possível perceber que o termo “protagonismo juvenil” voltava a aparecer, e desta vez, trazendo uma discussão aprofundada em relação a uma juventude diferente do que parte da sociedade estava habituada a pensar. O referido artigo trazia como principal trabalho a apresentação de uma juventude que precisa ser vista pelo lado positivo, observando uma juventude ativa, participativa e protagonista e não uma juventude que comumente a sociedade julgava, como sendo vazia, conformista e incapaz de realizar ações transformadoras e de se apresentar de forma a expressar uma visão crítica.

A ação da fundação Odebrecht motivava e apostava em projetos que pudessem desenvolver atividades fomentando a criança, o adolescente e o jovem

⁷ A Fundação Odebrecht foi criada em 1965 na cidade de Salvador, Bahia. No início dos anos 80 promoveu debates em comunidades sobre temas de interesse público, tendo como meta ajudar o governo a resolver questões sociais. Buscava contribuir principalmente com projetos que trabalhavam com a formação educativa dos adolescentes, em especial, os nordestinos.

a participar de forma ativa da sociedade. A fundação Odebrecht, acreditava que a mudança social era possível e, que a sociedade precisava enxergar a juventude como força fundamental para esse processo de mudança e de melhoria do meio em que se vive.

Segundo Carvalho (1997/98), outro momento importante que marca a discussão do Protagonismo Juvenil aconteceu em São Paulo, no Memorial da América Latina em 1997, onde foi realizado o Fórum Internacional sobre Protagonismo Juvenil promovido também pela Odebrecht, juntamente, com o Instituto Ayrton Senna e a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Após o encontro o termo “Protagonismo Juvenil” que de acordo com o diretor do Instituto Paulista de Adolescência ainda não era totalmente conhecido pelos brasileiros, foi foco de discussão em várias partes do país. A revista “Pais & Teens”, no final do mesmo ano, em que ocorrera o encontro publicou com destaque na capa questões em relação ao Protagonismo Juvenil.

Carvalho (1997/98) trouxe como reflexão a ação protagonista de vários jovens oriundos de escolas públicas e privadas, principalmente, os que estavam cursando o ensino médio, e, mostrando como esses alunos, efetivaram ações em benefícios dos menos favorecidos. Vejamos a citação do autor, destacando o novo momento da juventude no Brasil:

A cara jovem do Brasil solidário: numa revolução silenciosa, cada vez mais, jovens conscientes e solidários, participam como voluntários em projetos a favor da comunidade – fenômeno chamado de “protagonismo juvenil”, que pode mudar a cara do país (Carvalho, 1997/98, p. 21).

O protagonismo juvenil começa a ganhar espaços na sociedade, e na grande imprensa. Como exemplo, podemos citar o “caderno Zap” do jornal o Estado de São Paulo que publicou em 1998 uma matéria que tratava sobre o protagonismo juvenil. Essa matéria foi baseada no primeiro seminário ocorrido do Faxinal do Céu, Paraná, onde na ocasião, o tema do encontro aparecia como sendo “Vem ser Cidadão”. O evento foi realizado pelo Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania (IIDAC), juntamente com a Fundação Odebrecht, Unicef e governo do estado do Paraná. A matéria do Caderno Zap tinha como título: “Protagonismo Juvenil é sinônimo de cidadão”.

Segundo Souza (2008, p 108) essa matéria também comungava com a revista “Pais & Teens”, em relação a reconhecer que o termo protagonismo juvenil ainda não era familiar aos brasileiros e que a partir dessa percepção deveria se fazer algo para divulgar e buscar formas de familiarização dessa nova maneira de se trabalhar com a juventude. O desconhecimento ainda sobre o termo protagonismo juvenil, fez tornar-se instrumento de muito interesse nos encontros realizados sobre essa questão. E foi a partir de trabalhos sociais que focavam o protagonismo juvenil que o termo começa aos poucos a se propagar e a ter seu significado explicado.

Você sabe o que é protagonismo juvenil? Caso não saiba, não imagina o que está perdendo. E o país também! No último fim de semana, 383 jovens reuniram-se no seminário Vem ser Cidadão, organizado pelo governo do Paraná e pelo Unicef, na cidade de Faxinal do Céu (PR), para trocar experiências sobre projetos sociais nos quais são “protagonistas”. Os jovens mostram-se pouco interessados pela política, mas estão cada vez mais mobilizados pelas mudanças sociais. As provas estão aqui: são apenas cinco dos muitos projetos em andamento no país, tocados por adolescentes. É o protagonismo juvenil. Dê uma olhada e participe (VILLALBA, 1998)

Após Antônio Carlos Gomes da Costa escrever o primeiro livro que tratava sobre a questão do Protagonismo Juvenil (2000), vários outros autores e instituições que já desenvolviam trabalhos com adolescentes e jovens, mesmo sem conhecer o termo protagonismo, buscaram pesquisar e também escrever sobre suas experiências. As práticas na área de protagonismo juvenil definida por Costa, aconteciam no Brasil desde o início da década de 1990. Com o enunciado surgindo nesta década, percebe-se que os organismos internacionais ainda meios que tímidos, começam a adotar em um texto o termo protagonismo.

Foi a Fundação Odebrecht, segundo Souza (2008, p 109) que realizou a construção teórica e sistemática do respectivo termo, contribuindo para a proliferação do mesmo, porém com uma definição mais clara de que o protagonismo juvenil seria uma definição dada ao modelo de participação da juventude na sociedade. SOUZA (2008, p 109) nos traz como exemplo o trabalho desenvolvido pelo Clube de Ciências Onze de Agosto de Muzambinho, em Minas Gerais, que desde 1995 realiza ações com e para os jovens, com características

do Protagonismo Juvenil, porém, não se relacionava ainda esse termo para denominar as ações desenvolvidas pelo Clube Onze de Agosto.

Quando o termo começa a ser melhor conhecido e definido, o Clube de Ciências em junho de 2003, definiu-se como entidade que trabalha com o Protagonismo Juvenil. O interessante é que segundo SOUZA (2008, p 109), isso acontece quando o fundador do Clube de Ciências Onze de Agosto passa a conhecer o livro de Costa (2000).

Após Costa escrever sobre o protagonismo Juvenil, outros autores e organizações, também passaram a escrever, e, a contribuir com a conceituação do termo “Protagonismo Juvenil”. Vê-se que os escritos desses autores e organizações se inspiram em COSTA (2000), a ponto de os conteúdos se assemelharem.

Dessas organizações é possível citar como exemplos, o IIDAC – Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania que criou em 2000 O Centro de Protagonismo Juvenil com sede na cidade de Curitiba, Paraná. Essa ação do IIDAC tem como parceria a Secretaria de Estado da Educação de Paraná. Esse Centro de protagonismo apresenta registros de seminários feitos entre 1998 e 2004 reunindo assim, centenas de jovens.

Outro exemplo que pode ser registrado é a ação Protagonista desenvolvida pelo Grupo Interagir que criou e administra o “Portal do Protagonismo Juvenil”. O Projeto Beira da Linha que é uma Organização Não Governamental de João Pessoa, foco de nossa pesquisa, também é uma das que buscaram a Fundação Odebrecht, e até hoje desenvolvem ações com jovens voltadas para o Protagonismo Juvenil. Sobre o Projeto Beira da Linha trataremos em um capítulo específico deste trabalho.

Em 2002 na cidade de São Paulo em um encontro realizado pelo Orçamento Participativo daquele município para pensar na implantação do Orçamento Participativo Criança, o professor da PUC – Minas e diretor da CPP (Consultoria em Políticas Públicas), Rudá Ricci, apresenta um texto que reforça os pontos conflitantes em relação à criança e ao jovem. Ricci (2002) traz a reflexão sobre a família e a escola que devem assumir a responsabilidade do desenvolvimento cidadão dos mesmos. O mesmo autor, neste texto apresentado, também chama a atenção para a grande onda de violência, gravidez precoce que

deixam à juventude vulnerável, e que podem gerar um desequilíbrio ou desvio de conduta no desenvolvimento juvenil.

O poder público também é citado como espaço que deve ser pensado, disponibilizando ações por meio de projetos que favoreçam a prática do Protagonismo Juvenil. Essas ações podem ser pensadas através de projetos de caráter pedagógico e formativo.

O Sr. Ribas Júnior, diretor executivo da Prattein, que é uma empresa de consultoria também arriscou escrever sobre o termo Protagonismo Juvenil. Em seus escritos, ele fortalece a figura do jovem como solução e relaciona o protagonismo juvenil como sendo uma nova maneira de participar da sociedade de forma ativa, enquanto cidadão. Dessa maneira, ele faz crítica ao ensino tradicional e faz a ligação entre protagonismo e empreendedorismo.

A ação protagonista pode favorecer também, um desenvolvimento integral do ser, fazendo com que os jovens tenham clareza de seus atos respondendo-os com responsabilidades. Assim, o jovem passa de forma consciente a analisar sua própria identidade reconhecendo-se como ser atuante e desenvolvendo-se como sujeito participativo, solidário e autônomo.

Apesar de tantos conflitos, de tantas desigualdades e, conseqüentemente, de tantos desfavorecimentos voltados para a massa popular considerada economicamente pobre, existem neste universo, seres humanos capazes de refletir não só as conseqüências pelas quais estão passando neste espaço desigual, mas, pensar também, no que os levaram a isso.

Neste sentido, essas pessoas que conseguem criticamente analisar e buscar de forma coerente, nomear responsáveis por este descontrole social pode estar desenvolvendo um trabalho característico do protagonismo.

Sabemos bem, que não são todos os jovens que reagem criticamente ao sistema excludente, porém, uma grande maioria, apesar de não terem clareza do potencial que carregam consigo, e, mesmo sendo vitimado pela desigualdade e falta de oportunidades, conseguem de uma certa forma se preocupar com a sociedade, pois ele também faz parte dela.

Dessa maneira, o jovem protagonista tornar-se também um ser especial porque passa a almejar uma sociedade melhor, almeja um mundo que seja perfeito. A partir dessa colocação podemos definir com mais clareza o sentido do

ser protagonista como sendo não aquele que simplesmente deseja, almeja, mas, aquele que age para conseguir alcançar esse desejo. Uma ação que pode partir de uma pessoa e contagiar as demais ou uma ação já existente em que o jovem possa fortalecer.

A atuação do jovem protagonista pode influenciar positivamente aos demais jovens e pessoas envolvidas direta ou indiretamente na ação, alcançando grandes dimensões de participação.

O jovem protagonista é também aquele que cria e formula s de ações para melhorar o meio onde se vive. Mas, nem sempre esse jovem protagonista é visto pela sociedade como um ser especial, e fundamental para dinamizar o processo de reação ao atual sistema excludente. Pelo contrário, várias pessoas os discriminam e tentam exonerar aquele jovem do espaço que se encontra. Isso devido a uma visão distorcida que leva a sociedade a enxergar este jovem, como meramente um aproveitador, que procura beneficiar-se com idéias confusas. Assim, nossos jovens passam a ser impedidos de crescer criticamente e ativamente na sociedade.

Em pesquisa realizada no ano de 2000 pelo IBGE⁸, apresenta-se um grande número de jovens com idades entre 10 e 19 anos, representando assim, 20% da população brasileira. Em todo o território brasileiro são cerca de 32 milhões de meninos e meninas nesta faixa etária. Esses dados também nos apresentam que as políticas públicas para o atendimento a esse público quase não existe, ficando assim, ainda mais difícil o acesso dessas pessoas aos serviços básicos essenciais, como saúde, educação, lazer, entre outros. Constata-se, que as poucas políticas existentes acontecem de forma isolada, não atendendo de forma integral aos adolescentes e jovens nesta faixa etária.

Contrapondo a essa deficiência do poder público, surge no Brasil um crescente movimento que busca criar projetos e programas, que fomentem a presença do protagonismo nos jovens das classes populares. Esses projetos tinham como meta principal, a construção coletiva de atividades que fossem lideradas pelos adolescentes e jovens. Deste modo, almejava-se, desenvolver prática protagonista aperfeiçoada nas experiências em que os jovens eram convidados a participar.

⁸ Sigla de Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Para Antonio Carlos Gomes da Costa⁹ (2000, p 176), o protagonismo é definido pela “participação autêntica”. Em outras palavras significa dizer que a relação da escuta e prática, dessa maneira, possibilita o desenvolvimento do protagonismo juvenil. Assim, devemos olhar para o adolescente e jovem, não como um ser que apenas recebe ordens de como deve agir, e o que se deve fazer, mas ao contrário, é preciso considerar suas opiniões e garantir uma discussão com base em seus argumentos.

Ainda seguindo o pensamento de Costa (2000, p 177), percebemos que ele enfatiza para o fato de que, o protagonismo não é uma ação pontual, não é algo que se consegue em um encontro ou oficina. Mas, ao contrário, é uma conquista que deve ser trabalhada ao longo do processo de formação do indivíduo. Segundo estudos realizados nesta área, as pesquisas voltadas para a fomentação da participação dos adolescentes espalhadas pelo Brasil mostram que o protagonismo causa efeito positivo na vida dos jovens adultos. Dessa forma, nos parece lógico acreditar que esse jovem que teve oportunidades de desempenhar suas habilidades e vivenciar experiências de participação e construção de ações, terá em sua vida adulta melhor facilidade para atuar enquanto cidadão crítico e participativo na sociedade.

É importante que esteja claro que algumas atividades de participação desenvolvidas, e que são nomeadas de ações protagonistas, não passam de meros processos manipuladores, e, que nada tem a ver com o protagonismo juvenil. Um exemplo desse fato é quando se propicia aos jovens espaços de “participação”, porém, as decisões não são democráticas, e, os jovens não conseguem ter suas s expostas, muito menos, consideradas. As “participações” decorativas, simbólicas, também são formas de negação ao processo protagonista. Dessa maneira, o jovem que convive neste espaço tende a se prejudicar por não ter desenvolvido práticas de democracia, participação, autonomia, solidariedade e competência.

A sociedade que investe no trabalho com os adolescentes e jovens de maneira coerente, participativa e democrática tende a formar sujeitos que serão essenciais para contribuição do processo, de transformação e desenvolvimento local. A vivacidade presente nos jovens acompanhada de energia e valores que

⁹ Educador Especialista em Adolescência.

estão sendo construídos são potenciais importantíssimos presentes nos jovens, mas, que a sociedade, em sua maioria, ainda não reconheceu e, ainda, não aprendeu a utilizar de maneira satisfatória.

Oferecer ao jovem possibilidade de vivenciar experiências é fundamental, pois, é nessa fase da vida em que o jovem busca experienciar diversas situações que lhes são alcançáveis. Se os poderes públicos e a sociedade oferecem ao jovem espaço que lhes propiciem aprendizados significativos e importantes para a vida cidadã, estaremos diminuindo as chances desse mesmo jovem escolher caminhos que não são sadios ou legais em nossa sociedade.

Ignorar a presença do jovem ou mais que isso, não oferecer oportunidades coerentes de desenvolvimento para os mesmos fechando-lhes as portas para a sua formação crítica, intelectual e cidadã poderá fazer de uma nação em um futuro não muito distante, um espaço com grande ausência de novas lideranças, ficando assim, uma nação de velhos líderes.

É preciso entender que a juventude talvez não tenha adquirido ainda, conhecimento ou potencialidade total, para apresenta-se superior a um líder antigo, mais vivido, melhor preparado, a ponto de assumir determinadas atividades, porém, cabe aos líderes antigos, mais vividos e melhores preparados compreender que novas lideranças precisam ser formadas para que haja uma continuidade dentro da dinâmica de um país.

Analisando sobre as lideranças que morrem e outras que nascem, torna-se claro para nós, que haja uma dinâmica de formação de determinadas lideranças para que aos poucos venham ocupar os lugares dos líderes mais antigos. Porém, essa preparação juvenil acontece mais nos espaços da classe abastada, o que se torna para nós pesquisadores, não uma formação protagonista, mas uma mera moldação do jovem que é programado para exercer determinada atividade quando alcançar o momento ideal. Por isso, é essencial que não haja confusão entre o processo de formação protagonista e o processo de moldação de um ser.

Na formação protagonista podemos destacar o trabalho voltado para despertar a liderança fomentando-o um processo de transformação pessoal e coletiva. Já a formação moldada, tende a preparar o indivíduo induzindo-o a uma situação de “liderança” que deverá atender determinadas orientações sem meramente se preocupar com o desenvolvimento coletivo, solidário, entre outros.

É um total ato individualista motivado pela sede ao poder. O primeiro logicamente está mais presente na massa popular, já o segundo está mais ligado à juventude abastada. Isso não significa dizer que, por exemplo, na classe dos jovens abastados não possa acontecer o processo formativo característico da massa popular e vice-versa.

CAPÍTULO 2

JUVENTUDE, PARTICIPAÇÃO E CIDADANIA

3.1 - Juventude e cidadania

O estudo sobre cidadania nos faz buscar na história da humanidade indícios do surgimento desta nomenclatura que, de acordo com Barbelet (1989) o termo cidadania surgiu há mais de dois mil e quinhentos anos. Com a formação das classes durante esses anos, observamos que toda uma estrutura social, política, cultural e econômica sofreu ao longo dos anos diversas modificações.

Ao falar sobre cidadania o nosso pensamento nos leva a relacionar este termo a um conjunto de direitos que devem ser garantidos a todas as pessoas. Por muito tempo se imaginou que cidadania era apenas a pessoa que vivia na cidade. Dessa forma, a população da zona rural ficaria descoberta dos benefícios destinados aos cidadãos. Com o tempo, surge a necessidade de se fazer melhor essa discussão para que a cidadania ultrapasse os limites de estados e localidades.

A conceituação deste termo abrange hoje uma amplitude de ações que a sociedade precisa ofertar ao cidadão, tais como, saúde, moradia, educação, lazer, entre outros. Isso acontece ao mesmo tempo em que o cidadão precisa trabalhar para garantir a sua inclusão social. Dessa maneira, podemos definir que cidadania, hoje, é a relação entre uma sociedade política e os seus membros.

Para que a cidadania fosse uma discussão universal foi preciso acontecer grandes guerras que com certeza, abalaram a estrutura política e econômica de várias nações.

Partindo desse princípio Sorto (1999, p. 9) diz que:

A experiência terrível de duas grandes guerras mundiais motivou os líderes políticos a criar a Organização das Nações Unidas e a confiar-lhe a tarefa de evitar a guerra entre as nações e de difundir a teoria e a prática dos direitos humanos como condição necessária à paz mundial.

Nesta estratégia política, nasce a ONU (Organização das Nações Unidas) que na sua missão, deve garantir que a guerra entre países não mais aconteça. Para isso, em 1948 a ONU cria e torna pública a “Declaração Universal dos

Direitos Humanos”, em que através desta, a perspectiva era a de difundir a relação humana dentro de direitos comuns para que assim, fosse possível acontecer à paz mundial. Nesse cenário, as mulheres, crianças e estrangeiros passam a ser vistos como pessoas de direitos.

Os direitos universais, que por lei deveriam ser respeitados, tais como o de liberdade, igualdade e solidariedade são em muitos casos negligenciados e negados ao povo que mais necessita. Entre esses direitos podemos relacionar aqueles básicos e necessários, como o direito a educação, saúde, moradia, alimentação, distribuição de renda, entre outros.

É diante destas dificuldades que as comunidades mais excluídas são desrespeitadas e modeladas a viverem em uma situação desigual e de extrema carência das mínimas condições de sobrevivência. Perante a lei brasileira, todos somos cidadãos, já perante o recebimento das condições mínimas de sobrevivência não podemos, infelizmente, nos sentir como tais.

De acordo com a história da humanidade, o termo cidadania surge das origens gregas, e, está possivelmente ligada aos séculos VIII e VII antes de Cristo relacionando-se especificamente a Polis¹⁰ daquela civilização. Sua definição estava ligada a política, ou melhor, participação política. O que nos faz remeter a idéia de que a organização urbana estava em destaque naquela ocasião contribuindo, assim, para o desenvolvimento das póleis. Dessa forma, a proximidade das palavras Polis e Política parece justificar a de cidadania como forma de participação. Apesar de ter ocorrido diversas mudanças em seu significado ao longo dos tempos, a conceituação inicial foi fundamental para a construção do significado atual do termo Cidadania.

É bem verdade, que para se chegar ao conceito atual de cidadania, muitos conflitos em relação ao seu significado ocorreram no seio das sociedades. Na Grécia, por exemplo, se considerava cidadão toda a pessoa que nascesse em terras gregas. Dessa maneira, os cidadãos gregos eram os que podiam participar de forma ativa das principais atividades econômicas, políticas e sociais. Já os que viviam nestas terras, mas, que não eram naturais dela, ficavam conhecidos como

¹⁰ A **polis** (πολις) - plural: *poleis* (πολεις) - era o modelo das antigas cidades gregas, desde o período arcaico até o período clássico, vindo a perder importância durante o domínio romano. Devido às suas características, o termo pode ser usado como sinônimo de cidade.

estrangeiros, sendo vedados a esses, os direitos de participação efetiva na vida política daquela localidade. Na antiguidade, as mulheres, as crianças e os escravos também não eram considerados cidadãos.

Com o avanço das reflexões sobre o termo cidadania, ocorreram mudanças no seio político da Grécia, modificando as estruturas de relação. Com essas transformações os estrangeiros passam também a ser considerados Cidadãos.

A forma de participação também havia sofrido alterações, o poder de participação, debate e deliberação que antes parecia pertencer a uma cúpula composta de algumas pessoas, ampliou-se para a categoria dos cidadãos. Dessa maneira, mesmo ainda a cidadania fosse ligada à política, percebe-se um avanço no campo democrático, com aumento no estímulo para a participação popular. De acordo com ARENDT (1995), mesmo com essa “abertura” democrática o povo, na ocasião cidadão, ainda demonstrava timidez ou certa insegurança em participar de forma ativa desses espaços discursivos e decisivos, favorecendo assim, a ampliação de uma cultura alienada e passiva diante de seus direitos.

Buscando citar outros exemplos, em Roma o processo de conquista ao direito de ser cidadão vivenciado pelos menos favorecidos, naquela época, denominados de plebeus¹¹ não foi diferente do que citamos acima. Apenas parte da população romana considerada nobre poderia ser considerada cidadã e receber os méritos e direitos que esta condição política trazia.

A plebe, aos poucos, dentro de suas possibilidades de reação, conseguia reverter este quadro desigual, porém, mesmo após o termo cidadão ser ampliado para todos os que nasciam em Roma, à forma de participação e decisão ainda era bastante manipulada e monopolizada pela elite dominante da época. Todos eram cidadãos, porém, existiam critérios que diferenciava os seus direitos.

Diante deste cenário, o conceito de cidadania formado pela sociedade Greco-romana aparecia com uma dualidade conflitante: de um lado apresentava-se a cidadania como forma de promover a democracia ideal, por outro lado, se vivenciava uma cidadania onde a democracia não conseguia respeitar de forma

¹¹ Pessoas de Roma que não faziam parte da nobreza e eram considerados extremamente pobres. A plebe também se referia as pessoas que habitavam em Roma, porém eram estrangeiras.

igualitária, a vivência dos direitos pelos cidadãos romanos, já que existia uma negligência no cumprimento básico aos direitos adquiridos.

Atualmente a forma de vivenciar a democracia, pode ter evoluído, porém, em relação ao cumprimento e a garantia aos direitos dos cidadãos, principalmente, aos mais necessitados, nos aproxima de forma surpreendente da época Greco-romana.

Hoje, no Brasil, conseguimos vivenciar um processo político republicano que tenta nos trazer a idéia de um país democrático e de vários direitos ofertados aos cidadãos brasileiros. Porém, parece-nos conflitante a idéia de termos dentro de nossa cidadania práticas desiguais que fazem os cidadãos desta nação desconhecer o sentido democrático que deveriam vigorar em nosso meio.

Essa morosidade na concessão dos direitos aos cidadãos é um fator que se agrava muitas vezes, pelo fato de existir uma ausência organizacional da população mais prejudicada, com a negação da cidadania, ou seja, os pobres.

Lembrando, ainda, da Grécia antiga, a timidez do povo em se manifestar enquanto cidadão de direitos nos faz observar, que apenas garantir ao indivíduo a nomenclatura de cidadão, não era suficiente para movimentar a população a participar de forma efetiva do processo democrático, que deveria vigorar no seio da sociedade. Com isso, percebe-se que é necessário focar em situações que tragam garantias que possam superar os interesses individuais fazendo acontecer à valorização pelos interesses comuns.

Apesar de falarmos da Grécia antiga, citando este comportamento tímido da população em participar, nossa atual conjuntura nos remete a vivenciar experiências semelhantes. Sendo assim, hoje, no Brasil, também falta maior movimentação popular, em busca de interesses coletivos que garantam pelo menos a condição mínima de sobrevivência para os cidadãos diferentemente de classes sociais.

Voltando para a história romana, percebemos que o conceito de cidadania, antes unicamente ligado a política, consegue obter referências em outros campos discursivos, a exemplo dos direitos civis e sociais.

De acordo com vários autores, na idade média, mais precisamente após a queda do Império Romano, o conceito de cidadania foi deixado de lado, dando lugar a outros interesses, como por exemplo, a questão religiosa, que tornou-se

foco de discussão, sendo prioridade absoluta nos debates e negociações que se realizavam.

Nesta nova forma de organização e, foco de discussão, surge o clero e a nobreza, esses fazendo parte do grupo que detinham o poder e usufruíam dos direitos que antes, pertenciam a todos os cidadãos romanos.

Com o renascimento urbano, esse cenário começa a se transformar e mais uma vez, a de definir a cidadania como igualdade entre todos foi resgatada. Com esse novo quadro político, o clero e a nobreza deram espaço à burguesia que se apresentou como grupo atuante no processo de aquisição de poder e comando.

A formação dos Estados Nacionais trouxe o desenvolvimento mais acentuado do capitalismo que por sua vez estimulava os burgueses a espalharem uma nova forma de pensamento que pudesse superar as s trazidas pela reforma religiosa do século XV, onde a Igreja passa a valorizar mais a questão espiritual. Para combater essa questão, e ganhar espaço na sociedade os burgueses passam a defender, e, propagar maior autonomia e liberdade de pensamento aos homens considerados comuns.

Contemporaneamente, temos um conceito de cidadania oriundo das lutas sociais ocorridas, principalmente, nos séculos XIX e XX. Existe uma grande diferença desses séculos para os anteriores no tocante a cidadania, pois, é nesta época que o Estado passa a controlar os direitos e deveres dos cidadãos, visto que, a cidadania consegue contemplar a todos, inclusive a massa popular. Neste caso, era preciso fazer com que a classe subalterna seguisse corretamente as orientações em relação aos seus direitos, bem como atender e seguir corretamente com os seus deveres.

O Estado passa a regulamentar os direitos dos cidadãos e a restringi-los, ou cassá-los em determinadas conjunturas históricas. A questão da cidadania deixa de ser conquista da sociedade civil e passa a ser competência do Estado. (GOHN, 1992, p. 14).

Os grupos organizados da sociedade civil expressam suas idéias, e trazem também, uma acepção ao conceito de cidadania. Nisto, apresentam e defendem a “cidadania coletiva”. O que vai impulsionar a busca pela cidadania coletiva é exatamente a desigualdade econômica, social e política, bem como a exploração

a massa popular provocada pelo forte massacre aos trabalhadores, negligenciando, assim, os direitos a dignidade humana.

Esse contexto faz com que se crie um novo agente mobilizador que passa a ser denominado de movimentos sociais. É exatamente a partir dos movimentos sociais que os seus integrantes trabalham para garantir a luta pelos interesses coletivos. Essas lutas vão atender a diversas necessidades, apresentadas por este público que compõem a massa popular.

O cidadão coletivo presente nos movimentos sociais reivindica baseado em interesses de coletividade de diversas naturezas. Assim, temos grupos de mulheres que lutam por creches, grupos de favelados que lutam pela posse da terra, grupos de moradores pobres que lutam pelo acesso a algum tipo de moradia etc. (GOHN, 1992, p. 16).

Assim, a cultura da luta em favor da coletividade passa a fazer parte também, das ações de formação e incentivo ao protagonismo juvenil. A partir dessa ação, colabora-se para que a energia da juventude seja utilizada de forma inteligente, garantindo a cidadania de sua comunidade, do meio em que está inserido. Desse modo, busca contribuir com uma cidadania que atenda de forma integrada aos mais necessitados e aos mais distantes dessa prática cidadã. Isso porque lhes é negado em muitos casos, o direito de vivenciar de forma digna a sua vida.

Com isso, a juventude tende a se mobilizar e a contribuir com a insistente busca pelos direitos da juventude, em ter espaços de lazer, escola de qualidade, saúde e emprego. Uma mobilização que vai depender de uma orientação a este segmento juvenil, visto que os mesmos, em sua maioria, ainda, não conseguem compreender de forma precisa o contexto em que estão inseridos na sociedade. Essas orientações sejam dos movimentos sociais, ONGs ou escolas devem funcionar como agente condutor do processo de resistência e participação juvenil nessa ação cidadã.

3.2 - Juventude e participação social

A cultura social de um país denominado democrático nos transmite a idéia de que a participação social é a responsável por definir a estrutura política de nosso país. Porém, cabe-nos, como afirma Sales (2006, p 116), questionar sobre que conceito de participação é esse, pois este termo além de ser bastante utilizado contemporaneamente, traz por diversos momentos situações que demonstram significados antagônicos. Os partidos políticos, poder público e a própria sociedade civil organizada, são exemplos de diferenciação em relação à prática da participação.

Começamos a investigação percebendo que é comum encontrar em relatórios que são preparados por instituições, sejam elas governamentais ou não, em que seu conteúdo surge a confirmação de que a participação por parte dos integrantes aconteceu em relação à determinada atividade que estava sendo lembrada através do relatório.

Um dos mecanismos utilizados para verificar a veracidade do que se escreveu era justificado pelo fato dos participantes haverem falado. O fato de falar não necessariamente significa dizer que existiu participação, haja vista, que o processo que levou pessoas a falarem durante o encontro relatado, podem ter sido forçadas sem a devida intenção de se expressarem. Se acontecer desta maneira, a participação não existiu, pois como afirma Sales (2006, p.117) “obrigar a falar é uma prática autoritária. É negação de participação”.

O processo que pode levar o indivíduo a se pronunciar contra sua própria vontade é o fato de se encontrar pressionado, seja através de técnicas de dinâmicas, utilizadas pelo facilitador ou organizador do encontro, que faz com que todos os presentes, possam pronunciar algo que venha a servir para uma possível avaliação ou andamento dos trabalhos. Nesta situação, o indivíduo que está sendo forçado a falar acaba por verbalizar algo que não é verdadeiro, está falando apenas para se fazer cumprir o que estar solicitado.

Outro mecanismo utilizado para se afirmar que houve a participação, é a quantidade de pessoas presentes. Bem sabemos, que na prática não basta apenas estar presente para se considerar a existência da participação, é preciso muito mais do que simplesmente estar ali. De acordo com Aracate (2006) “participação é algo que se aprende ao longo da vida”.

Atualmente temos um cenário social em que a organização comunitária vem a cada dia perdendo a capacidade de reunir as pessoas, a fim, de participarem de forma concreta do processo de análise e transformação do meio em que se vive. Isso influenciará negatividade para a formação do ser protagonista.

Analizando a temática da participação por parte do poder público Sales (2006, p 42) nos apresenta o exemplo da administração pública municipal em Camaragibe, onde o Partido dos Trabalhadores vem há anos assumindo a gestão. E dessa gestão surge o Orçamento Participativo¹², como uma forma encontrada pela administração municipal, de oferecer a população um encontro com o poder público. Esses encontros acontecem nas comunidades denominadas de regiões orçamentárias, e a forma de como é realizado esse processo, recebe por parte da administração pública a denominação de Participação.

A cidade de João Pessoa adotou também essa experiência, no ano de 2005, porém com o nome de Orçamento Democrático. Apesar da mudança no nome, o objetivo das gestões são os mesmos, ou seja, afirmam que a oportunidade está sendo oferecida e que desta forma o processo de participação popular vem acontecendo de forma extraordinária. Na capital da Paraíba foram formadas 14 regiões orçamentárias.

Concordamos que a proposta é bastante interessante, porém, como afirma Sales (2006, p 119) é preciso ter cuidado quando achamos que essa forma garante a participação plena da população. É mais provável que este processo faça gerar uma negação da participação. Para melhor entender, as audiências públicas, como são chamados os encontros do orçamento, tem um mecanismo de animação que faz com que, chegando às comunidades, haja por parte da administração pública questionamentos aos moradores sobre as necessidades e problemas que eles vem enfrentando.

A negação da participação que Sales fala está exatamente neste ponto. Por que a gestão não chega perguntando os direitos que estão sendo negados

¹² Espaço onde a gestão municipal encontra com as comunidades locais para se debater junto com a população sobre as prioridades que devem ser aprovadas para aquela localidade. Após aprovada às prioridades o recurso público deverá ser destinado a estas obras escolhidas pela população. Nesse processo do Orçamento Participativo a cidade é dividida em regiões orçamentárias e em cada uma delas, são eleitos delegados e delegadas do Orçamento Participativo para que fiquem representando a população junto ao poder público municipal.

aos moradores daquela comunidade? Ao falar em problemas surge um conflito interior no indivíduo que o faz sentir-se inferior, necessitado e, ainda mais, acrescenta-se de um sentimento de gratidão ao perceber que a gestão se comprometeu em resolver três, dos tantos problemas colocados pela comunidade.

Dessa forma, além de terem a autoestima podada, pois agora se sentem uns coitadinhos, pobrezinhos, o conhecimento de que essas carências só existem porque há uma falha na distribuição de renda, na questão política e na ausência de organização serão automaticamente omitidas, e, não serão discutidas. Isso poderá causar um processo crescente de alienação e de comodismo, gerando assim, a não participação do indivíduo.

A participação juvenil em determinadas atividades são fundamentais para que o jovem adquira uma melhor preparação que lhes seja útil para a vida. Dessa maneira parece coerente, e até necessário propiciar aos jovens viver experiências práticas, principalmente, as que abordam o empoderamento, pois, segundo Cordeiro (2009), o jovem que consegue vivenciar tais experiências, tem mais possibilidade, do que os que não conseguiram passar pelo mesmo processo, de adquirir um comportamento atencioso, e melhor condição de se tornar um jovem ativo, crítico e consciente.

Assim, se faz necessário compreender que a juventude não pode ser generalizada, precisa-se entender o espaço, o meio em que os jovens se encontram, para que assim, sejam feitas atividades que garanta a receptividade do jovem em formação.

Não se pode discutir a participação dos jovens sem levar em conta as relações de poder e a luta pela igualdade de direitos. É importante que todos os jovens tenham oportunidade de participar dos programas que afetam sua vida diretamente. (COSTA, 2000, p. 28).

As fases da vida que cada ser humano passa, são marcadas de atitudes advindas dos indivíduos, e essas podem ser fundamentais para o desenvolvimento pessoal e coletivo de um determinado espaço. No entanto, pode ocorrer também efeito contrário, ou seja, algumas atitudes simplesmente não conseguem representar o interesse do conjunto. Dessa afirmação, podemos mais

uma vez reforçar que a vivência propiciadora da aquisição do conhecimento pode ser extremamente significativa para a formação da personalidade do indivíduo.

Falando especificamente da fase juvenil, Cordeiro (2009), avalia como uma das fases primordiais, que o jovem passa a desenvolver intrinsecamente o sentimento de inquietação social. Deste sentimento surge a necessidade de reagir a tal perturbação. É exatamente neste momento, que a preparação e experiência vivenciada por este indivíduo fará na prática uma grande diferença.

A responsabilidade que a sociedade coloca sobre os jovens colocando-os como principais atores do futuro fez com que, durante muitos anos a juventude fosse vista como um meio de transformação social. Hoje a discussão travada com mais precisão, especificamente, mais fortalecida em 1990 com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, é que a juventude deve ser tratada como uma fase que tem início e fim. Isso se justifica pelo fato de que as políticas públicas devem chegar a esta categoria propiciando-lhes instrumentos que contribuam para o seu desenvolvimento.

Na visão protagonista, a participação acontece quando o indivíduo consegue em determinadas ações, acompanhar, entender, se envolver e de uma forma ativa contribuir para que a ação seja efetivada.

É bem verdade, que alguns autores ao falar sobre protagonismo juvenil colocavam-nos o entendimento de que a ação protagonista acontecia por intermédio de um jovem, que através de iniciativas própria, e, individual conseguia fazer acontecer determinada atividade.

Outros autores, em especial Iulianelli (2003) coloca que a ação ou participação de jovem protagonista acontece verdadeiramente quando a iniciativa própria ou individual consegue envolver o coletivo na atividade desejada. Um envolvimento consciente, crítico e construtivo, em que os envolvidos somam-se com s que impulsionam a concretização da ação.

A escola é fundamental para que as crianças, adolescentes e jovens vivenciem experiências de participação, e desenvolvam seu intelecto para a construção de um ser protagonista e, conseqüentemente, transformador do meio em que vive.

A educação formal brasileira traz em seus objetivos a missão de trabalhar com o aluno a formação integral, focalizando a cidadania, a preparação profissional e a formação completa do ser.

Essa base educacional traz como referencia os quatro pilares da educação apresentada pela UNESCO: aprender a ser, aprender a fazer, aprender a aprender e aprender a conviver. Costa (2000, p 49), afirma que o protagonismo consegue entrelaçar-se nessas dimensões, assemelhando-se se aproximando da formação cidadã, garantindo com mais precisão a formação da identidade, o descobrimento da capacidade intrínseca e a sua utilização para intervir no meio em que vive.

Resta-nos questionar se os espaços públicos das escolas estão conseguindo vivenciar com a comunidade estudantil situações que desenvolvam a criatividade, solidariedade, entre outros atributos que possam garantir a atuação protagonista.

Se essas situações não acontecem, os adultos acabam privando as crianças, adolescentes, jovens e até, mesmo outros adultos de se expressarem como realmente sua mente ordena. Atitudes como estas, podem gerar um bloqueio irreparável, na vida dessas pessoas que tiveram suas oportunidades negligenciadas. Sendo assim, não haverá relações sociais, interpessoais que traga sucesso na formação protagonista daquele indivíduo.

A negligência social em omitir o direito de o jovem participar, pode levar a uma falsa forma de participação, ou seja, pode acontecer uma participação passiva, manipulada, em que os indivíduos participam de determinadas atividades sem a mínima compreensão da causa que está envolvido. E quando não há noção, sentido para responder ao que se está fazendo, logicamente haverá um desânimo, uma fomentação ao comodismo e á passividade.

A participação é decorativa, quando os jovens estão ali, somente por um lanche, um passeio, um espetáculo e tentam fazê-los crer que a sua presença significa adesão a determinada causa.

Contrário, a esta situação pré-determinada, a participação juvenil acontece quando se dá ao jovem o direito ou a oportunidade de praticar, vivenciando experiências de resolução de conflitos e, contribuindo para o processo de intervenção. Essas vivências podem ocorrer na própria escola, desde a eleição de

representantes de turmas, grêmios estudantis até a participação nas decisões coletivas em relação ao andamento escolar.

Se as crianças, adolescentes e jovens conseguem encontrar espaços de participação que os façam desenvolver as habilidades de maneira responsável, em que os mesmos sintam-se pessoas fundamentais na sociedade. A partir de situações como estas, podemos afirmar que serão grandes as possibilidades desses indivíduos de serem pessoas ativas e participativas, caso contrário, se eles não encontrarem espaços, que os ajudem a desenvolver essas habilidades de forma responsável, poderão herdar uma personalidade comodista e irresponsável.

Diante dos vários significados atribuídos ao termo “participação” nossa pesquisa será baseada na conceituação trazida pelo Protagonismo Juvenil, na qual a participação é tratada como um processo de construção e formação do cidadão crítico e ativo na transformação do meio em que está inserido.

3.3 - Participação juvenil e capital social

O Capital Social começa a surgir fortemente no meio acadêmico por volta de 1916 trazendo nesta época estudos de Hanifan (1916) que investigava as ações das escolas comunitárias rurais dos Estados Unidos e sua relação social com as comunidades vizinhas.

Apesar de o capital social ter o seu conceito bastante difundido nesses últimos anos, sua definição no campo epistemológico e metodológico, ainda continua trazendo diversos questionamentos ao seu respeito.

Mesmo ainda existindo dúvidas em suas definições, o capital social que aqui trataremos, tem a ver com a definição apresentada por Schmidt (2004, p. 147), que defende a existência da cooperação, redes, valores e relações de confiança entre as pessoas para que assim, possa-se gerar a busca por objetivos comuns.

Essa categoria do Capital Social teve sua popularidade em alta na década de 80, século XX, quando outros estudiosos, a exemplo de Pierre Bourdieu (1998), James Coleman (2000) e Robert Putnan (1996) decidiram aprofundar o conhecimento ampliando sua definição, dando-lhe novo sentido, ou seja, a forma do Capital Social é ampliada para além, das atividades não formais nas

comunidades rurais. Sua nova definição faz surgir diversos âmbitos de pesquisas e práticas sociais. A confiança, harmonia social são exemplos de ações que possibilitam perquirir o Capital Social nos vários espaços em que é usada.

As principais variáveis do capital social são a confiança, a cooperação e a participação política dos cidadãos, que colaboraram para implementar políticas públicas a fim de que estas se tornem eficazes para o desenvolvimento das comunidades. (NAZZARI, 2006, p. 204).

Seguindo esta análise, é possível perceber que o jovem que detém o capital social consegue ver o mundo com outros olhos, consegue ter uma visão mais ampla do mundo que o cerca, e consegue também realizar criticamente uma análise sobre as condições que lhes rodeiam.

Em outras palavras, o jovem passa a participar ativamente da vida de sua comunidade, cidade e nação. Se o capital social é esse instrumento de empoderamento do cidadão causando mudanças sociais, culturais e de relação com o outro. Por que não se percebe por parte das agências políticas, uma fomentação maior para que esse capital social transformador possa ser alcançado, por mais cidadãos, que ainda vivem na descrença de que nada poderá melhorar em sua vida? Por que neste caso, se observa mais a presença de ONGs nas comunidades periféricas fazendo um trabalho que deveria ser feito pelo poder público?

O Capital Social que por sua vez, como citado acima busca trabalhar a confiança, cooperação e participação política dos cidadãos é ameaçado de se desenvolver nesta conjuntura capitalista e atual, na qual as famílias vão ganhando novas definições e o mercado cada vez mais competitivo leva a escola manobrada pela estrutura capitalista, a preparar o indivíduo de forma a tentar alcançar uma oportunidade no mercado de trabalho. Uma preparação que vai fortalecer ações que tem como foco a concorrência e o individualismo.

Com o distanciamento da família, o jovem se encontra muitas vezes perdidos nessa ausência de orientação. Dessa forma, eles terão dificuldades em se aproximar ou desenvolver a proposta do capital social. Assim, muitos jovens são excluídos do processo democrático, que deveria ser vivenciado no processo de formação e desenvolvimento desde criança. Para Nazzari:

A revisão dos estudos de socialização política aponta para a importância das primeiras experiências formativas das crianças e jovens. Essas experiências têm influência decisiva na vida adulta, favorecendo o aprendizado participativo e cooperativo. (Nazzari, 2006, p. 207).

Desse modo, tendo o jovem, um espaço de crescimento onde se é trabalhado a prática da confiança, cooperativismo e participação política em uma linguagem acessível a sua fase, com certeza ele terá melhor facilidade em desenvolver essas ações na sua vida adulta.

Porém, considerando que hoje, as famílias vivem em estado de reformulação e que em muitos casos, os responsáveis pelo jovem no âmbito familiar também não teve a oportunidade de vivenciar em sua vida, tais experiências de confiança, cooperativismo e participação política, fica inviável se transmitir algo que não tem. Dessa maneira, o poder público no âmbito de suas políticas públicas se torna também o responsável legal pela aplicação de uma ação educativa que venha atender as necessidades para a formação integral do indivíduo no decorrer da vida acadêmica.

Com a não vivência dos jovens nos três aspectos: confiança, cooperação e participação política, considerados fundamentais para se obter o Capital Social, o jovem que por característica própria, nesta fase busca de a autoafirmação na sociedade como figura independente, se ver perdido diante das poucas possibilidades que lhe resta em ingressar no mercado de trabalho. Apontamos esse fato, ao impacto causado pela globalização que traz consigo, também, a crise econômica e social. Dessa forma o jovem não preparado fica a mercê das necessidades, e vontades do capitalismo, que de forma opressora absolve esses jovens no mercado de trabalho para exercerem uma função, especificamente, usando a força física, considerado por muitos, como trabalho para os “não pensantes”.

Mesmo com as mudanças causadas pela globalização, a mesma não é tida para muitos habitantes dos países latinos americanos como sinônimos de melhoria de vida ou oportunidade de crescimento pessoal ou profissional. Essa observação, também se estende ao cenário político, que por sua vez, deixa a desejar, principalmente, em relação às políticas públicas destinadas ao desenvolvimento e protagonismo infanto-juvenil. Por estes motivos, é importante,

analisar nas periferias dessas nações latino-americanas os impactos trazidos pela globalização, e presença de uma política aplicada a essa parte da sociedade que se encontra em total desvantagem em relação ao direito de viver de forma digna e com respeito aos direitos humanos.

De acordo com a proposta de estudo trazida pela Nazzari (2006), o ponto central a ser pesquisado é a existência, ou não, de ações políticas que viabilizem aos jovens periféricos sua ascensão social no seio da comunidade. Essa ascensão social colabora com a postura do jovem perante a sociedade, à medida que é capaz de torná-lo um ser crítico, e contribuindo, assim, para melhorias do meio em que ele vive. Desta forma, adquirimos índices favoráveis de Capital Social, a partir da intervenção de políticas públicas para a juventude na sociedade.

O Capital Social deverá trabalhar também, no estímulo a uma participação cidadã onde a juventude possa protagonizar ações de sociabilidade. A participação é um instrumento importante dentro do Capital Social que trará, segundo os pesquisadores desta categoria, o rompimento do esquema clientelista, responsável também, pelo aumento da exclusão social. O Capital Social deverá inclusive, desenvolver em suas ações, a organização das novas formas de se fazer políticas entre os jovens.

Dando credibilidade à participação cidadã dos jovens, surge nas organizações governamentais, e não governamentais diversos programas e projetos fomentando a interiorização do Capital Social entre os jovens. Como declara Baquero e Hammes (1999, p. 235) “O paradigma do Capital Social contribui para analisar ações e propor alternativas para o desenvolvimento de atitudes e instituições voltadas ao bem estar da coletividade”.

Alguns estudos nos revelam que nem toda experiência de Capital Social é positiva para a sociedade, em geral, pois mesmo tendo alguns grupos desenvolvendo este processo, Schmidt, nos mostra que no seio de alguns desses grupos, mesmo tendo a presença da capacidade de gerenciar, e cooperar entre si internamente, esse processo se congela no próprio grupo. Assim, o grupo passa a trabalhar para favorecimento próprio, ignorando, assim, o interesse coletivo e comum da sociedade.

Schmidt (2004), ainda, aponta para o modelo de rede presente na ação do Capital Social. No entanto, ao analisarmos a atual conjuntura social, percebemos que o crime que é algo bastante negativo para a sociedade, especialmente, para os grupos subalternos, tem certa organização em rede, pois, está distribuído de forma organizada em todo o mundo. Sendo assim, há uma conexão facilitada pela globalização que permite tal resultado, bem como, a presença de uma forte articulação que lhe permite inserir-se nos espaços das economias formais e instituições políticas. Essa organização em rede é outro exemplo de ação negativa para a massa social.

À semelhança das empresas que operam na economia formal, as organizações criminosas de hoje em dia reestruturam-se e assumiram a forma de redes, tanto internamente quanto umas em relação às outras. Constituíram-se alianças estratégicas entre organizações criminosas do mundo inteiro, dos cartéis do narcotráfico colombiano às redes criminosas russas, passando pelas máfias siciliana e americana. (CAPRA, 2002, p. 161).

Para combater este cenário apresentado, cria-se não uma possibilidade de inclusão dessa juventude que ora, é alvo da criminalidade através do tráfico de drogas, ao contrário, é criada uma política de segurança baseada nos castigos físicos e no processo de humilhação. Para isso, foram criados os reformatórios que deveriam ser espaços onde a juventude que ora “ameaçava” a cidade pudessem ficar.

No século XX, percebe-se que a juventude recebe uma atenção intensa, pois, era vista como grande potência que representava o mercado consumidor, e também pelo seu dinamismo intrínseco que trazia grande motivação para o avanço do progresso. Hoje, já não existe mais com tanta robustez essa atenção à juventude, e, a confiança neste grupo etário de trazer ou fazer acontecer o desenvolvimento de uma nação. Esse foco foi atribuído às crianças, o que traz novamente grandes preocupações para a inclusão social dos jovens pobres no Brasil.

A categoria do Capital Social tenta trabalhar basicamente, o contrário do que nos apresenta a citação anterior, investindo na ação comunitária, acreditando no grande poder de fomentar os jovens no fortalecimento da identidade pessoal e também para o desenvolvimento de ações coletivas que venham beneficiá-los

como também gerar mudanças significativas no seio da comunidade e do meio onde estão inseridos.

Para Ricci (2002), a noção de Capital Social também é citada, para que se entenda que a família e comunidade são partes integrantes da rede que deve apoiar e fomentar para que as oportunidades aos jovens sejam garantidas.

CAPITULO 03

REVELANDO A AÇÃO EDUCATIVA DO PROJETO BEIRA DA LINHA

Neste capítulo, nos adentraremos, nas nossas análises, tendo como foco: O Projeto Beira da Linha, e, conhecendo, também com mais detalhes a comunidade, onde a ONG está situada. Focalizaremos, ainda, à questão social, econômica e cultural e sua contribuição no processo de organização e educação da comunidade, em especial, mostraremos como os jovens desse projeto foram conduzidos a terem atitudes protagonistas, no que diz respeito ao despertar para acreditar e contribuir para transformar a dura realidade, até então existente, em uma vida melhor com mais dignidade, sendo incluídos de forma positiva em seu meio social.

Comunidade Beira da Linha – Foto tirada do Centro Educacional Miramangue



Fonte: Arquivo do PBL - 2005

4.1 – O bairro do Alto do Mateus

O Alto do Mateus é um bairro periférico da cidade de João Pessoa¹³, Paraíba e está situado a sudoeste da capital paraibana.

De acordo com o IBGE a população do Alto do Mateus vem crescendo significadamente, com o censo de 2000 verificou-se que este bairro chegou a 16.898 habitantes. No próximo censo que acontecerá este ano, espera-se chegar à casa dos 30 mil habitantes.

De acordo com a história contada por moradores antigos da comunidade, e através de registros documentados pela imprensa paraibana, o bairro do Alto do Mateus teve seu início fomentado com a recuperação da linha férrea em 1957, quando esta, por sua vez, foi estatizada pelo governo federal neste mesmo ano. Assim, várias pessoas que buscavam emprego, trabalharam nesta recuperação da linha férrea, principalmente, trabalhadores do campo efetivando-se, assim, o êxodo rural. Com a chegada desses trabalhadores que vinham do interior para trabalhar na recuperação da linha férrea, os mesmos começaram a construir pequenos barracos de palhas ou taipa para que pudessem se acomodar. Aos poucos, vinham chegando as famílias desses trabalhadores para morarem neste local. Outras pessoas começaram a construir casas de taipa também nesta localidade. E assim nasce a comunidade Beira da Linha, primeira do Alto do Mateus. Foi neste ritmo que o bairro do Alto do Mateus começou a ser povoado.

Em relação ao nome do bairro Alto do Mateus, esse processo se deu a partir de um morador da comunidade que era dono da maioria da área local, antes um enorme sítio, que se localizava geograficamente na parte superior da comunidade. O dono do sítio era conhecido como o Senhor Mateus, por isto quando se ia visitá-lo a expressão era de que iriam para o “Alto do Sr. Mateus”.

Com o processo de urbanização na cidade de João Pessoa, e com a influência do êxodo rural, vários moradores começaram a se aglomerar às margens do Rio Sanhauá. Este lugar, a exemplo, da comunidade Beira da Linha que é localizada à beira do mangue, é até os dias de hoje, discriminada e marginalizada pela grande carência de estrutura econômica, política e social.

De acordo com o Sr. Tobias¹⁴ que foi um dos moradores mais antigos do Alto do Mateus, quando ele chegou ao bairro ainda estava começando a dividir os

¹³ Segue anexado o mapa da cidade de João Pessoa

lotes para a venda, pois com a morte do Sr. Mateus, seu filho que herdou as terras iniciou o processo de vendas. Sr. Tobias, inclusive, ajudou no processo de divisão desses lotes.

Outro personagem que ficou registrado na história do início do Alto do Mateus foi o Sr. Newton Novais, que comprou vários terrenos loteados pelo filho do Sr. Mateus. O Sr. Newton Novais em seguida, juntamente, com a ajuda do Sr. Tobias vendeu os lote. Vale ressaltarmos que para que houvesse esta divisão, não existia nenhuma preocupação com as medidas dos lotes.

As medidas desses lotes eram de dez por vinte e cinco metros, não havendo nessa divisão nenhuma preocupação com critérios técnicos, se utilizando como padrão de medida “o braço”, usando a linguagem deste. (SILVA¹⁵, 2002, p. 56)

Assim aconteceu o início do Alto do Mateus, que com o passar dos anos, foi se desenvolvendo sem o acompanhamento de políticas públicas voltadas para aquela localidade. Desse modo, a comunidade foi ampliando-se, porém, ainda era uma área esquecida e, desconhecida oficialmente pelo poder público, estando desta forma, sem as mínimas condições possíveis de existência, sem que houvesse o mínimo de capacidade para moradia, a exemplo, podemos citar a ausência da falta de água e energia.

Quando a gente veio morar aqui não tinha nem água e nem luz. A água tinha que pegar num chafariz e comprar num caminhão pipa que encostava na minha porta, eu pegava a água. Quando o carro pipa chegava, ele botava nos burro pro povo carregar. Aí eu mandava o cabra vim trazer dois, três barris, pra mim, eu pagava a ele aqui”. (SILVA, 2002, p. 57 – entrevista a um morador antigo realizada em dezembro de 1999).

O Sr. Newton, posteriormente, em 1972 doou um terreno para a construção da igreja de São Mateus que está situada à rua Noel Rosa. Para acompanhar esta obra a irmã Maria do Coração Divino¹⁶ foi convidada a realizar este trabalho

¹⁴ Sr. Tobias morou durante muitos anos na rua Dolores Duran, no Alto do Mateus e faleceu no ano de 2009 aos 81 anos.

¹⁵ Márcia Viana Silva é moradora do Alto do Mateus e consta em sua dissertação, uma parte que trata da história de início da comunidade do Alto do Mateus.

¹⁶ A Irmã Maria do Coração Divino participava da congregação religiosa do Bom Pastor, era uma portuguesa que veio ao Brasil ainda criança e começou a trabalhar no Alto do Mateus em dezembro de 1972, tendo 63

e desenvolver junto à comunidade, atividades para o crescimento da cidadania entre os habitantes.

Na época da doação, o Arcebispo da Paraíba era Dom José Maria Pires que acompanhou o lançamento da obra que iniciava a construção da referida igreja. Foi também, o Sr. Newton Novais, que em 1973 doou mais um terreno a prefeitura para que fosse construída uma unidade escolar. Essa doação foi registrada pelo Jornal A União em 19 de setembro do ano de 1973.

A prefeitura de João Pessoa acaba de ser agraciada com um valioso presente: um terreno na rua José Gomes de Abreu, no Alto do Mateus, medindo 76 metros de frente, 46 de fundo e 44 de comprimento, onde deverá ser construída uma nova unidade escolar” (SILVA, 1973)

Na década de 60, o número de habitantes que se aproximou dos 500, começaram a criar forças para que fossem percebíveis e, assim, serem atendidos com o mínimo de estrutura para o desenvolvimento daquela pequena população. A prioridade adotada pelos moradores da época estava relacionada à iluminação elétrica. Nesse sentido, o Sr. Newton Novais coordenou essa ação, onde os moradores passaram a contribuir financeiramente para a compra dos postes, em seguida, a SAELPA¹⁷ colocava a fiação e fazia a ligação. Isso aconteceu no final dos anos 60, precisamente em 1969.

A primeira meta escolhida foi a instalação da eletricidade, ficando decidido que todos passariam a contribuir para aquisição dos postes. A encomenda era feita a um madeireiro que anotava a quantidade de postes que cada rua precisava e o valor era dividido entre os moradores da rua a ser beneficiada. Os postes eram colocados e a Saelpa estendia os fios, completando a instalação. Assim, obedecendo a essa decisão, a luz elétrica foi instalada e todo o conjunto do Alto do Mateus eletrificado. (Filho, 2003, p. 36).

A situação da comunidade do Alto do Mateus começa a ascender, com a colocação da iluminação elétrica, acontece também a construção de um posto

anos de vida. O trabalho foi um ato de agradecimento a Deus pela cura de um câncer que era considerado incurável pelos médicos. Essa doença, como que por um milagre desapareceu.

¹⁷ Sociedade Anônima de Eletrificação da Paraíba (Saelpa) que foi privatizada em 31 de novembro de 2000 pelo preço mínimo, de R\$ 362,98 milhões, na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Atualmente a empresa de energia elétrica recebe o nome de Energisa.

médico e de uma escola pública. O conjunto do Alto do Mateus começava a se destacar como mais um novo espaço dentro da cidade de João Pessoa.

De acordo com Filho (2003, p. 36) a cada meta cumprida no Alto do Mateus se fazia festa para comemorar. O sistema hidráulico da comunidade também foi ligado e assim, os dois pontos essenciais estavam atendidos: água e iluminação.

Antes do processo da oficialização do Alto do Mateus como bairro, este por sua vez, era considerado um “povoado” pertencente ao bairro da Ilha do Bispo, com quem o Alto do Mateus, faz fronteira ao leste.

Já na década de 70, a imprensa começa a perceber o que hoje é o Alto do Mateus. Assim, começa a divulgar, e a fortalecer a ideia da existência de um “povoado” nesta localidade. Um povoado que precisava, e, ainda necessita ser atendido em vários pontos referentes às condições básicas de infraestrutura.

Segundo Silva (2002, p 58), o jornal O Norte divulgou em 26 de agosto, de 1971, uma nota sobre a comunidade que ajudou no processo de visibilidade ao sofrimento do povo que lá habitava. Nesta nota podemos perceber a preocupação com os direitos básicos, assim, segundo a nota:

... uma povoação em que morem quinhentas famílias, só dispunha de duas salas de aula, tenha apenas três receptores de rádio e a ela só se chega a pé, que, além disso, não tenha luz elétrica, não dispunha de um posto médico, nem saiba o que é água potável, pode ser classificada como uma povoação do fim do mundo, distante milhares de quilômetros de qualquer centro civilizado... O Alto do Mateus, considerando-se os atuais meios de comunicação é uma povoação isolada de João Pessoa e do resto do mundo... (BARROSO FILHO, 1971).

Esse texto posto na reportagem fortalece a tese de que o Alto do Mateus passou por dificuldades para se oficializar enquanto bairro de João Pessoa. Traz, ainda, uma história de sofrimento e ausências de políticas para esta população, que foi desconsiderada pela estrutura desenvolvimentista dos governos da época.

É interessante perceber, que nos dias de hoje, já com quase trinta mil habitantes, o bairro do Alto do Mateus, ainda, sofre com a ausência de atendimentos básicos, a exemplo de pavimentações, saneamento básico e moradia.

No que tange, o campo profissional há uma lacuna que distancia nossos jovens do mundo do trabalho, restando-lhe a oferta de envolver-se com o tráfico de drogas, para poder garantir que lhe seja concedido pelo menos o direito de imaginar estar vivendo com o mínimo de dignidade. Algo que até hoje, os poderes públicos não conseguiram atender.

Em 1972, mais precisamente, no dia 21 de março, o jornal O Norte reforça a reportagem falando deste povoado, que ora, ainda era pouco conhecido.

[...] o vereador Geraldo Gomes revelou ontem, durante sessão da Câmara Municipal, que João Pessoa tem um novo bairro, por ele batizado de Jardim Alto do Planalto. Não há placa indicativa e por isso pediu ao prefeito que mande colocá-la, independente de qualquer autorização legislativa [...] (GOMES, 1972).

Vale registrar, que a forma como foram divididos os lotes, sem acompanhamento técnico dificultou a urbanização do bairro por parte do poder público, visto que, na divisão nenhuma regra legal foi seguida. Dessa maneira, houve uma desorganização na estruturação da comunidade. Hoje, ainda, é possível encontrar ruas que estão totalmente fora dos padrões técnicos ideais.

O decreto municipal de número 448 publicado no diário oficial do Estado da Paraíba, em 04 de junho de 1973¹⁸, possibilitou a regularização dos loteamentos que ainda se encontravam clandestino, nessa ocasião, o Sr. Newton Novais leva para a prefeitura municipal de João Pessoa, a planta do loteamento do Alto do Mateus para que, o mesmo, fosse oficializado¹⁹.

O Alto do Mateus de hoje, em pleno século XXI com 37 anos de sua oficialização, ainda, espera muito por políticas que garantam ao seu povo o pleno respeito aos direitos e a possibilidade de habitar em uma comunidade coberta por equipamentos comunitários que sejam úteis aos seus moradores. Espera-se, ainda, por atividades para sua população, em especial, os jovens, para que assim, possam de maneira intelectual e cidadã, ascenderem socialmente, politicamente e economicamente.

Para que possamos ser mais precisos, se em 1973 tínhamos duas escolas para atender cerca de 500 pessoas, hoje com um público que chega mais ou

¹⁸ Ver anexo.

¹⁹ Ver anexo que traz o documento comprovando a entrega da planta

menos aos 30 mil habitantes temos oito escolas públicas, sendo apenas uma de ensino médio. Isso motiva nossos jovens com dificuldades financeiras a irem, na ausência de vagas nesta única escola de ensino médio, procurar outras opções no centro da cidade ou em outros bairros vizinhos. Quando não é a falta de vagas é o jovem que não acredita na qualidade do ensino e passa a buscar escolas públicas de renome. Tal afirmação podemos perceber, o relato de uma moradora do bairro do Auto do Mateus, vejamos o fragmento abaixo:

Eu estudei do 5º ao 9º ano entre as escolas Olivina Olívia e Lyceu Paraibano. Muitas vezes não tinha dinheiro da passagem e quando meu pai não ia me pegar de bicicleta e às vezes bêbado, eu vinha a pé até o Alto do Mateus. (Relato de Ana Paula²⁰, moradora do Alto do Mateus, Maio de 2010).

Em relação às unidades de saúde no Alto do Mateus, hoje temos seis unidades funcionando em três espaços distribuídos no bairro. Porém, apesar da melhoria e aquisição de espaços próprios para compor tais unidades, a realidade em relação ao atendimento médico, ainda precisa melhorar muito.

Uma contribuição que o bairro do Alto do Mateus possui é a presença de organizações não governamentais, a exemplo do Projeto Beira da Linha, Marcenaria Vida Nova, Centro Pastoral Educativo Irmãos de Pe. Mazza e a Afya (Centro holístico da mulher).

Essas ONGs vem contribuindo para construir na comunidade, caminhos que oportunizem aos jovens crescerem de forma critica, afim de contribuir para a transformação e melhoria da comunidade onde vive.

Com apenas uma creche construída pela prefeitura de João Pessoa, e capacidade para atender apenas a 100 crianças, o Projeto Beira da Linha em parceria com o MLAL e prefeitura da capital paraibana, construiu em 2006 o Centro de Referência da Educação Infantil Maria de Lourdes Gomes. Esse centro, hoje, atende cerca de 120 crianças, que em tempos não tão remotos, a nossa atualidade, não tinham para onde irem ou ficarem, enquanto suas mães e pais pudessem trabalhar. Hoje, o CREI Maria de Lourdes Gomes é administrado pela prefeitura de João Pessoa.

²⁰ Ana Paula morou durante toda a sua infância e adolescência na comunidade Beira da Linha, hoje com 25 anos de idade, participou das atividades do Projeto Beira da Linha no grupo Consciência Estudantil nos anos de 2005 e 2006. Hoje cursa letras-inglês na Universidade Federal da Paraíba

Já em relação a cursos profissionalizantes para os jovens, existe pelo poder público municipal o Centro da Juventude, porém, há tempos não funciona com cursos ou oficinas. As ONGs vem desenvolvendo esse papel, porém, não conseguem atender toda a demanda da comunidade.

O saneamento básico do Alto do Mateus que foi iniciado em 1998, até o presente momento, não conseguiu ser concluído. Segundo reportagens veiculadas nos últimos anos, a causa da não conclusão adveio do desvio de dinheiro praticado pelo chefe do executivo municipal da época. Ficando o mesmo, em processo de investigação e chegando, inclusive, a ser preso por suposto golpe. Essa operação policial recebeu o nome de “confraria”.

É assim que, hoje, o Alto do Mateus, oficialmente com os seus 37 anos de existência, vem superando as dificuldades que o tempo ainda não ajudou a sanar. O mais grave dos problemas que, hoje, atinge este bairro, e os demais que formam as periferias de João Pessoa está ligado ao tráfico de drogas que, por sua vez, gera violência e extermínio constante dos nossos jovens. De acordo com a pesquisa, “mapa da violência” publicada em 2010, o índice de assassinato envolvendo o público jovem cresceu significativamente, o que nos faz aumentar a preocupação.

O jornal Correio da Paraíba lançou em 04 de abril do corrente ano, uma matéria onde tratava dessa pesquisa colocando em foco o Estado da Paraíba. Para ilustrarmos à respeito desses dados estatísticos colocamos, um fragmento da reportagem abaixo, vejamos:

“Assassinatos de jovens crescem 105,7% na Paraíba”

Uma a cada três vítimas de homicídios na Paraíba é criança ou adolescente. De 2000 a 2009, 38,8% do total de mortes no Estado atingiram o público de zero a 18 anos, ou seja, das 2479 vítimas, 963 eram menor de idade.

Os dados da Secretaria de Saúde do Estado ainda revelam um aumento de 105,7% do número de homicídios de crianças e adolescentes, que de 2000 a 2009, subiram de 70 para 144 mortes anuais. Segundo a Pesquisa “Mapa de Violência 2010”, divulgada na última terça-feira em São Paulo, a Paraíba saiu da 17ª (1997) para a 11ª (2007) colocação no ranking das cidades onde mais crianças e adolescentes morrem vítimas de homicídio, com variação 5,5 para 11,5 mortes para cada 10 mil habitantes. De acordo com o Mapa, João Pessoa é a oitava Capital onde mais

peças entre zero e 19 anos morrem por conta desse tipo de violência. (JORNAL CORREIO, Domingo, 4 de Abril de 2010).

Assim como em outras comunidades economicamente, politicamente e culturalmente desprovidas de oportunidades e presença do poder público, o Alto do Mateus tende, principalmente, nas comunidades consideradas favelas, a exemplo, da Beira da Linha e São Judas Tadeu, a ficar excluído do processo que constrói caminhos de possibilidades e inserção dos indivíduos na sociedade.

O processo de dominação e influência advinda dos países desenvolvidos fortalecido pelo capitalismo e globalização, traz para a classe subalterna, especialmente para a juventude desta, a negação de direitos que lhes seriam essenciais para a sua formação humana.

Essa negação pode fazer com que os jovens, sem perspectivas de ascensão econômica, e construção concreta de uma vida estável, acabem por muitas vezes, aderindo ao que lhe parece ser no momento, a saída para os problemas momentâneos.

Se os poderes públicos se fazem ausentes, e existe nesse contexto, a carência juvenil de iniciar seu processo de independência financeira, familiar, entre outras, nas comunidades periféricas o que vai aparecer para os jovens é exatamente o tráfico de drogas, que como bem apresenta a pesquisa citada acima, vem sendo responsável pelo grande número de homicídios nos quais próprios jovens são vitimados.

Há na sociedade, diversas opiniões em relação a esses casos, pois é possível encontrar em grande parte dos moradores das comunidades periféricas, a opinião que condena e discrimina esse jovem, que por algum motivo foi morto, ou preso por ter se envolvido com o tráfico de drogas.

Essa constatação está explícita o fragmento abaixo:

Eu acho que isso só acontece com os meninos que estão envolvidos na drogas. Se eles buscassem um emprego em vez de ta nesse mundo, nada disso aconteceria. (Entrevista feita a um morador do Alto do Mateus, maio de 2010)

A juventude, neste cenário, passa a ser vista como culpada, ou até como perigosa e malandra que não quer saber de trabalhar e estudar. Isso é fortalecido,

principalmente, pela mídia televisa que coloca toda a responsabilidade nos jovens pela existência da violência nas comunidades.

Dessa maneira, os poderes públicos ficam isentos pela população, e passa a não assumir a culpa por algo que é característico de lugares, onde a gestão do Estado, não respeita os direitos dos cidadãos, negando-lhes o básico para que vivam com dignidade.

No Alto do Mateus poderíamos elencar, neste momento, nomes de diversos jovens que foram brutalmente assassinados por estarem de certa forma, envolvidos com o consumo e tráfico de drogas.

Sendo aguçada nos últimos anos a falta de oportunidades para este público jovem, a violência urbana tende a aumentar, comprometendo assim, cada vez mais, a qualidade de vida dessas comunidades.

4.2 – O Projeto Beira da Linha

A ideia de iniciar o trabalho com o Projeto Beira da Linha estar ligada diretamente com a missão adotada por um grupo de católicos, religiosos europeus, que fazem parte da Congregação que tem por nome Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza²¹, com sede em Verona na Itália.

Esta congregação religiosa é fruto de um trabalho de fé advindo de Pe. Nicola Mazza. Esse, aos seis anos de idade, especificamente, no ano de 1796, presenciou junto com a sua família em Verona na Itália, a invasão dos soldados franceses comandados por Napoleão Bonaparte. Dessa forma, Nicola Mazza, com seus pais e irmãos foi obrigado a deixar sua casa e, mudar para outros locais. Por fim, a família mudou-se para a cidade de Marcellise.

Mesmo distante do centro de Verona, Nicola Mazza podia sentir os conflitos realizados pela revolução liderada por Napoleão. Vejamos o fragmento abaixo:

No seu retiro no meio das oliveiras, o pequeno Nicola podia escutar o ruído dos canhões e enxergar a fumaça do tiroteio. Muitas vezes a guerra se tinha aproximado a Marcellise. Batalhas houve, porém, só na planície. Era possível perceber de vez em

²¹ Congregação Religiosa que recebe o nome do Pe. Nicola Mazza que viveu entre os anos de 1790 a 1865 na Itália. Iniciou a missão de trabalhar em favor dos jovens pobres acolhendo-os e oferecendo oportunidades de serem incluídos socialmente.

quando o clamor dos exércitos passando e repassando, mas nunca a residência dos Mazza foi atingida. (ROMANI, 2007, p. 25)

Esse registro foi fundamental para que percebêssemos o contexto conflituoso em que cresceu Nicola Mazza. Um cenário conflituoso, porém com algo que muitos jovens de hoje não conseguem ter: a companhia e o amor dos pais.

Aos 24 anos, Nicola, foi ordenado padre, e com melhor preparação começa a sua missão de resgate aos jovens excluídos. Em conversa com um jovem, Pe. Nicola Mazza descobre que é necessário quebrar com o vício mental que as pessoas pobres tinham em achar que a vida profissional está definida pela ocupação que seu pai assumia. De acordo com Romani (2007, p 47) o diálogo do Pe. Mazza com um jovem aconteceu da seguinte maneira:

Certo dia de 1819, andando a Marcellise para celebrar, padre Nicola cruzou no caminho um garoto pobre e maltrapilho:

- Qual é o seu nome?
- Luiz Dusi, reverendo padre.
- Qual é o trabalho do seu pai?
- É carpinteiro.
- E você que irá fazer?
- Serei carpinteiro também, já que não temos campo para cultivar.

Padre Nicola percebeu nos olhos do seu interlocutor um brilho como de inteligência, junto com bondade. (ROMANI, 2007, p.47)

Daí em diante, a busca por oferecer aos jovens pobres excluídos o direito de estudar, e conhecer os caminhos para a inclusão social tornou-se para o Pe. Nicola Mazza uma atribuição missionária pessoal.

Com isso, criou um Instituto para acolher meninas órfãs, onde as mesmas recebiam orientações profissionais e o acompanhamento de voluntários no desenvolvimento humano. Posteriormente, fez nascer o Instituto para meninos pobres, que também tinha o objetivo de resgatar, propiciando-os, o acesso aos estudos e, acompanhamento para o discernimento vocacional. Dando continuidade ao trabalho, Pe. Nicola percebeu que inúmeros padres começaram a expressar o desejo de integrar de forma mais precisa a essa ação missionária iniciada por ele.

Dessa maneira criou o Instituto Fundamental dos Padres que logo depois passou a ser chamado de Pia Sociedade de Pe. Mazza. Esse nome se mantém até os dias de atuais.

Ultrapassando as fronteiras européias chegam ao Brasil em 1978, Pe. Carlos Avanzi e Dário Vaona (na época ainda seminarista). A continuação da missão de Pe. Mazza, aqui no Brasil, iniciou-se com o trabalho desenvolvido na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, que abrangia os bairros do Varadouro, Distrito Mecânico, Ilha do Bispo e Alto do Mateus, todos na cidade de João Pessoa, Paraíba. Os padres citados acima começaram o trabalho religioso, amadurecendo sua missão e conhecendo esses locais.

Foto tirada em frente à igreja católica São Mateus no Alto do Mateus



À direita padre Dário Vaona (na época, ainda seminarista). À esquerda padre Carlos Avanzi.

Fonte: Casa dos padres da congregação mazziana no Alto do Mateus – João Pessoa, PB. (1978).

Em 15 de novembro de 1991, foi fundada a ONG que juridicamente recebeu o nome da congregação religiosa: Pia Sociedade de Pe. Mazza²², mas foi batizada pela comunidade como Projeto Beira da Linha.

²² Ver Ata de Fundação no anexo

As atividades iniciais do Projeto Beira da Linha, em 1991, foi a de organizar a comunidade no processo de frequentar a escola, pois muitos jovens da comunidade Beira da Linha estavam sem estudar. Alguns jovens que tentavam estudar não conseguiam terminar o ano letivo, como podemos perceber no trecho abaixo:

A maioria dos jovens não estuda.
Dos jovens que estudam
mais da metade são reprovados ou desistem.
Por isso grande parte dos jovens
não sabem ler ou ler pouco.
A situação dos pais é ainda pior:
quase nenhum sabe ler²³.

De acordo com Rodrigues (2006, p. 61), em 1991, 231 crianças e adolescentes entre 7 e 17 anos estavam fora da escola. Neste período o índice de analfabetismo, ainda muito alto, apontava para 61% em relação às mães, 50% em relação aos pais e 23% em relação aos jovens entre 12 e 16 anos.

Paralelamente a esses dados, o trabalho junto com a Pastoral da Criança ajudou no processo de combate a mortalidade infantil, Rodrigues (2006, p. 61), fala que 77% dos jovens tiveram perda de um irmão pequeno na família. Essa era uma realidade cruel que permeava aquela comunidade. Como podemos constatar no fragmento do depoimento de uma mãe: “Tinha seis filhos, três morreram” (depoimento de uma mãe. Fonte: QUEIROZ, 1996, p. 39).

A Pastoral da Criança que surgiu no Alto do Mateus, através da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, realizava um trabalho de acompanhamento às famílias das comunidades mais necessitadas. Essas comunidades estavam localizadas nos limites de atuação da paróquia. Dentre as comunidades, no Alto do Mateus, tínhamos o atendimento direto às famílias da Beira da Linha, São Judas Tadeu, Conjunto Santa Mônica e comunidade 05 de junho.

Em parceria com o PBL, a paróquia utilizava alguns espaços da ONG para o trabalho de pesar as crianças, e orientar as famílias sobre os cuidados que deveriam tomar para evitar a desnutrição.

²³ **Fonte:** Cartilha - Abrir os olhos para andar na linha. 1991

Em um curto espaço de tempo e com o trabalho sintonizado, as comunidades do Alto do Mateus, especificamente, Beira da Linha e São Judas Tadeu começaram a sentir que o Projeto Beira da Linha, seria um espaço de contribuição para o desenvolvimento local.

O Projeto Beira da Linha trouxe em suas linhas práticas a proposta do Pe. Nicola que apostou nas atividades de resgate aos jovens, para garantir a inclusão social desse público, que vivia excluído e, desprovido de qualquer oportunidade, que viesse a lhe possibilitar ascensão enquanto cidadão de direitos.

O PBL buscou promover junto com a sociedade civil e demais instituições projetos que adentrassem na área da educação, profissionalização, arte e cultura, para que assim, os jovens de famílias pobres fossem aos poucos, percebendo a capacidade de se libertarem da situação de injustiça e exclusão.

Um dos primeiros dados concretos que nos traz um diagnóstico da comunidade Beira da Linha foi à entrevista realizada pelos padres que estavam na paróquia Nossa Senhora da Conceição, educadores e alguns moradores desta comunidade. Esses dados obtidos na entrevista foram sistematizados em uma cartilha que recebeu o nome de: “Abrir os olhos para andar na linha”.

Outros dados contidos nos arquivos do Projeto Beira da Linha, em 2004, apresentam o número de atendimento às crianças, adolescentes e jovens do Alto do Mateus nas diversas atividades e programas, que ora estava sendo oferecida, superou o total de 500 pessoas atendidas, como mostra o quadro abaixo:

Público	Quantidade atendida	Atividades
Crianças de 4 a 6 anos	40	Atividade de educação infantil
Crianças, adolescentes e jovens de 7 a 17 anos	350	Reforço escolar, hora do conto, biblioteca, organização de meninos e meninas de rua, teatro, dança, música, esporte e encaminhamento as atividades profissionais.
Jovens acima dos 17 anos	200	Alfabetização, curso de preparação ao vestibular, balcão informa jovens,

		curso de computação, formação e encaminhamento ao mundo do trabalho, teatro e esporte.
--	--	--

Dados obtidos do Documento criado pela equipe (2004) de coordenadores do Projeto Beira da Linha.

O processo de articulação foi também um mecanismo priorizado pelo PBL no início de seu funcionamento para que a luta pela cidadania e respeito aos direitos da Criança e do Adolescente fosse fortalecida. Dessa maneira, educadores e jovens participantes do PBL começaram a participar dos vários espaços em que a sociedade civil organizada debatia sobre esses direitos.

Entre os espaços de articulação política podemos citar:

- - Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua;
- Fórum Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente;
- Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente da Paraíba;
- Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente;
- Conselho Municipal de Assistência Social;
- Conselho Gestor do Posto de Saúde do Alto do Mateus, João Pessoa, PB.

No espaço de articulação, a relação com as escolas públicas do bairro também se tornou uma necessidade para que, em parceria com as mesmas, se pudesse oferecer ao jovem o direito a uma educação com qualidade e, assim, um processo de ensino que atendesse a formação integral do indivíduo.

A escola municipal Ana Nery, que está localizada na comunidade Beira da Linha, foi a primeira que o PBL focou para que acontecesse um trabalho em parceria. Em seguida, outras escolas do bairro, aos poucos foram aderindo ao trabalho.

Esse passo foi fundamental para que se pudesse entender, que o PBL chegou à comunidade, para contribuir com a organização e formação do povo que estava à margem, e não para substituir a ação do Estado no seu papel de garantir aos moradores o direito a uma vida digna e humana.

Falando, especificamente, dos espaços educativos localizados no Alto do Mateus onde o PBL atua, temos até 2004, o total de três núcleos:

- 1- O Centro Educacional Miramangue sendo o primeiro espaço do Projeto Beira da Linha tornou-se referência para a comunidade Beira da Linha e todo o Alto do Mateus.
- 2- Em seguida na própria rua Luiz Jacinto (famosa Beira da Linha) foi criado o Centro Educacional Beiramangue. Este por sua vez, recebeu esse nome por influencia do Centro Miramangue, e, por está realmente, beirando o manguezal. Lá, as atividades infantis foram priorizadas, e o processo de organização da Cooperativa de Mulheres Costureiras, as quais eram mães dos educandos atendidos pelo PBL também foi realizado neste espaço
- 3- Paralelamente, as demais atividades, já citadas, temos, o Centro Educacional São Judas Tadeu, localizado na comunidade de mesmo nome no Alto do Mateus, também passa a ser um espaço onde o PBL passa a desenvolver atividades educativas.

Em 2005 na parte mais central do bairro o Projeto Beira da Linha organizou e liderou em parceria com a prefeitura de João Pessoa, Movimento Leigo América Latina²⁴ (MLAL) e o Time de futebol Chievo Verona da Itália a construção de um espaço esportivo no Alto do Mateus que recebeu após um processo de consulta a comunidade, o nome de Centro Esportivo Chievo Brasil.

As atividades metodológicas que acompanhavam as ações do Projeto Beira da Linha estavam baseadas na proposta da Educação Popular. Os atos religiosos também foram de grande importância para agregar a comunidade.

A educação popular propicia conjuntos de elementos teóricos que fundamentam ações educativas, na qual a partir de suas experiências se percebem a relação que essa proposta educativa, faz com o meio que está inserida, em outras palavras, como afirma Neto (1999, p. 54), é um sistema aberto que relaciona ambiente de aprendizagem e sociedade, a educação e o popular e vice-versa.

Dentro do campo da educação popular é notória sua atuação considerando a formação integral do ser humano, ou seja, o ser humano precisa entender não

²⁴ Esse movimento trouxe uma colaboração direta ao Projeto Beira da Linha enviando voluntários da Itália para vivenciarem no Projeto Beira da Linha experiências educativas, bem como contribuir com as mesmas. Os voluntários do MLAL passavam de três a quatro anos no Brasil.

só da matemática, português, ciências, mas precisa utilizar esses conhecimentos e relacioná-los a sua vida.

A margem da discriminação e exclusão era tão forte, que a juventude que morava nesta comunidade, ficava com receio, ou até constrangida em dizer que habitava na comunidade Beira da Linha. Outras comunidades do próprio bairro do Alto do Mateus discriminavam a Beira da Linha que ficou taxada como a comunidade das drogas, mortes e violência. Um rótulo que foi construído ao longo dos anos e, por esse motivo, para descaracterizar esse preconceito, foi preciso também um árduo trabalho de sensibilização e valorização do ser. Os moradores da Beira da Linha já havia, em sua maioria, introduzido essa negatividade e dessa forma não conseguiam enxergar a margem da exclusão que tomava conta de suas vidas.

O público central trabalhado pelo Projeto Beira da Linha são as crianças, adolescentes e jovens. O estudo nos possibilita também, pesquisar a ação transformadora do Projeto Beira da Linha nesta comunidade, especificamente, no tocante a juventude, que durante o processo educativo vai percebendo a necessidade de reação e de persistência na luta por um mundo melhor. Um mundo que possa trazer certa qualidade de vida, e o direito de viver com dignidade enquanto cidadão e cidadã de direitos.

Dessa forma, o PBL tenta, através de suas formações críticas, resgatar o jovem e promover a sua ascensão juvenil. Possibilitando aos jovens ações que os levam a investirem nos estudos, a perceberem e acreditarem na possibilidade de cursar uma universidade e de vencer de forma lícita e inteligente.

A estrutura organizacional do quadro de colaboradores do PBL vem a cada ano se aperfeiçoando, porém, a coordenação pedagógica, administrativa e coordenações de cada centro educativo são estruturas que existem desde os primeiros anos de criação da ONG, tendo mudanças apenas, das pessoas nessas pastas.

Vale ressaltar que os diversos coordenadores desta entidade se encontram semanalmente para discutir, avaliar e planejar ações de fortalecimento para a comunidade do Alto do Mateus. Uma coordenação colegiada que busca no coletivo, deliberar sobre questões estratégicas, que possam contribuir com o desenvolvimento da juventude atendida pela entidade.

Essa forma de organização parece contribuir com os jovens e mostra que é possível superar a linha da desigualdade e exclusão social. Jovens do Alto do Mateus, em especial, da comunidade Beira da Linha que antes, possuindo uma visão bastante limitada eram impedidos de se expressarem e protagonizarem ações de transformação para as próprias vidas e, conseqüentemente, para a comunidade a que estavam inseridos, passam a acreditar e a agir pela transformação da conjuntura excludente impregnada na realidade da comunidade.

Além da visão limitada fortalecida pela ausência de políticas públicas, existia também presente na juventude o sentimento de incapacidade e descrença do próprio potencial juvenil.

Neste contexto, o Projeto Beira da Linha busca contribuir com essa juventude, no intuito de realizar ações que despertem nos jovens, a necessidade de se descobrirem, enquanto são cidadãos de direitos. Uma descoberta que requereu certo tempo de atuação para que fosse possível desconstruir visões limitadas e construir oportunidades, para que a juventude pudesse ter acesso ao conhecimento em relação à política, economia e cultura. Os jovens que conseguiram tal descoberta investiram e puderam trabalhar para conquistar de forma protagonista, seu espaço no campo da participação e cidadania.

Uma situação preocupante e real que acontece a cada final de ano é em relação às questões financeiras da instituição, pois a entidade desenvolve atividades a partir de convênios, doações e projetos aprovados. Dessa maneira, a cada final de financiamento os educadores e educandos ficam na expectativa em relação à aprovação de um novo projeto que possa dar continuidade as ações da ONG junto à comunidade. Caso contrário, as ações são reduzidas, bem como o quadro de educadores e demais colaboradores da instituição.

4.3 – Atividades que ajudaram jovens a se incluírem socialmente

A atividade que o PBL adotou desde seu início em 1991, sempre buscou trabalhar ações que estimulassem a comunidade a se organizar para encontrar caminhos de possibilidades, e assim, poder superar tamanha desigualdade e exclusão que lhes era rotineira.

A ação do Projeto Beira da Linha junto à juventude buscou um cunho metodológico baseado na pedagogia freiriana. Levar o jovem a se descobrir enquanto sujeito ativo é um dos objetivos do PBL que está subjetivamente ligado entre as diversas atividades desenvolvidas por esta ONG.

Acreditamos na educação participativa que tem o diálogo como princípio político e educativo e que capacita para o exercício da elaboração de saberes, exercitando o pensar, sentir e agir numa perspectiva de resignificação social, construção de alternativas e de novas relações sociais. Neste sentido, nossa ação educativa se baseará nas práticas sociais da comunidade, com um foco especial para as crianças, adolescente e jovem, nos acontecimentos e fatos cotidianos. (Fonte: arquivo do PBL, 2002).

Algumas dessas atividades superaram o tempo e apesar das adaptações, continuam até os dias de hoje. Porém, outras com o passar do tempo e a mudança no cenário político, econômico e cultural tiveram que ser substituídas.

Vale lembrar, que todas as atividades em seu tempo de vigência trouxeram aos educandos, grande contribuição para a prática constante da construção protagonista.

Entre as diversas atividades para a juventude oferecidas pelo Projeto Beira da Linha, podemos citar:

- 1- Núcleo de base do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua;
- 2- Grupo de teatro, dança, artes plásticas e pintura;
- 3- Atividades integradas – letramento, arte, recreação, esporte e informática;
- 4- Esporte Já;
- 5- Programa Menor Aprendiz – parceria entre a ONG e o Banco do Brasil para estágios de jovens nas agências bancárias;
- 6- Capoeira;
- 7- Pré-vestibular;
- 8- Apoio ao grupo Consciência Estudantil;
- 9- Apoio ao PROAD – Projeto Adolescentes em Debate;
- 10- Participação no Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, com representantes jovens nesse espaço;

Apesar de existir muitas atividades em favor da formação do protagonismo juvenil, aprofundaremos na sequência, apenas três dessas experiências.

4.3.1- Consciência Estudantil

Uma das atividades que contribuiu de forma significativa para a fomentação do Protagonismo Juvenil foi o trabalho desenvolvido, por um grupo de jovens, que nasceu a partir de uma luta em defesa do direito ao estudo. Esse grupo recebeu o nome de Consciência Estudantil.

O movimento surgiu como reivindicação após a paralização das atividades da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Escritor Horácio de Almeida²⁵. A reforma foi iniciada, em novembro de 2004, com o prazo de entrega para março de 2005. Após o não cumprimento do prazo, e, tendo o direito de estudar negligenciado devido à reforma há mais de seis meses, e sem previsão de conclusão, os alunos sem nenhuma previsão de quando iniciaria o ano letivo, tomaram, juntamente com um educador do PBL, a frente do movimento, convocando encontro com o alunado e pais para que pudesse se iniciar um processo de cobrança diante do poder público estadual, em busca de uma resposta e solução imediata para o início das aulas.

Três encontros antecederam a mobilização, todos esses encontros foram realizados no Espaço Comunitário²⁶, no primeiro encontro tivemos a participação de 13 pessoas. No segundo encontro o número subiu para 26 pessoas. Já no terceiro encontro o número chegou a 44 pessoas entre alunos, pais, funcionários da escola e comunidade.

O interessante é que após a segunda reunião, a turma de alunos e pais presentes decidiu realizar um ato público em frente à escola, trancando a rua, que é uma principal por onde os ônibus, carros e demais veículos circulam e chamando a imprensa para noticiar a mobilização. No terceiro encontro a pauta foi basicamente organizar o ato público em frente à escola.

Este ato aconteceu em abril de 2005 e juntou em frente à escola dezenas de pessoas que vieram protestar. Na época, tivemos a cobertura de um jornal da

²⁵ Única escola de ensino Médio do Alto do Mateus e atende há mais de 1500 alunos nos três turnos de funcionamento.

²⁶ Associação de Moradores que fica num ponto central do bairro do Alto do Mateus. Os jovens fizeram a articulação com o presidente da associação e garantiram o espaço para que fossem realizadas as reuniões.

cidade e a presença de deputado estadual responsável pela comissão parlamentar que tratava sobre a educação. Tivemos também a presença da diretora da escola.

Mobilização em frente à Escola Estadual Horácio de Almeida



Fonte: Jornal Correio da Paraíba – 14 de Abril de 2005

A frase que marcou o protesto foi criada por uma adolescente, que na época tinha seus 10 anos de idade. Ela pensou na seguinte frase:

“E agora queremos uma decisão
Não podemos ficar sem educação”.

Essa virou a palavra de ordem do movimento, presente nas faixas, nos ofícios enviados e etc. A ação foi organizada por jovens, com a ajuda dos educadores, que preparam e levaram ofícios para os setores públicos, a exemplo da STTRANS²⁷. A partir da movimentação dos jovens, também, foram produzidos documentos para conseguir o carro de som e verba para financiar o custo de toda essa mobilização. Foram conquistas das articulações feitas pelos próprios jovens com assessoria de educadores populares do Projeto Beira da Linha.

Desse ato o encaminhamento seguinte foi formar uma comissão de aproximadamente 15 pessoas para conversar com o secretário de educação do

²⁷ Ver anexo ofício com o protocolo de recebimento da STTRANS

estado da Paraíba, na época, o Sr. Neroaldo Pontes. Nesse momento, outro deputado estadual também passou a fazer parte da nossa luta.

A comissão de alunos foi recebida pelo secretário Neroaldo Pontes que falou sobre do aceleração das obras, e disse também que, o grande problema é que no bairro não tinha espaços para alugar, outro local, e assim, poder iniciar provisoriamente neste local o início das aulas.

Na mesma semana dessa conversa com o secretário de educação, os jovens conseguiram um galpão que estava na responsabilidade do Projeto Beira da Linha e assim, aconteceu à negociação e as aulas tiveram início neste espaço improvisado.

Essa conquista motivou os jovens a querer continuar a defesa por uma educação pública e de qualidade. Assim nasceu o Consciência Estudantil. Apoiado pelo Projeto Beira da Linha, o Consciência Estudantil se encontrava quinzenalmente aos domingos das 14h às 17h e, concentrou em seu primeiro encontro cerca de 50 jovens que são alunos de alguma das oito escolas públicas do bairro.

Os encontros seguintes mantiveram uma frequência no número de participantes que variava entre 13 e 16 jovens. Os encontros tinham como principal objetivo a formação dessa juventude estudantil para que eles pudessem compreender a conjuntura política mundial, nacional e local, bem como se aperfeiçoar sobre formas de organizações juvenis, e fomentar a criação de grêmios estudantis.

Já nos objetivos específicos o grupo tinha pretensão de trabalhar para oferecer formações para a criação de grêmios estudantis, também com a orientação sobre os direitos e deveres do corpo discente, estudos sobre a realidade brasileira através da conjuntura política, social e econômica, bem como, buscar parcerias com instituições governamentais e não governamentais.

Na sua estrutura organizacional o Consciência Estudantil se compôs da seguinte maneira: uma coordenação geral, um coordenador adjunto, coordenador financeiro, coordenador social, coordenador de comunicação e registro, coordenador de articulação escolar e coordenador de eventos.

Os jovens que assumiram esses papéis eram na verdade, jovens que antes desta oportunidade no Consciência Estudantil, tinham suas potencialidades escondidas, bloqueadas por falta de espaço para vivenciar tais experiências.

A transição dos jovens da condição de problema à condição de parte da solução dos problemas, na escola, na família e na vida social mais ampla é a grande mudança de paradigma propiciada pelo protagonismo juvenil. Ela permite a construção de uma agenda pedagógica, social e política baseada no jovem que queremos e não na visão do jovem que não queremos como, infelizmente, ocorre nos dias de hoje. (COSTA, 2000, p. 251).

A partir de um grupo basicamente consolidado, a articulação com outras organizações foi fundamental para o processo de formação e aquisição de novos conhecimentos. Um dos exemplos de articulação feita pelo Consciência Estudantil foi a aproximação com a Consulta Popular que oferecia cursos de formação política e sobre a conjuntura social brasileira.

Foi também com a Consulta Popular que dois jovens do Consciência Estudantil, integraram a comitiva juvenil da Paraíba e participaram em Brasília, da Campanha Jubileu Brasil na 4ª semana social Brasileira, denominada de Mutirão por um novo Brasil. Esse encontro aconteceu de 25 a 28 de outubro de 2005.

Para os nossos jovens, a saída de sua cidade, as articulações com novas pessoas e a vivência em um espaço de luta com outros jovens estimularam, alguns dos nossos, a fazer parte de forma mais ativa, das lutas sociais com entidades melhores articuladas no estado e no Brasil.

O Consciência Estudantil ganhou em pouco tempo, grande destaque na comunidade, principalmente entre os alunos, pela forma como os seus integrantes, jovens, se empenhavam para garantir a existência do grupo. Dessa maneira, a revista Onda Jovem procurou a equipe do Consciência para que pudesse escrever uma matéria sobre essa experiência que estava dando certo.

Encontro de Formação do Consciência Estudantil no Projeto Beira da Linha.



(Fonte: Revista Onda Jovem / Julho de 2006).

De certa forma, foi mais uma expiração para animar os integrantes juvenis do Consciência Estudantil, e conquistar a admiração da comunidade escolar. Foi um trabalho que ajudou a alguns jovens a se descobrirem como sujeitos e a fazer de forma mais concisa, escolhas em favor das lutas sociais, protagonizando espaços que antes não eram ocupados por falta de orientação e conhecimentos.

Relacionando esta atividade com a forma de participação que Costa (2000, p. 176) traz, nos faz perceber que os jovens do Consciência estudantil, em sua forma de participar, se aproxima bastante de uma ação verdadeira e autêntica. Ação de quem acredita na mudança trazendo, com a participação responsável, o fortalecimento de uma consciência crítica e significativa para o meio em que está inserida essa juventude.

É importante também, registrar a prática da cidadania que se fez presente na luta pelo direito de estudar. Uma luta que garantiu a esses jovens, vivenciarem experiências de colaboração, organização, articulação e acima de tudo, a confiança entre os integrantes deste movimento.

Essa atuação no faz reportar aos séculos passados, onde os jovens da classe subalterna eram vistos meramente como problemas. Através de experiências, tais como realizou o grupo do Consciência Estudantil, a sociedade começa a mudar de opinião e a perceber que dos jovens, a solução pode aparecer.

Soluções trazidas e protagonizadas por jovens estudantes da comunidade do Alto do Mateus, que precisaram unicamente de oportunidade e orientação para desenvolver a ação que lhes garantiu a volta das aulas, o respeito aos direitos.

4.3.2- Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR)

O Projeto Beira da Linha passa em 1992 a ser um núcleo de atuação do MNMMR. Nesta experiência, a juventude era chamada para discutir sobre as questões que permeavam a realidade daquela comunidade, cidade, estado e país.

As reuniões quinzenais que aconteciam a nível de município contribuiu para que os jovens participantes do núcleo Beira da Linha pudessem fortalecer a articulação com outros jovens, e a se envolver melhor no processo de construção do protagonismo juvenil.

Os educadores do Projeto Beira da Linha, também participaram das formações oferecidas pelo MNMMR, visto que, a formação de educadores também estava contemplada no plano de ação do referido movimento.

Os encontros nacionais do MNMMR impulsionavam ainda mais o desejo dos jovens, em querer contribuir com a transformação local. O MNMMR conseguiu realizar cinco grandes encontros nacionais, em Brasília, onde comitivas de jovens de todo o país, se encontravam para exigir das autoridades, o respeito aos direitos e, com isso, ter acesso a uma vida digna e cidadã.



Encontro Nacional de Meninos e Meninas de Rua – Brasília, DF

Fonte: Arquivo do PBL

De acordo com Gusmão (2003, p. 105) “a atuação dos jovens nesse ambiente protagonista contribui para a preparação de uma participação mais autônoma e dirigente”.

Nessas alturas também, já com o ECA implantado, o PBL juntamente com o MNMMR, tem a luta focada nos direitos contidos neste estatuto, buscando dos poderes públicos o respeito a essa lei.

O MNMMR surgiu em 1985 e, é uma entidade criada sem fins lucrativos. Organizou-se, principalmente, na década de 90, e estava presente em quase todos os estados brasileiros. Na Paraíba, por sua vez, vários jovens puderam participar desse movimento, encontrando aí, uma possibilidade de mudança em sua vida. O MNMMR defendeu basicamente a formação do jovem crítico e sujeito de mudança.

Segundo dados do MNMMR (1990), tínhamos no Brasil mais de 30 milhões de analfabetos, dos quais 18 milhões eram jovens entre 7 a 17 anos. Dos que entravam na escola, 25% completavam a 4^a série, e apenas 10% concluíam o 1^o Grau.

Para tentar amenizar tais realidades que atingiam aos nossos jovens, o movimento busca se fortalecer a partir de sua organização. Assim, se estruturou em 100 comissões locais, 23 estaduais e um Conselho Nacional. Percebemos então, que o MNMMR consegue garantir uma articulação em comissões a nível local, Estadual e Nacional,

A Comissão de João Pessoa é um órgão vinculado à Comissão Estadual da Paraíba, formada por educadores, meninos e meninas participantes de Núcleos de Base situados nos seguintes bairros: Baixo Roger, Comunidade de São Sebastião da Macaíba - Cruz das Armas, Alto do Mateus, Mandacaru e Centro da Cidade.

As atividades em que os jovens se encontravam com outros jovens de outras localidades, propiciavam aos mesmos, uma visão ampla à cerca das problemáticas que envolviam as comunidades carentes.

Dessa forma, os jovens que neste espaço, vão descobrindo e potencializando a liderança existente em si, passam a adotar uma postura de colaborador nas ações que visava à melhoria da comunidade e, consequentemente, na vida das pessoas que nela habitam.

Pesquisando sobre o MNMMR encontrei no texto “Movimento e cidadania: crianças e adolescentes na luta por direitos sociais”. Escrito por Maria do Amparo Caetano de Figueiredo da Universidade Federal da Paraíba, o depoimento de dois jovens que fizeram ativamente parte do MNMMR e por muitos anos participaram do Projeto Beira da Linha.

O Movimento influenciou na minha trajetória profissional, né? Eu acho que influenciou de uma boa forma, eu aprendi o que é música, aprendi o teatro, não é que eu exerça a questão do teatro hoje, mas, com certeza eu exerço a questão da música né? Que é em Mandacaru, que é onde a gente tem um núcleo, que é um ponto muito forte, um ponto muito importante para mim. E o Movimento está influenciando até agora, foi da seguinte forma, foi de um convite que eu recebi do pessoal do Projeto da Beira da Linha, que me convidou para dá a oficina de percussão lá, se eu não tivesse entrado nesse Movimento há seis anos atrás onde é que eu ia aprender música? Onde é que eu ia ter oportunidade de aprender música e hoje está mostrando o trabalho pra outras pessoas, está ensinando a outros meninos que também estão começando como eu comecei tá? E o que me levou a participar do Movimento, foi assim, pela própria causa mesmo. No início não tanto pela causa, mas, sim pelo gosto pela música, que foi quando eu entrei, mas depois sim pela causa, pela questão da exploração de crianças e adolescentes, a questão dos meninos na rua, na época eu não ter uma escola digna e até hoje a gente sabe que a gente não tem, pessoas que estudam não têm, então, por esses motivos, por essas pequenas coisas, que são grandes e importantes, foi que eu entrei nesse Movimento, ou melhor, que eu continuei nesse Movimento.

(Márcio de Paula Aguiar, 18 anos)

O jovem Márcio de Paula, na época com dezoito anos, hoje segue sua carreira profissional no mundo artístico. Neste ano de 2010, completou 29 anos de idade e ingressou na UFPB como aluno do curso de música.

Com a sua ida ao Beira da Linha, como bem cita em seu depoimento, ele conseguiu criar um vínculo e, aos poucos foi se formando profissionalmente naquele espaço.

No depoimento seguinte, outro jovem ao contrário de Márcio de Paula, sempre morou, em sua juventude, no Alto do Mateus. Para ele, o movimento foi um espaço de crescimento desde a fundação do PBL.

É... Eu hoje realmente participei muito desse Movimento e graças a Deus um pouquinho de formação que esse Movimento me deu é... de conhecimento maior do próprio Estatuto da Criança e do Adolescente fez com que eu abrisse mais a minha cabeça, em termos de, o porquê do menino tá na rua, o porquê eu sair da minha casa pra engraxar um sapato na rua, certo?! ...Eu via também: "aquele menino ali é cheira-cola rapaz, eu quero saber daquilo", né?! E hoje, realmente, isso ajudou bastante, toda essa formação. Todas essas oficinas que tinham né. O Movimento é isso aí mesmo; é união, é organização, é transformação.

(José Wilson de Souto Mendes)

Hoje, Wilson Souto com 33 anos de idade, está estudando na Itália e participou do Projeto Beira da Linha, iniciando sua trajetória como educando e posteriormente se tornando educador. Animou também um grupo grande de jovens com a capoeira, e contribuiu para a formação de uma juventude crítica, cidadã e de luta pelos seus direitos.

Dessa forma, o PBL oportunizou a muitos outros jovens, a descoberta de um caminho diferente, com opções, e o jovem que conseguiu perceber tais caminhos teve a liberdade de construir novos passos na estrada das possibilidades de mudança.

Comemoração dos 15 anos do MNMMR



Fonte: Arquivo do PBL

A comemoração dos 15 anos de existência do MNMMR foi marcada por diversas apresentações culturais e discussão, sobre a caminhada que o movimento estava realizando em favor dos direitos da criança e do adolescente. Assim, a juventude da comunidade Beira da Linha, também participou deste momento realizando apresentações artísticas e, propiciando aos jovens um contato mais amplo com um público maior.

A dinâmica do MNMMR de se articular a nível local, estadual e nacional faz com que seja observado que a luta era fortalecida por esta organização estrutural. Dentro dessa organização, se percebe o respeito e o foco dado ao encontro de lideranças. Grupo esse, formado pelos jovens.

Essa experiência favoreceu para preparar o jovem a reagir diante das inquietações sociais que chegara, a partir do momento em que se dava a oportunidade desse jovem, discutir e conhecer a conjuntura política, econômica e cultural do meio a que estava inserido. A partir dessas oportunidades, favoreceu-se a construção do sujeito protagonista que acontece dentro de um processo, que contempla várias vivências de participação e conhecimento.

4.3.3- Atividades de letramento, arte, recreação e informática

As ações integradas por diversos componentes curriculares foi uma atividade desenvolvida pelo PBL, especificamente, no Centro Educacional Miramangue, e, sistematicamente vivenciada a partir de 2002.

A proposta dessa atividade era garantir ao jovem educando a possibilidade de formar-se integralmente, seja no campo cognitivo, sentimental, seja no campo da cidadania, humanidade, entre outros.

Então o jovem nessa experiência passava a trabalhar com a Pedagogia de Projetos que envolvia uma série de atividades, tais como:

- Letramento - que era a aquisição do poder da leitura e escrita de forma ampla e crítica;
- Artes - através de atividades que garantisse a expressão corporal, comunicação e sintonia do grupo de educandos, seja, através da arte cênica, música, artes plásticas, etc.;
- Recreação – momento de brincadeiras para melhor aproximação da relação entre os educandos;
- Informática – garantindo o acesso ao computador de forma a favorecer a inserção do jovem na era digital.

Todas essas atividades tinham uma relação com base em um mesmo tema de estudo, garantindo assim, que os jovens, nestes campos, pudessem aprofundar sobre o objeto de estudo, ao qual escolheram para estudar.

[...] a interdisciplinaridade resulta na instrumentalização dos saberes, com a finalidade de “utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista”. (BRASIL / CNE, p.21).

Diante deste cenário pedagógico, as atividades de letramento, arte, recreação e informática que estavam inseridas na proposta da pedagogia de projeto, possibilitavam ao jovem a vivenciar desde o início o processo de escolha do tema que gostaria de estudar. Em seguida, participava ativamente do processo de construção do projeto de estudo e, no segundo momento partia para o campo,

indo às ruas da comunidade para descobrir melhor sobre o que escolhera para estudar.

A saída na comunidade para entrevistar moradores e/ou conhecer detalhadamente espaços dentro do bairro, confirma que todos os temas escolhidos tinham uma relação direta com a realidade local. A própria comunidade passa a ser um dos instrumentos, a servir, de fonte para o desenvolvimento da pesquisa.

É aí que os jovens considerados pela exclusão social como incapazes e acomodados, vão aos poucos descobrindo o potencial existente em cada um, mudando, assim, o rótulo de que o jovem financeiramente pobre não tem muito a oferecer.

Mais do que nunca, o protagonismo juvenil é necessário. Para os adolescentes, como via pedagógica enriquecedora do desenvolvimento pessoal e social. Para os educadores, familiares, escolares e comunitários, como caminho inovador no preparo das novas gerações para a cidadania. E para o Brasil, como força motriz decisiva para a superação conseqüente dos nossos seculares impasses e dificuldades em termos de desenvolvimento social e político. (COSTA, 2000, p. 252).

Um dos exemplos desta atividade realizada por um grupo de jovens que participou do PBL em 2003 foi o estudo sobre a “Violência Familiar”. Os jovens educandos decidiram estudar sobre este tema porque era grande a violência familiar na vida de muitos desses jovens que estavam participando do PBL.

Após a entrevista na comunidade, os jovens pesquisadores apresentaram essa vivência em versos, para que assim, fosse mais atrativo e criativo a forma de socializar o que se conseguiu experienciar.

Os adolescentes da turma A2
Foram as ruas pesquisar
Perguntando aos moradores
Sobre a violência familiar.

Alguns deles com muito medo
Se negaram a falar
Outros que tinham coragem
Continuavam a afirmar
Sobre a violência física
Que existia em seu lar.

Os moradores educados
Souberam nos respeitar

Outros mal educados
Começaram a ignorar
Não queriam nos dizer
Sobre a violência familiar
Tinham medo que o marido
Viesse lhe espancar

Fomos bem recebidos
É importante registrar
Que os moradores da Beira da Linha
Souberam nos respeitar
Respondendo o questionário
O qual estávamos a aplicar

E durante a entrevista
Dona Carminha elogiava a gente
Thamyres e Janyelle
Saíram muito contentes
Com as mãos cheias de bombons
E nem se quer
Dividiram com a gente.

(Texto produzido pelos jovens educandos da turma A2 em setembro de 2003.
Fonte: Arquivos do Projeto Beira da Linha)

Com a participação dos jovens nesta experiência educacional, eles passaram a conhecer melhor o meio em que vivem, e foram se descobrindo enquanto sujeitos. Da mesma forma, começam a se destacarem e a serem foco de atenção na sociedade. A forma de como começa a participar ativamente, discutindo e propondo ações de melhorias para questões problematizadoras existentes no meio em que vive, favorece para o surgimento desta atenção.

Na foto o educador de letramento e os jovens responsáveis pela produção dos versos na aula de arte.



(Fonte: Jornal O Norte, 09 de novembro de 2003).

A “participação” em projeto é fundamental para que o jovem aluno realize as quatro aprendizagens fundamentais: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Sobretudo, o projeto é uma atividade prática, que dispensa “teorias” e “conteúdos inúteis” [...] (SOUZA, 2008, p. 169).

Quando a etapa deste processo está concluída, o jovem tem em suas mãos o conhecimento que podemos chamar de popular, visto que todo o processo desta primeira etapa teve como fonte a própria comunidade.

Garantir ao jovem a sua inserção na sociedade é também oferecer a ele o direito de produzir novos conhecimentos. Com essa meta, o que o jovem produziu até o presente momento em relação ao desenvolvimento do projeto de estudo buscará, sobre o tema escolhido, pesquisar fontes acadêmicas para que assim, os dados sejam cruzados e a partir daí possa sair um novo conhecimento.

Basicamente a vivência do jovem educando que passou pelo PBL dentro desta dinâmica de trabalho com a pedagogia de projeto, teve a oportunidade de resgatar o conhecimento popular, pesquisar cientificamente sobre o objeto estudado e adquirir com isso, um novo conhecimento.

$$\text{CP} + \text{CC} = \text{NC}^{28}$$

Daí, a contribuição para a formação do sujeito ativo e incluso socialmente.

Nesta atividade com a pedagogia de projetos, a qual o PBL denominou de “atividades integradas”, tinha ainda como missão para a juventude, a sistematização de todo o processo, e a devolução para a comunidade.

Para que isso pudesse acontecer, o PBL sempre realizava no início e final do desenvolvimento da pesquisa ao objeto de estudo, dois eventos com a comunidade: gincana e o festival cultural, onde os jovens educandos dentro das linguagens vivenciadas, apresentavam para a comunidade o que conseguiram elaborar e obter de novo em relação ao conhecimento.

Exposições e outras formas de apresentar também se inseriam neste espaço de saberes e conhecimentos. Assim, se concluía esta atividade que o PBL considera trazer grande contribuição para a formação do jovem protagonista.

²⁸ CP – Conhecimento Popular; CC – Conhecimento Científico; NC – Novo Conhecimento.

Podemos em seguida apresentar algumas considerações e depoimentos de alunos que vivenciaram em diferentes tempos, estudos de temas dentro desta proposta da pedagogia de projetos no PBL:

a) Objeto de Estudo: Criações e Invenções do Cotidiano

Neste objeto de estudo o PBL desenvolveu atividades que levasse o jovem a pensar e a criar, despertando assim, o campo cognitivo. Da mesma forma, os jovens nessas atividades eram convidados a buscarem na comunidade criações e invenções construídas pelos moradores. Dessa forma, as produções encontradas eram valorizadas a partir de uma exposição feita nas dependências da instituição. A comunidade era convidada a participar da exposição juntamente com os educandos e educadores do PBL.

Tinham várias invenções, algumas foram feitas por nós mesmo, outras por artesãos e moradores da comunidade. Tinha invenções bem criativas, grandes, pequenas, estranhas, diferentes e algumas bem bonitas. Eram feitas de materiais diversificados. De todas as invenções, a que mais nos chamou a atenção foi à casa feita com palito de picolé e areia, e também, o carro de papelão. (Texto coletivo escrito por Bismarque, Suênia, Fernando. Março de 2005).

A descoberta impulsionou os educandos a aprofundarem o conhecimento em relação ao tema exposto, e a partir daí, foram estimulados a criar ou potencializar a criatividade intrínseca.

Exposição das criações e invenções do cotidiano no Centro Educacional Miramangue



Fonte: Arquivo do PBL - 2005

A casa apresentada na foto foi construída por um jovem que na época se encontrava preso em um dos presídios da cidade. Porém, os educandos

percebendo a riqueza do produto articularam com a família do jovem detido a vinda do objeto para a exposição. Esse foi um dos objetivos que mais chamou a atenção na exposição.

Na parte crítica, os educadores desenvolveram atividades que levaram os jovens a analisar as diversas criações, pontuando nelas, a sua utilidade e possíveis prejuízos para o cotidiano.

Alguns pontos desse trabalho:

(Atividade coletiva feita pelos educandos Janilene, Claudenice, Ana Paula, Maria das Dores e Fernando)

Criação	Utilidade	Prejuízo
Carroça	Carrega materiais, meio de transporte.	Maltrata o coitado do burro
Ônibus	Confortável	Muito caro a passagem
Medidor de energia	Para ver o consumo diário.	Tem que pagar
Som	Diversão	Poluição sonora
Avião	Seguro – rapidez	Custa caro
Trem	Rapidez e barato	Atrasa e mata quem tiver na frente.

Fonte: Arquivo pessoal - Abril de 2005

Assim, o jovem conseguia ser, em sua maioria, sensibilizado para investir e buscar novos conhecimentos que os garantisse sua ascensão social, cultural e econômica. Dessa forma, o jovem descobria também, que a ausência de políticas públicas não eram questões de destino, azar ou falta de recursos, mas sim, falta de investimentos nessas comunidades periféricas, causadas em sua maioria, pela não participação da população.

Não se trata obviamente de impor à população expoliada e sofrida que se rebele que se mobilize que se organize para defender-se, vale dizer, para mudar o mundo. Trata-se na verdade, [...] de simultaneamente com o trabalho específico de cada um desses campos, desafiar os grupos populares para que se percebam, em

termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta. Mais ainda, que sua situação concreta não é destino certo ou vontade de Deus, algo que não pode ser mudado. (FREIRE, 1996, p.79).

É bem verdade também, que não são todos os jovens que conseguiram, nesse espaço de tempo, adquirir intrinsecamente um perfil crítico, participativo e amplo na forma de ver o mundo.

Mas diante de uma realidade, onde jovens vivem sem perspectivas e são a cada dia massacrados pela desigualdade e exclusão, vitimados pela falta de oportunidades e conhecimentos que lhes garanta a sua inclusão social, cada jovem que conseguia, durante o processo de estudo, descobrir a capacidade interna de criticar e fazer valer sua opinião e, ainda mais, passa a investir na luta, pelos seus direitos e transformação local, chega a ser para os atores desta experiência educativa, um resultado animador.

b) Objeto de estudo: Direitos e deveres essenciais do aluno

Essa atividade propiciou aos educandos do PBL participar de um processo onde a escola era colocada como principal ponto de discussão. Dessa maneira, os jovens educandos montaram um projeto de estudo e passaram a analisar a própria escola onde estudavam.

Em uma atividade proposta pelo PBL, uma jovem que é educanda da ONG, refletia sobre a situação escolar em que estava vivendo. Após debater e analisar, ela chegou à seguinte conclusão:

Nós estudamos para ter um bom futuro, nas matérias que eu passei acho que não tive um bom desenvolvimento, porque em algumas matérias não houve estudo ou aprendizado, e sim, foi decorado. E também, se eu tivesse o ensino avançado e se eu estudasse numa escola particular, eu teria um bom desenvolvimento. (Thainã Oliveira - 29.03.07).

Na sequência, esta mesma jovem que é aluna de uma escola pública do bairro, constrói uma tabela para melhor analisar a sua trajetória escolar, buscando entender até que ponto os anos estudados, lhe garantiram a aquisição do novo conhecimento.

Trajetória Escolar de Minha Vida

Idade	Série	Resultado
5	1 ^a	Aprovada
6	2 ^a	Aprovada
7	3 ^a	Aprovada
8	4 ^a	Aprovada
9	5 ^a	Aprovada
10	6 ^a	Reprovada
11	6 ^a	Aprovada
12	7 ^a	Aprovada
13	8 ^a	Em curso

(Thainã Oliveira – 29.03.07. Hoje está cursando o 3º ano do ensino médio)

Após analisar a tabela e relacioná-la ao conhecimento adquirido no âmbito escolar, sentiu que o processo de aprendizagem estava sendo obtido de forma muito lenta, ou seja, a visão crítica, cidadã e a participação ativa na comunidade, era algo que a jovem havia conseguido na ONG, e não no espaço escolar, lugar onde passara mais tempo.

Esse sentimento de perda também era o de muitos jovens que estudavam junto com essa aluna. Mas, é importante registrar ainda, que ela coloca a responsabilidade de não se desenvolver bem, na sua condição de não poder estudar em uma escola particular. Será que isso procede? Será que quem estuda em escola pública está fadado ao atraso?

A escola que temos:

Temos uma escola que não tem um bom ensino e nem uma boa estrutura. Nos termos de organização, não é tão boa como pensam, porque os professores não ensinam bem e a maioria dos alunos só vai para a escola bagunçar e para não levarem falta por causa da Bolsa Família (Programa do Governo Federal), porque se faltar muito poderá perder o benefício. E, além disso, não deixa os professores darem aula a quem quer alguma coisa. (Sheyla, Daniel, Thaís, Klebson, Patrícia, Valdicleiton, março de 2007)

Todo esse processo educativo proposto foi vivenciado para que fosse despertada nos jovens a vontade de garantir a própria qualidade de ensino e o próprio amadurecimento crítico, social, políticos, entre outros.

Com isso, os resultados que almejamos, na ocasião, buscava formar jovens ativos para a busca de seus direitos e alunos com práticas coerentes e adequadas para o seu processo de desenvolvimento.

A proposta de estudo foi montada, e a visão dos jovens em relação ao seu posicionamento na escola, enquanto aluno, gerou alguns conflitos pessoais e coletivos, visto que, muitos jovens, negligenciavam também o seu papel enquanto aluno, gerando assim, a ausência da ação protagonista que deveria transformar a dinâmica que tal escola vinha adotando.

Dessa maneira, a comunidade do Alto do Mateus foi aos poucos conhecendo melhor o PBL a partir das inquietações que os sujeitos atendidos pela instituição fazia, seja no espaço da escola, no campo de futebol, nas poucas praças públicas existentes na época, ou nos espaços públicos participando dos atos em defesa de melhorias para a classe subalterna.

Elementos políticos passam a fazer parte da vida dos jovens educandos, uma visão conquistada a partir da participação nas diversas atividades de articulação, planejamento e mobilização. Como exemplo podemos citar a participação nas caminhadas em comemoração ao aniversário do ECA, grito dos excluídos ou propriamente na comunidade, a exemplo da caminhada em defesa de um bairro limpo e sem sujeiras, realizada em 2002 e da caminhada contra o Trabalho Infantil.

Caminhada pelo Alto do Mateus contra o Trabalho Infantil



Fonte: Arquivo do PBL

A atuação do PBL conseguia com as parcerias existentes, envolver as escolas públicas do bairro para a realização das caminhadas temáticas. Na ocasião, a luta contra o trabalho infantil foi tema de estudo no PBL onde várias crianças e jovens, pesquisaram e passaram a detectar vários casos de trabalho

infantis na comunidade, seja ele, doméstico ou jovem trabalhando na feira livre. Com isso, a comunidade do Alto do Mateus passava a perceber movimentações atípicas da realidade em que era acostumada a viver. Movimentos de resistência e luta em favor das crianças e dos adolescentes passaram a integrar a discussão nas escolas e a sensibilizar a comunidade.

Dessa maneira, as ações desenvolvidas pelo PBL conseguiam organizar alguns jovens que pudessem sentar e discutir ações, que pudessem contribuir com a aquisição do respeito aos direitos já adquiridos, mas não praticados pelos poderes competentes.

O conhecimento sobre os direitos e deveres ficava a cada dia mais claro para os jovens envolvidos nas ações, isso, sensibilizava-os e traziam neles uma necessidade de se organizarem, e poderem trabalhar para transformar o meio no qual estavam inseridos.

Quando a gente aprende que têm direitos, aí dá uma vontade de correr atrás e fazer com que eles sejam cumpridos. A gente também tem deveres, a gente tem cumpri-los também. (Thainã, ex-aluna do PBL, 2005).

A fala da jovem apresenta a vontade de correr atrás de seus direitos, porém, uma corrida que deverá ser preparada para saber como melhor se poderá contribuir para que os direitos venham, de forma concreta, a ser respeitado. Com isso, o importante também, é o despertar para esta ação trazida pela jovem. Um despertar, que segundo ela, surge a partir do conhecimento de que existem direitos que deveriam transformar a dura realidade pela qual estavam vivendo.

As diferentes vivências oportunizadas aos jovens parecem contribuir com a fomentação de desejar um mundo melhor, deixando de lado o conformismo e a acomodação ou aceitação passiva de exploração e exclusão.

Encontro sobre o Trabalho Infantil no Palácio do Governo



Fonte: Arquivo do PBL

O envolvimento dos jovens educandos nas ações externas ao bairro onde moram, foi fundamental para que fosse possível perceber a relação dos problemas da comunidade, com as demais comunidades da cidade, estado e nação. Uma amplitude que requer uma junção de forças para garantir que o processo de transformação venha a acontecer.

CAPÍTULO 04

DO SONHO A REALIDADE: JOVENS CRUZAM AS FRONTEIRAS DAS POSSIBILIDADES

Chegada no aeroporto de Malpensa - Itália



Fonte: arquivo pessoal – Abril de 2001

Não importa o tamanho da dificuldade se a capacidade intrínseca é colocada a disposição de um coletivo. Essa junção nos dar força e nos faz atravessar oceanos.

Luciano Alves

5.1 – O Projeto Beira da Linha e sua ação junto à juventude

Neste ponto de discussão, o foco será dado às falas dos educadores que participaram do PBL e tiveram também, experiências na coordenação da ONG. Teremos trechos da fala de um padre da congregação mazziana que coordenou por mais de cinco anos o Projeto Beira da Linha. Dessa maneira, o relato dos mesmos consegue de forma satisfatória trazer uma visão a cerca do trabalho desenvolvido pelo PBL junto à juventude, apresentando, também, contribuições da ONG para a formação de jovens protagonistas.

Três educadores foram entrevistados neste projeto de estudo para ajudar a compreender melhor a atuação do PBL junto à juventude durante o período que está sendo pesquisado. Na ocasião, vale registrar que, os três educadores entrevistados fizeram parte da coordenação desta ONG, tendo assim, melhor conhecimento sobre as decisões e direcionamento tomados pelo PBL.

Questionados sobre que atividades desenvolvidas pelo PBL no período de 1991 a 2007 foram mais pontuais para a juventude, apareceu nas falas dos três entrevistados, a atividade de teatro como sendo grande meio para o desenvolvimento da juventude atendida naquela época. Outras atividades foram citadas a exemplo da capoeira, futebol de campo, futsal, MNMMR e o grupo do Consciência Estudantil.

É bem verdade, que o atendimento específico da juventude teve início de forma sistemática a partir de 2001. Isso não significa dizer que não existia atendimento a juventude, existia sim, porém foi em 2001 que o PBL passa a pensar especificamente, pedagogicamente em atividades voltadas para o jovem.

Eu cheguei em 99, porém em 99 eu cheguei pra dar aula de informática, quando foi implantado o laboratório de informática no projeto, e fiquei como professor de informática até 2001, ocasião em que o projeto conseguiu aprovar o projeto específico para trabalhar com a juventude, é que até então o Projeto Beira da Linha não tinha esse, essa, essa atividade com a juventude, e eu passei a coordenar. Essa foi a ocasião em que o Projeto Beira da Linha passou a receber recursos do Instituto C&A, com o objetivo específico de desenvolver ações voltadas pra juventude no Bairro. (José Benedito foi educador do PBL, texto extraído da entrevista, 2010).

Pensar especificamente em atividades para a juventude era garantir que as crianças e adolescentes atendidas desde o início da ONG, pudessem ter continuidade em relação a participar no PBL, com as devidas atividades pensadas para este público. Assim, a equipe de educadores convidados a assumir tais atividades com os jovens passou a se integrar aos demais educadores da instituição no que diz respeito, aos planejamentos e atividades conjuntas. Foi um momento de crescimento para todo este grupo, pois as ideias socializadas passavam a ser discutidas e trabalhadas por um grupo maior de pessoas. Os educadores das crianças agora juntos com os educadores das turmas de adolescentes participavam do mesmo espaço e planejamento. A juventude pedagogicamente é pensada dentro do PBL.

Mesmo sabendo, e tendo ciência, de que, o protagonismo juvenil passou a ser foco dos trabalhos desde a implementação da ONG que chegou acompanhada do ECA, as atividades em relação a esse protagonismo talvez tivessem sendo desenvolvidas, porém, sem fazer a devida correlação, ou então fazendo ainda com algumas dúvidas neste enunciado. Dessa forma, nos faz lembrar quando Souza (2008, p. 109), nos leva a perceber o exemplo do Clube de Ciências Onze de Agosto que há muito desenvolvia atividades em relação ao protagonismo juvenil, porém, pela ausência de uma melhor definição do termo, só se reconheceu neste trabalho a partir de 2000, após ler o livro de Costa que trazia uma definição sobre este termo.

A primeira experiência concreta com a juventude, dentro deste cenário incorporado pela aprovação de um projeto destinado para este afim, teve início com oficinas temáticas, onde a juventude através delas discutia seu dia-a-dia e buscava compreender tal realidade.

Oficina de Desenho



Oficina de Dança



Fonte: arquivo do PBL – Junho de 2001

No decorrer do processo, as atividades foram se aprimorando de forma, sistematizadas e integradas ao dia-a-dia do PBL. Assim, com um olhar também voltado para este público jovem, as atividades passam a ganhar uma proposta de ações mais integradas. Assim, as turmas de crianças, adolescentes e jovens passaram a fazer parte de um único planejamento, que a partir de uma proposta, com um tema integrador, as especificidades iam sendo respeitadas na construção metodológica desenvolvida para cada fase de vida. Foi o que o PBL chamou de atividades integradas, as quais já foram faladas em capítulos anteriores.

É importante ressaltarmos, que atividades com jovens já aconteciam antes dessa proposta em 2001, porém, com exceção do grupo de teatro, as demais existentes eram atividades que não tinham um acompanhamento ou foco pedagógico, a exemplo do futebol de campo.

Vendo a imensa participação juvenil e a constante procura por uma vaga em uma das atividades ministradas pelo PBL, os educadores entrevistados falaram sobre o que poderia ser tão atrativo que traziam os jovens para este espaço.

De acordo com Alessandro Corazza que coordenou o PBL durante seis anos, o relacionamento com os educadores adultos, dedicados e disponíveis com interesse na vida, e na melhoria da vida das crianças e dos adolescentes favoreceu para que o PBL se tornasse um espaço atrativo. O envolvimento do educador, bem como, as atividades propostas ligadas à expressão pessoal e grupal, que se apresentavam de forma prazerosa, nas quais, em seguida, seriam socializadas com a comunidade. Alessandro Corazza, ainda afirma, que para aqueles que conseguiam entender a proposta de desenvolvimento pessoal, as oportunidades oferecidas se tornavam úteis para a superação da exclusão social.

Os depoimentos dos demais entrevistados fortalecem os dados descritos acima, e, acrescentam que no espaço da ONG, os jovens tinham melhor oportunidade para pensar fazendo o vínculo entre o aprendizado com a ludicidade.

[...] a gente quebra essa visão que é uma visão muito fragmentada do aprendizado que a gente ou aprende matemática ou aprende português ou aprende literatura. No Projeto Beira da Linha se pode discutir essas questões de forma associada, de forma articulada e ao mesmo tempo de forma prazerosa que é a forma lúdica de se aprender, e isso ao contrário da escola formal

os meninos tem certo apressamento maior porque ali eles podem interagir diretamente com os problemas e com o próprio educador. [...]. (José Benedito foi educador do PBL, texto extraído da entrevista, 2010).

A necessidade de poder oferecer aos jovens oportunidades para que eles pudessem enxergar opções de ascensão que, não fosse meramente o mundo das drogas, que invadia a comunidade de forma truculenta, absurda. Tal constatação, fez com que, muitas vezes o PBL, buscasse articulações apenas com as lutas locais, deixando a desejar a articulação com as questões mais nacionais que diz respeito a todo o povo brasileiro.

Hoje eu tenho uma leitura né, em relação ao PBL que talvez seja a primeira, eu já conversei com algumas pessoas, poucas porque isso não só tá no PBL, na verdade eu enxergo isso em outras experiências também, porque assim, a gente buscava muito ali é tipo uma utopia de resolver o problema da juventude ou daquelas famílias em situação de miséria, de pobreza, de fome, como se fosse possível a nível local a gente poder resolver esse problema, mas sem enfrentar as questões do nosso país, que são questões estruturantes, questões políticas mais amplas, e é como se a gente soubesse disso, mas a gente tava muito envolvido no trabalho de base local sem uma articulação mais ampla, e hoje eu sei, tenho consciência que não é possível resolver e a gente viu isso e tá vendo né, é a situação daquelas centenas de famílias que moram no bairro Alto do Mateus, especificadamente na comunidade Beira da Linha, se o problema do país, do Brasil, da América Latina e do mundo também não for resolvido, a gente vive num sistema de exploração, uma lógica capitalista, neoliberal ainda hoje, é o projeto dominante e um país que ainda não resolveu problemas estruturantes como a reforma agrária, a reforma tributária e a própria democratização da mídia, como tantos outros, a reforma política, tantas questões que precisam ser enfrentadas e resolvidas e conquistadas pelo povo brasileiro, pra que no cotidiano né, essas mudanças aconteçam. (Ana Gusmão, ex-educadora e ex-coordenadora pedagógica do PBL, texto extraído da entrevista, 2010).

A presente citação traz uma problematização na forma de organização de diversas entidades, movimentos sociais e, especificamente, sobre a ONG Beira da Linha, que em sua estrutura, investiu muito na organização local e fortalecimento da base na comunidade. No entanto, a educadora Ana Gusmão apresenta uma reflexão a cerca da necessidade de ligar as lutas locais com as lutas mais nacionais. Isso por se tratar de uma complexidade vigente no sistema

econômico, político, social e cultural do país, onde o mesmo está diante de uma ação exploratória da classe trabalhadora.

Diante disso, a necessidade de poder ampliar as ações pensando em soluções para problemas como exploração e exclusão têm que atender a todos os povos, a todas as famílias. Assim a verdadeira libertação em massa dessas pessoas massacradas e excluídas acontecerá com a junção de forças, em que a estrutura dominante tende a se enfraquecer fazendo com que, aos poucos, a liberdade e dignidade possam chegar ao máximo de pessoas.

A gente teve casos de meninos e meninas, jovens vamos supor você ou outros também que tiveram, vamos supor a oportunidade de enfim, sair na ponta de uma agulha, né, mas isso não significa crescimento de uma comunidade, a gente não queria um ou dois, a gente, o desejo nosso era um desejo coletivo de mudança né, de qualidade de vida, uma transformação da realidade do povo da Beira da Linha, do Alto do Mateus e essa transformação dos jovens das famílias ela não vai passar isolada de uma transformação coletiva do povo brasileiro e se a gente não tiver ligando que eu acho que isso é um grande desafio, as questões locais de um trabalho de base, a uma luta mais ampla de mudança de país, a compreender as necessidades estruturantes do país da gente, e se organizar enquanto povo brasileiro pra conquistar isso, porque isso nunca vai ser dado pra gente, a gente não vai resolver questões básicas né, de saúde, de educação, enfim vai sempre amenizar um pouco aquela situação, um ou outro vai ter o privilegio, a oportunidade, mas é diferente de uma sociedade caminhar junto, num sentido de outra qualidade de vida né, de outro patamar de vida. (Ana Gusmão, ex-educadora e ex-coordenadora pedagógica do PBL, texto extraído da entrevista, 2010).

É interessante, notarmos, que na citação que Ana Gusmão, ela aponta para a necessidade maior de transformação, não podendo, esta se resumir a apenas um ou dois jovens que se destacaram e conseguiram ascender socialmente e profissionalmente. Mas, é preciso pensar em uma transformação mais geral, onde as famílias, jovens possam sentir o efeito das políticas públicas que adentram em suas comunidades, em suas vidas, trazendo assim, garantias de crescimento para todos e não apenas para alguns.

A fala colocada por Gusmão leva a refletir sobre a prática de mobilização, mas uma mobilização que precisa se articular de forma mais geral, já que os problemas locais passam por questões estruturantes, e que estão ligados a

situações nacionais e, até internacionais. De acordo com essa citação acima, a organização local é importante, mas não pode ficar apenas nisso, pois se assim continuar, apenas alguns jovens poderão ser contemplados com o despertar e com a inclusão social.

A impregnação do sistema excludente se faz presente em todas as partes do país, e do mundo. Por isso, a necessidade de se organizar e buscar articulações que possam garantir uma análise da conjuntura política, economia e cultural para que assim, se possa iniciar o processo de resistência as iniciativas de dominação. Com efeito, o discernimento da camada popular deve ser fundamental no processo de formação local para que assim, haja possibilidades reais de perceber o mundo, como um espaço de conquistas e transformações e, que essas transformações só dependerão do nível de organização e participação do povo excluído.

Uma transformação na realidade da classe trabalhadora só poderá ocorrer se a própria classe se movimentar em prol dessas mudanças, não se pode esperar dos que estão no poder que os mesmos resolvam as questões estruturais por conta própria. A participação popular de forma consciente fará a diferença na forma de fazer política, e de garantir aos mais necessitados os direitos que ora, estão sendo desrespeitados.

Tem crianças e jovens que ainda não conseguem entender, ficam perdidas nas suas situações pesadas. Tem crianças e famílias que conseguiram alguns resultados, terminar o ensino fundamental sem perder muitos anos, fizeram boas experiências de socialização, organizando decentemente a sua vida. Tem famílias e adolescentes que aproveitaram bem das oportunidades e reverteram a sua situação “escolhendo” um trabalho, procurando formação adequada, o estudo até a formatura e pós-graduações. Em geral, os meninos adquiriram certo interesse para o próprio desenvolvimento, buscando mudanças no contexto de socialização. (Alessandro Corazza, membro da Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza e ex-coordenador do PBL, texto extraído da entrevista, 2010).

De acordo com a fala de Alessandro Corazza, é perceptível que houve crescimento e desenvolvimento por parte de algumas famílias e jovens da comunidade Beira da Linha, isso por conta das oportunidades que foram oferecidas a esse público, visto que, os mesmos, estavam acostumados com o

fracasso, com a falta de oportunidades e com o comodismo. Nesse sentido, vale registrar que a oportunidade, juntamente com orientações adequadas, foram fundamentais para o despertar de algumas pessoas.

Já outras pessoas como bem, diz Alessandro, ainda insistem em ficar perdidas deixando de lado a discussão e a busca pelo entendimento da conjuntura política e social. Dessa maneira, não conseguem compreender a necessidade de se acharem, para que assim, possa ser iniciado um processo de resistência e conquista por uma vida melhor. Com isso, as políticas públicas garantidas, vai também contemplar a essas pessoas que ainda vivem de forma passiva.

Diante disso, se faz necessário compreender que o trabalho de base vinculado a um trabalho político de organização de formação política, e de uma luta mais ampla, é de fundamental importância para o desenvolvimento de um povo. Por isso, a carência por investimentos que prepare a população para uma visão crítica e para uma ação real de luta e superação aos mecanismos excludentes.

5.2 - Perfil dos jovens participantes do projeto Beira da Linha

O momento da pesquisa realizada com os jovens que fizeram parte do PBL, e também com alguns que ainda fazem parte, foi fundamental para que percebêssemos a situação atual desses jovens participantes do Projeto Beira da Linha. O grupo de jovens aqui pesquisados nos dará condições de ter a partir da amostragem, dados que nos possibilitem observar a contribuição das ações desenvolvidas por esta instituição para a inclusão destes jovens a partir de sua vivência cidadã e prática protagonista, bem como, descrever os saberes adquiridos pelos jovens junto ao PBL.

O grupo de jovens que respondeu o questionário é bastante diversificado em relação à idade e tempo de participação no PBL. Foram 24 jovens pesquisados no total, desses, a mais nova tem hoje 16 anos e a mais velha com 35 anos. Alguns dos pesquisados, nos revelou, que iniciou a participação no PBL com 06 anos de idade, e ficou aproximadamente até os 16 anos, ou seja, uma experiência de 10 anos vivenciada no âmbito da instituição.

Um fato comum entre os entrevistados, é que todos moram no próprio bairro do Alto do Mateus, local onde está situado o Projeto Beira da Linha, especificamente, nas ruas paralelas ou concorrentes com a instituição. Isso é um fato que nos traz também a confirmação de que no início do Projeto Beira da Linha o público central a ser atendido eram os moradores da rua Luiz Jacinto e proximidades, ou seja, moram nas áreas consideradas como as mais pobres do bairro.

Em relação ao estado civil desses jovens, os dados apresentam que em um total de 24 entrevistados, 71% permanecem solteiros, 13% estão casados e 16% estão morando com alguém. Um fato que chama a atenção é o percentual de jovens solteiros, pois essa situação vai conflitar-se com a realidade local, onde a maioria dos adolescentes e, jovens em geral, se não estão casados, se encontram morando com alguém. Na maioria das vezes, assumindo uma responsabilidade, em que muitas vezes não conseguem sustentar o compromisso, tendo que continuar morando na casa dos pais.

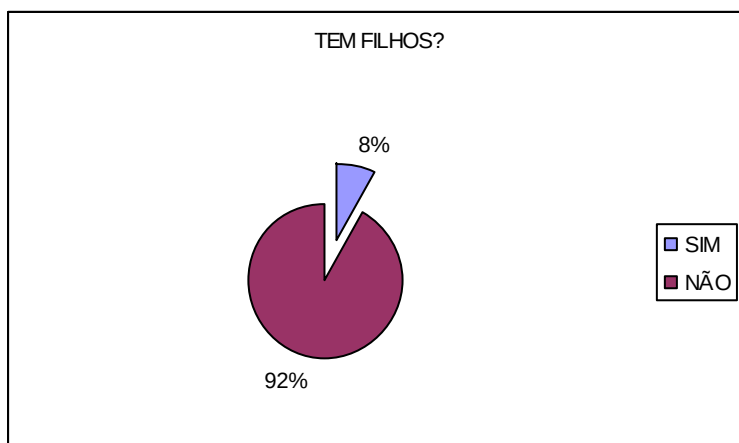


Figura 1- Apresentação de dados em relação à geração de filhos.

Observando o gráfico acima, notamos que a maioria dos jovens não tem filhos. Realidade que podemos relacionar com a contribuição das ações do PBL desenvolvidas sob essa temática. Nesse sentido, podemos fortalecer a hipótese de que a capacidade em planejar, e de perceber as estruturas necessárias para geração, e acompanhamento de uma criança venha a existir nos jovens aqui pesquisados, visto que, algumas atividades desenvolvidas pelo PBL, junto aos jovens, estavam voltadas exatamente para a atenção ao planejamento familiar. É

bem verdade, que nem todos os jovens conseguiam por em prática aquilo que aprendiam na teoria.

Uma das atividades voltadas para os adolescentes e jovens do PBL foi desenvolvida pelo PROAD (Projeto Adolescentes em Debate) que tinha como principal objetivo trabalhar a orientação sexual através de oficinas e debates promovidos com a ajuda de diversos parceiros. Essas atividades falavam dos métodos preventivos, e da própria condição física e intelectual necessária para o ato de ser pai e mãe. Os encontros do PROAD aconteciam quinzenalmente, aos domingos pela manhã no Centro Educacional Miramangue, e participavam cerca de quinze jovens, onde na sua maioria já estavam ligados a alguma atividade diária no PBL.

A metodologia utilizada nos encontros contemplava sempre os trabalhos de grupo e o debate sobre os temas trabalhados. Na facilitação do encontro sempre havia educadores convidados de outras instituições parceiras. É importante deixar registrado, que alguns jovens participantes desse grupo, começaram a desenvolver a função de monitores, chegando a articular os encontros com os demais jovens, bem como, os educadores das outras instituições.

Apesar do PBL, apoiar a atividade do PROAD, esse grupo não fazia parte das ações pedagógicas e sistemáticas que eram pensadas e, assumidas pelo PBL, na verdade foi uma atividade proposta pelos jovens e apoiada por educadores da ONG que voluntariamente fazia esse acompanhamento junto aos jovens. O “Projeto Adolescentes em Debate” perdurou por alguns anos, levando os jovens a discutirem questões relacionadas com a realidade a que estavam inseridos, tais como: drogas, sexualidade, gênero, direitos e deveres.

De acordo com a realidade local e a conjuntura social nacional influenciada pela globalização, a maioria dos adolescentes já possuem a vida sexual ativa. É bem verdade, que hoje em dia, a informação já chega aos adolescentes com mais facilidade, porém, é bem verdade também, que a informação não garante que os adolescentes ou jovens engravidem em meio a um cenário de vida bastante desfavorável.

Isso nos leva a fortalecer a hipótese de que o processo de amadurecimento, e formação do indivíduo tem uma forte ligação com o meio em

que está vivendo, e o que esse meio oferece no decorrer do desenvolvimento da criança, adolescente e ao próprio jovem.

O gráfico a seguir, nos traz dados em relação à escolaridade, como dos adolescentes e jovens no processo educacional. No Brasil, ainda, é um obstáculo para muitos entrar na universidade, visto que, a juventude da classe trabalhadora ao longo dos anos de seus estudos, apresenta deficiência na aprendizagem, por falta de uma melhor qualidade na forma de ensino. Assim, os jovens da classe média e alta, advindo de escolas particulares tendem, com mais facilidade, ocupar um espaço na universidade pública.

É bem verdade, que alguns jovens da classe trabalhadora, apresentando toda uma dificuldade oriunda das escolas públicas, conseguem de forma satisfatória superar tais obstáculos, e conquistar um espaço na universidade pública. Parece correto fazer a leitura de que, a confiança, autoestima e o esforço pessoal podem fazer a diferença na vida desses jovens, porém, em sua maioria, esses itens são sufocados pela desigualdade, exclusão e sensação de incapacidade provocada pelo sistema opressor.

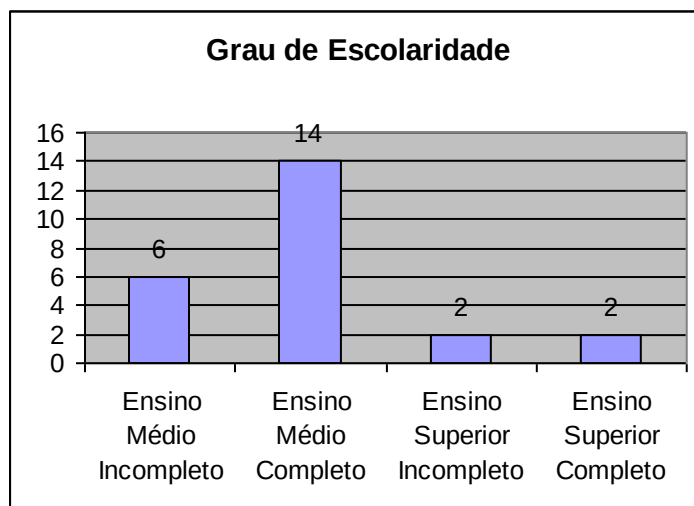


Figura 2- Apresentação de dados em relação ao Grau de Escolaridade dos Jovens que foram atendidos pelo Projeto Beira da Linha.

Os dados apresentam o acesso ao ensino médio no topo de nossa pesquisa. Como podemos perceber no gráfico, 59% dos jovens concluíram o ensino médio, 8% concluíram o ensino superior e 8% está cursando o superior. A partir dos dados coletados, percebemos que 25% dos jovens estão cursando o ensino médio.

Se fizermos uma relação do processo de envolvimento dos jovens entre o final dos anos 80, e início dos anos 90 da comunidade Beira da Linha, na escola, pode-se então considerar um avanço educacional dos jovens, mesmo ainda, tendo a minoria deles na universidade. Essa realidade não é só no Alto do Mateus, a conjuntura educacional nacional ainda precisa passar por transformação que traga aos jovens das comunidades periféricas, uma educação de qualidade que lhes preparem de forma concreta para o ingresso na universidade. Esse ingresso, também, passa pelas políticas de acesso. No entanto, é preciso que o Brasil possa avançar no campo educacional para que assim, seja garantida aos jovens sua inclusão nos cursos superiores e em universidades públicas.

Enquanto essas políticas não forem concretizadas, as ações locais de estímulo e contribuição no processo de aprendizagem aos jovens vão sendo oportunizadas pelo PBL. A situação educacional dos jovens quando o PBL iniciou suas atividades, na comunidade Beira da Linha em 1991 era bastante fragilizada.

A maioria dos jovens não estuda. Dos jovens que estudam mais da metade são reprovados ou desistem. Por isso grande parte dos jovens não sabe ler ou ler pouco. A situação dos pais é ainda pior: quase nenhum sabe ler. (Cartilha Abrir os Olhos para Andar na Linha, 1991, pg. 9).

Uma das primeiras ações do PBL, para reverter esse quadro foi garantir aos jovens o direito de se expressarem sobre as condições que a escola pública oferecia. Outro ponto era refletir junto aos jovens, sobre a importância de estar na escola, bem como, relacionar o aprendizado com a possibilidade real de transformação da vida, ou melhor, era preciso passar pela escola para conquistar espaços na sociedade. Na época, precisamente, nos anos 90, a grande luta em relação à escola pública estava ligada ao seu acesso, pois não era todo mundo que conseguia vagas para estudar. A maioria que não conseguia vaga na escola, próxima de casa, não se interessava em procurar outra.

O PBL quando iniciou, na década de 90, conseguiu através das atividades culturais envolverem os jovens nessas discussões e, assim, organizar a comunidade dos pais, crianças e adolescentes para que voltassem a estudar.

Para participar das atividades da ONG, era preciso que os educandos estivessem matriculados e, participando das atividades nas escolas. Isso favoreceu para que vários jovens pudessem voltar a estudar.

A educação é um dos mecanismos que pode garantir aos que a busca, o direito de conhecer com mais precisão a dinâmica política, econômica e cultural a que está inserido. A importância de lutar por uma escola inclusiva, pública e de qualidade, faz aumentar a possibilidade da existência de um trabalho no campo protagonista. Vários jovens que não estudavam ou desistiam, puderam perceber a importância de ocupar um espaço na escola, como forma de direito ao processo de formação, e aquisição do conhecimento.

Questionados, se atualmente estão estudando, seja em escola regular ou em algum curso, os dados apresentados demonstram que 62% dos pesquisados afirmam não está estudando, ou seja, grande parte concluiu o ensino médio e não mais continuou. Será que ainda carregamos a cultura de pensar que o ensino médio é sinônimo de conclusão e dever cumprido? Interrogados sobre a decisão de não mais estudar, alguns atribuíram essa decisão a falta de tempo, e outros dizem que se sentem despreparados para acompanhar a vida acadêmica, em especial, a universidade. Os 38% que estão estudando, afirmam que assim fazem, apesar de todo o sacrifício, por entender que só estudando o “pobre”²⁹ consegue construir uma vida melhor.

Quando indagamos sobre o sistema escolar em que estudaram, obtivemos os seguintes resultados:

	Quantidade	Porcentagem
Pública	22	92%
Particular	00	-
Nas duas	02	8%
Total	24	100%

Tabela 1 – Dados referentes à estrutura escolar vivenciada pelos jovens participantes do Projeto Beira da Linha.

De acordo com os dados, a maioria dos jovens estudou na rede pública de ensino, isso faz com que a responsabilidade do setor público, na questão que

²⁹ Neste caso, entendemos que o termo pobre está atribuído a ausência mínima de estrutura financeira.

envolve a formação do indivíduo, seja ampliada e melhor gerenciada para que seja possível responder com coerência, as demandas trazidas por este público, que está inserido na rede de ensino governamental. Demandas, estas, que envolvem a questão do acesso, da qualidade e da formação integral do ser.

Já sobre a situação, questionamos sobre a situação sócio-econômica, e, quais deles estavam trabalhando, adentrando, assim, no campo do mundo do trabalho. A partir dessa pergunta, obtivemos como dados que 58% dos jovens estavam empregados, e, 42% destes jovens, atualmente, estão desempregados.

Os dados acima apresentados demonstram que a juventude, de certa forma, conseguiu em seu processo de formação, adquirir conhecimentos básicos, que os ajudaram a criar as condições mínimas necessárias para o ingresso profissional. Uma das atribuições do PBL era fomentar a preparação do jovem para o campo profissional.

Para isso, algumas atividades desenvolvidas pelo PBL estavam voltadas ao setor profissionalizante, seja no incentivo ao empreendedorismo, através de um espaço serigráfico, gerenciado em conjunto com os jovens, que faziam parte deste setor, seja através da Pizzaria Miramangue, no Alto do Mateus que perdurou por muitos anos. Ainda podemos citar o convênio firmado entre o Projeto Beira da Linha e o Banco do Brasil, através do Programa Menor Aprendiz, que possibilitou a muitos educandos do PBL de ingressarem em uma experiência profissional. Esse estímulo favoreceu para que os jovens sentissem a necessidade de se preparar melhor em relação aos estudos, já que para ingressar nesta experiência do Banco do Brasil era preciso que o jovem estivesse cursando no mínimo o 9º ano.

É bem verdade, que essas experiências geravam de certa forma, uma grande expectativa por parte dos jovens que estavam candidatos a uma vaga. A partir dessas ações foi possível gerar reflexões em outros adolescentes e jovens, no sentido de perceberem que as oportunidades chegam, e que dessa forma, devemos está preparados para percebê-las. Ainda mais do que esperar as oportunidades chegarem, é importante apresentar aos adolescentes e jovens a capacidade que temos em contribuir para que essa oportunidade chegue com maior facilidade e frequência.

Já o teatro Miramangue com o passar dos tempos, transformou-se em uma ação profissional, onde os jovens vivenciaram a experiência de saírem pela cidade em busca de vender os espetáculos, seja em escolas, empresas ou fazendo temporadas nos teatros da cidade.

Ainda no campo de trabalho, ou da vida profissional dos jovens, temos um quadro revelando que 29% dos jovens estão com a carteira profissional assinada. 33% já tiveram a carteira assinada, mas hoje não está mais. Já 38% nunca assinaram a carteira.

Analisando esses resultados, conjecturamos que as políticas públicas de incentivo ao primeiro emprego, precisam ser fortalecidas, no âmbito nacional e local, e mais do que tudo. Precisa-se, ainda, chegar às comunidades periféricas onde é grande o número de jovens desprovidos do direito ao trabalho. Dessa forma, os jovens são colocados em um processo de constante conflito pessoal e social, por não encontrar perspectivas de desenvolvimento no campo profissional, ficando, assim, a mercê dos empregos informais e dos chamados “bicos”³⁰.

No gráfico seguinte veremos a situação financeira vivenciada atualmente por estes jovens. Com esses dados podemos descrever a real condição em que se encontra a juventude da comunidade Beira da Linha, e assim, analisar o processo de superação ou propostas de resolução para aqueles que ainda nada tem em relação à questão financeira.

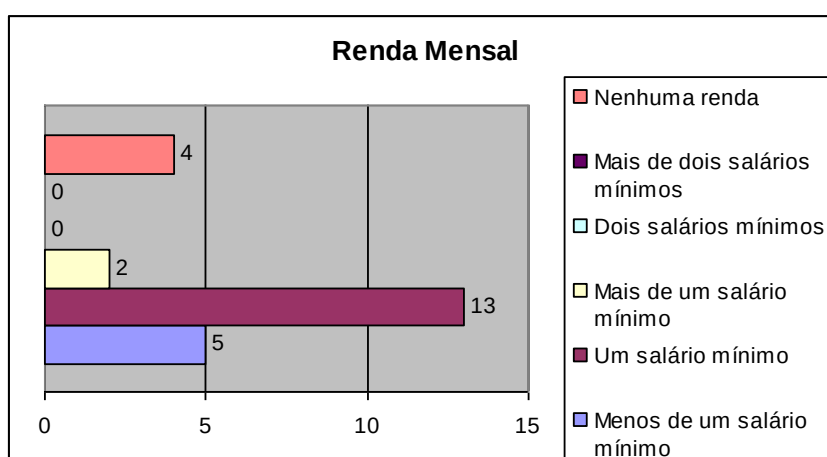


Figura 3 - Apresentação de dados em relação a Renda Mensal dos Jovens que foram atendidos pelo Projeto Beira da Linha.

³⁰ Bico – denominação dada aos trabalhos temporários que não possuem nenhum vínculo empregatício.

Os dados demonstram neste item, que 54%, dos jovens recebem apenas um salário mínimo, ou seja, R\$ 510,00 atualmente é o que ganham mensalmente para administrar as necessidades básicas. Já os jovens que possuem renda menor, que um salário mínimo, corresponde a 21%, e, ainda, têm os que não possuem renda alguma, aqui, são representados por 17%, que se encontram, ainda, mais vulneráveis ao processo de aquisição dos direitos a uma vida digna. No entanto, constatamos pela pesquisa, que apenas 8% conseguem alcançar uma renda mensal de mais de um salário mínimo.

Os jovens que não encontram oportunidades de exercer seu papel enquanto cidadão digno do seu salário acaba muitas vezes, criando seus próprios mecanismos de subsistência. E esses mecanismos, podem em muitos casos, torna-se um processo ilegal. Principalmente, os jovens que residem nas periferias, pois são esses, os locais mais propícios para o tráfico e consumo de drogas, visto que, os jovens estão vulneráveis pela ausência de políticas públicas para a juventude nestes locais.

Isso ratifica que a formação do indivíduo garantindo-lhe o direito ao conhecimento e ao processo de inclusão, no mercado de trabalho, e participação ativa na sociedade, dependerá do nível de envolvimento dos diversos atores ligados às mais variadas áreas de conhecimento. Caso não haja essa integração, fica difícil oferecer ao indivíduo subsídios que lhe garanta ascensão social, cultural, econômica e política.

Encerrando o questionário focando a situação sócio-econômica, buscamos conhecer a questão de moradia desses jovens. Os dados revelam que cerca de 71% dos pesquisados ainda moram com os pais. Esse resultado pode ser relacionado com os dados obtidos em relação ao estado civil deles, onde na ocasião, 71% se dizem ainda solteiros.

Sabemos bem que esse comportamento trazido por esses jovens não é comum no âmbito da comunidade periférica. O que parece ser comum contemporaneamente é o fato do jovem, que sem ter onde morar decide se abrigar na casa dos pais, e iniciar o processo de construção de sua nova família. No Alto do Mateus é fácil encontrar em uma casa, duas e até três famílias morando na mesma residência. Esse processo torna-se para o jovem um

obstáculo que lhe faz, no decorrer do processo, desanimar e não mais continuar acreditando em sua capacidade de mudar o meio em que vivi. I

Vale lembrar, que 25% dos jovens, aqui perguntados, já possuem casa própria. Desses, 25% temos 4% que ainda não casou, mas que conseguiu adquirir um imóvel.

Na situação sócio-política, as questões aqui aplicadas examinam a atuação juvenil nos espaços comunitários. Na primeira questão deste ponto, os jovens são questionados se participam de alguma organização comunitária. Como resposta a essa pergunta, tivemos os seguintes resultados:

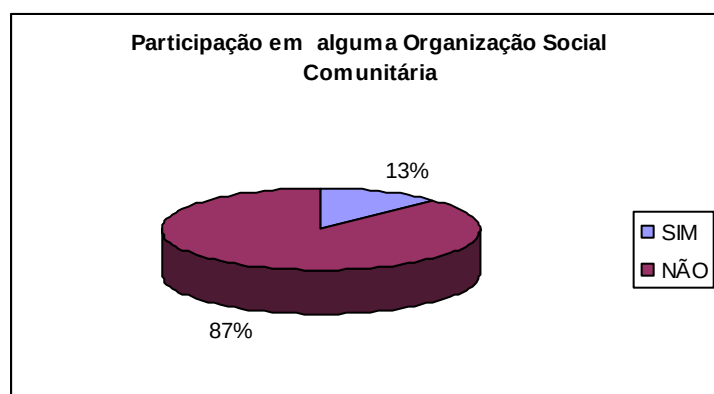


Figura 4 - Apresentação de dados em relação à Participação dos Jovens que foram atendidos pelo Projeto Beira da Linha em alguma Organização Social e Comunitária.

Dos 24 jovens que responderam ao questionário, 03 afirmam participar de grupos e/ou associações comunitárias. Os 21 que não participam desses espaços organizativos, atribuem essa decisão a vários fatores externos, entre eles estão:

- 1- A falta de tempo ocasionado principalmente pelo trabalho;
- 2- A falta de animação para se envolver;
- 3- A falta de interesse ou curiosidade;
- 4- Por perceber que não existe um propósito comum entre esses grupos, causando certa incoerência;
- 5- No local onde moro, as informações chegam com dificuldade.
- 6- No momento estou estudando muito para concursos;
- 7- Não conheço nenhuma.

Já os 03 jovens que participam desses espaços comunitários justificam seu envolvimento pelos seguintes pontos:

- 1- A necessidade de conhecer mais as ações que acontecem no bairro;
- 2- É muito importante fazer parte desses espaços, adquire mais experiências;
- 3- Vontade de transformar nossa realidade, em todos os sentidos.

Em seguida os jovens responderam se estavam filiados a algum partido político. 29% disseram estar filiados. Isso pode ser considerado satisfatório, pois envolver a juventude nesses espaços é fortalecer o processo de aquisição do conhecimento, para a inclusão da juventude nos âmbitos políticos da cidade, estado e nação.

Em relação à participação em movimentos de juventude. Os jovens que estão inseridos em algum movimento, chegam ao percentual de 17%. A partir desses dados, notamos que 83% não estão participando no momento. No entanto, esses jovens que não participam, tem a justificativa semelhante aos que não estão inseridos nas associações comunitárias, especificamente, apontam à falta de tempo para poder acompanhar esses movimentos.

No item em relação à participação no Projeto Beira da Linha, temos a seguinte explanação:

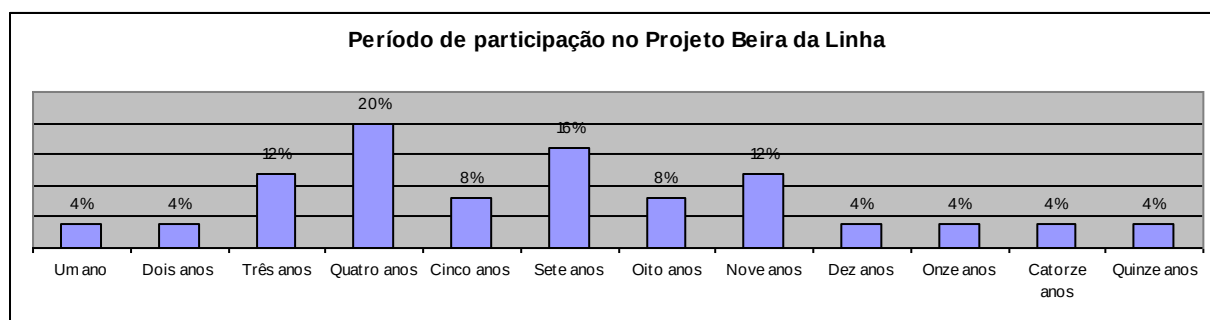


Figura 5 - Apresentação de dados em relação à participação dos Jovens que foram atendidos pelo Projeto Beira da Linha.

Esses dados nos revelam que para alguns, a aquisição do conhecimento adquirido com a participação no Projeto Beira da Linha, foi mais intensa do que para outros. Olhando os dados, observamos também que alguns jovens desde criança participaram das atividades no PBL, isso faz com que o processo de

envolvimento e compreensão da realidade, do meio ao qual estão inseridos seja melhor trabalhado com este público.

Entre as atividades vivenciadas pelos jovens pesquisados, citamos abaixo algumas que puderam, no decorrer de seu exercício, contribuir para ampliação do conhecimento dos jovens aqui participantes:

- 1- Serigrafia
- 2- Pintura
- 3- Projeto Esporte Já
- 4- Teatro
- 5- Programa Menor Aprendiz
- 6- Letramento – Atividades Integradas
- 7- Dança
- 8- Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua
- 9- Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente
- 10- Cursos profissionalizantes
- 11- Projeto Adolescentes em Debate
- 12- Consciência Estudantil
- 13- Voluntariado na biblioteca

Sistematizando esses dados, concluímos que, entre as atividades relacionadas, a maioria dos jovens participou mais das atividades integradas, do teatro e do “Esporte Já”.

Um dado fundamental que não poderia deixar de ser investigado é a opinião desses jovens em relação à contribuição dessas atividades na obtenção do conhecimento. Dessa forma, os resultados apresentados seguem na sequência:

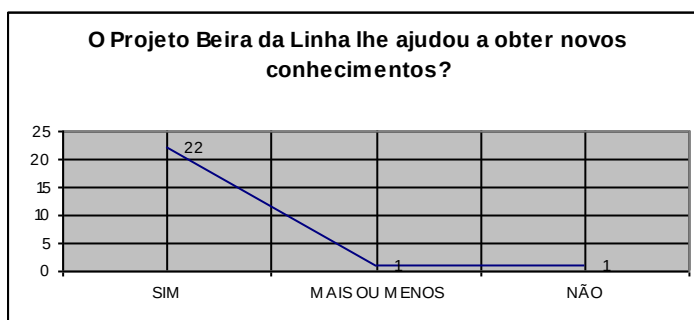


Figura 6 - Apresentação de dados em relação à aquisição de novos conhecimentos com a participação no Projeto Beira da Linha.

Os dados indicam que 92% da juventude, aqui consultada, reconhecem o Projeto Beira da Linha, como sendo grande incentivador e formador de pessoas críticas e abertas para buscar a cada dia, novos conhecimentos.

Para melhor detalhar este resultado, a última questão respondida pelos jovens buscou identificar de que forma o Projeto Beira da Linha ajudou para que o conhecimento fosse algo prático em sua vida.

Os jovens trouxeram vários argumentos que justificam a contribuição do PBL na sua ação enquanto sujeito. A prática do gostar de ler, ter um objetivo para lutar e vencer os obstáculos foram para uma das jovens às contribuições recebidas do PBL para a sua vida. Na sequência, outro jovem considera que o apoio do PBL, em sua vida está diretamente ligado ao aspecto da cidadania que estão ligados aos conhecimentos sociais.

Uma visão da sociedade que se faz necessário para que se conheça o meio em que está vivendo e possa relacionar a questões comuns de uma localidade a várias outras comunidades a nível estadual, nacional e internacional. Só com esta visão ampla, segundo Ana Gusmão em entrevista dada a nossa pesquisa é que talvez seja mais propício a transformação da realidade e a efetivação de políticas que atendam a todas as comunidades onde vivem as classes trabalhadoras.

A questão profissional também foi contemplada na respostas de alguns jovens que relacionaram o desenvolvimento que tiveram no mercado de trabalho como sendo também, contribuição do PBL. Uma contribuição tanto no modo de

levar a ver o mundo diferente quanto de entender os critérios e investimentos que precisam ser feitos para se conquistar a entrada no mercado de trabalho.

Passei a ter uma visão mais ampla sobre política e sobre os direitos que tenho enquanto cidadã. Me ajudou também financeiramente, pois comecei a trabalhar no Banco do Brasil por intermédio do PBL. Tenho uma admiração enorme por todos os que fazem parte desse projeto que ajuda tantas pessoas no bairro. (Cláudia Helena, ex-aluna do PBL, 2010).

De acordo com a citação da jovem, a questão política passa a ter uma atenção maior, e entendimento mais claro sobre os direitos que todo o cidadão possui. Dessa forma, ficará a jovem, melhor preparada para buscar espaços na sociedade que lhes são de direito. É nessa construção do conhecimento que a sociedade passa a se organizar e a ter clareza, de seus potenciais, passando a negar determinadas situações que eram impostas à população, porém que não beneficiava em nada a classe trabalhadora, pelo contrário, tais situações eram sinônimos de dominação e opressão ao povo.

Para a população da comunidade Beira da Linha, bem como as dos bairros periféricos, certas negligencias sociais e políticas, tais como: má qualidade na educação, postos de saúde sem funcionamento, desemprego, e habitação precária muitas vezes eram vistas como normais, porém a comunidade passa a se organizar e a reagir a tal sistema excludente. Foram iniciativas de organização que levaram muitas famílias a participar de lutas em favor da melhoria da comunidade.

É importante registrar, que o processo de organização de um povo, não é nada fácil, haja vista, os anos de sofrimento e negação de seus direitos, que levam muitas pessoas a não acreditarem na transformação social, política e econômica. Assim também acontece com alguns jovens, que mesmo passando pelo PBL, não conseguem se sentirem capazes de crescerem, ou não consideram a contribuição da ONG, para os possíveis desenvolvimentos que venham a ter na vida. De acordo com a jovem Cristina Silva (nome fictício), o PBL, não lhe ajudou em nada.

Os jovens também destacam a contribuição do PBL, na questão de ajudar a discernir sobre o futuro profissional, ou seja, o curso que deseja participar na universidade.

O PBL ajudou na minha formação pessoal, na minha escolha profissional. A partir da minha participação no PBL, decidi estudar artes e ensinar na área de teatro. (Irinalda Élssia, ex-aluna e atual educadora do PBL, texto tirado do questionário respondido pela mesma, 2010).

Além de poder escolher o curso, vale relatar que, jovens que antes não tinham perspectivas de estudos, passam a colocar sua chegada na universidade como um dos objetivos de suas vidas. Isso acontece também com os educadores da ONG, que estimulados a estudar, cursaram quase todo o ensino superior.

Os educadores populares quando entraram no PBL na década de 90, vieram em grande parte das experiências pastorais que realizavam na paróquia. Eram poucos os que tinham cursado o ensino superior, basicamente só alguns que faziam parte da equipe de coordenação da ONG. Com o passar dos tempos, os educadores percebem a necessidade de ampliar o conhecimento no campo acadêmico, e passam a graduar-se, chegando a um determinado momento em que, a maioria dos educadores estava com o curso superior concluído.

Assim, a inspiração dos jovens de poder também acreditar na sua capacidade intrínseca foi incentivada com a atuação desses educadores. O campo popular, junto com o campo científico propiciou aos educadores um novo conhecimento da realidade. Assim, a missão com a juventude era também levá-los a perceber esse caminho de novos conhecimentos, de novas opções para a vida, e garantir uma formação em que o jovem pudesse ser protagonista de sua vida. Um protagonismo de iniciativa, participação, mas também ação coletiva. Para isso, o jovem precisa achar sentido e coerência no processo em que estava sendo formado. De acordo com o jovem Gilmar Félix “O PBL ajudou a ver o mundo de outra forma. Viver como Protagonista, não como Coadjuvante.”.

Um protagonismo que supera as barreiras das dificuldades e passa a trabalhar com o campo das soluções, trazendo também o capital social como ponte para se fortalecer no protagonismo, seja no campo da cooperação, confiabilidade e coletividade. Esses dados do questionário, aqui sistematizados, ajuda a ter uma melhor visão do que o PBL representou na vida formativa destes jovens.

5.3 – O que pensam os jovens sobre a experiência no Projeto Beira da Linha

Essa parte da pesquisa vai buscar analisar alguns trechos das falas dos jovens que foram entrevistados. Jovens, estes, que fizeram ou fazem parte do PBL, e que trouxeram em suas falas contribuições para o presente trabalho de pesquisa, colocando suas inquietações, alegrias e satisfação em ter participado dessa experiência no PBL.

Para muitos jovens, a chegada do PBL na comunidade do Alto do Mateus revelou a possibilidade de superar dificuldades que faziam parte do seu cotidiano. Para outros jovens da comunidade Beira da Linha o PBL não conseguiu acrescentar em muito no seu processo de desenvolvimento. É com base nas entrevistas realizadas, com quatro jovens que vivenciaram a experiência de participar do PBL, que nós vamos analisar até que ponto houve contribuição na visão desses jovens por parte do PBL em suas vidas.

Nestas entrevistas os jovens colocaram suas opiniões em relação à contribuição do PBL na sua formação enquanto cidadão e cidadã. Na ocasião, buscaremos também analisar os aspectos relacionados à construção da cidadania, participação e protagonismo juvenil. Os quatro jovens começaram a participar do PBL, com idade entre 5 e 8 anos de idade, e permaneceram na ONG por um período superior a oito anos. Esses jovens participaram de várias atividades ao longo desse envolvimento, tais como teatro, lapinha, capoeira, informática, letramento, cursos profissionalizantes e esporte. Também citaram a ação do MNMMR e do Fórum DCA.

Ao falar do impacto dessas atividades em suas vidas, das contribuições que tais experiências trouxeram para o desenvolvimento cidadão, os jovens reconhecem, e fazem a ligação do atual modo de pensar e agir, com a participação no PBL. Dessa forma, há um reconhecimento por parte desses jovens de que a passagem pela ONG trouxe grandes contribuições para sua vida. Por meio das falas, podemos observar como se sentem esses jovens, quando questionados sobre quais as atividades no PBL, que foram mais importantes.

O primeiro jovem a responder traz a reflexão sobre a importância do processo de formação vivenciada no PBL. Uma formação destinada aos educadores que acontecia uma vez por semana e as outras formações

ministradas para os educandos participantes dos espaços de discussão, a exemplo do Fórum DCA, MNMMR e conselhos.

Para mim todas as atividades que participei foram importantes, mas assim, a formação na época foi uma das que foi mais importante né? A formação, o conhecimento do estatuto. Depois que a gente conheceu as leis aí teve outras coisas, tudo que era referido à formação era importante, mas na época o teatro foi também um marco e a capoeira. (José Wilson, 33 anos, texto extraído da entrevista).

A partir das perspectivas do sujeito, faz-se a leitura de que o processo de formação vivenciado, pelo PBL foi considerado como ferramenta importante, e fundamental para o processo de desenvolvimento, e aquisição de conhecimento. Tendo em vista, essa formação, chega o conhecimento do ECA que passa a ser para o PBL, e demais entidades que trabalham, defendendo a causa das crianças e adolescentes, um mecanismo de luta em defesa dos direitos contido no mesmo. O teatro e a capoeira foram também atividades que marcaram a vida deste jovem. Na primeira, participando como educando e na segunda como educador.

Analisando o campo da tecnologia, mais precisamente a informática, observa-se que o avanço tecnológico vem acontecendo de forma surpreendente, sendo assim, a juventude da comunidade Beira da Linha precisa ser incluída neste processo de domínio e manuseio do computador. Instrumento este, muito útil para o mercado de trabalho e necessário para várias atividades. A oportunidade do contato dos jovens com os instrumentos tecnológicos traz motivações para a participação nas atividades do PBL, que oferece atividades que fazem os jovens aprenderem informática.

O curso de informática que a gente fez me ajudou a ter novos conhecimentos né? Sobre a computação. É a leitura também que é outro fator que aprendi mais a desenvolver mais a mente, né? Uma das atividades que lembro era os textos que a gente fazia sobre política, sobre as estruturas que ia ter num projeto que teve aqui no Alto do Mateus e etc. (José Anderson, 17 anos).

De acordo com o depoimento, o jovem, expressa à satisfação de ter participado da atividade de informática, visto que, os laboratórios não existem em todas as escolas públicas do bairro, e nas escolas que existem, são poucas as

que funcionam no atendimento aos alunos. Ainda, no depoimento, é fácil perceber o entusiasmo que a prática da leitura e escrita causou no jovem que considerou essa prática como sendo muito importante para o seu desenvolvimento cidadão. Não, a utilização de qualquer leitura ou escrita, mas exercícios que levavam os jovens a falar sobre políticas, conhecer e discutir, sobre projetos sociais, destinados à comunidade, entre outros pontos que pudesse fazer o jovem conhecer melhor sobre a sua realidade social, política e cultural.

A atividade mais importante que eu trago comigo até hoje é a questão da cidadania. O Projeto Beira da Linha, ele se preocupa mais em fazer, em construir cidadãos do que fazer apenas jovens, pessoas que querem estudar. Ele faz mais que isso ele oferece oportunidade ele diz o caminho de você se tornar um verdadeiro cidadão, ele mostra o caminho, coisa que na escola a gente não consegue ver. O PBL ele é esse canal que nos torna verdadeiros cidadãos. (Jonathan Willames, 16 anos)

Para este jovem as atividades mais importante vivenciadas no PBL, foram aquelas que traziam como discussão a questão da cidadania. Uma cidadania, que leve o jovem a entender o seu papel na sociedade, e sua potencialidade enquanto cidadão de direitos. O jovem faz também uma relação da ONG, com a escola, na qual a primeira consegue desenvolver ações atrativas e significativas para ele. Já a escola parece, ainda, precisar melhorar seu desempenho pedagógico a ponto de passar a atender as demandas apresentadas pelo alunado. Com isso, a escola que não discute cidadania, e não leva o jovem a se perceber e a experienciar atividades, que os levem a resoluções de conflitos, acaba por anular-se como instituição capaz de desenvolver nos jovens ações protagonistas.

Quando se fala em cidadania, percebemos a necessidade do jovem de se perceber, como sujeito, refletindo sobre a si mesmo com questões que os levem querer compreender-se dentro de abordagens como: Qual a sua função? Quem é/ou quem sou? O que necessita para viver? Será que o mundo coloca a disposição seus direitos que foram conquistados? A partir dessas respostas, o jovem entendido sobre sua função e sobre o que lhe cerca em seu meio, passa a criar em sua vida estratégias de superação da exclusão e, conseqüentemente, inserção ativa em sua comunidade.

Atividades que mobilizaram jovens a buscarem outros jovens para participar de ações educativas, também foram destacadas nos depoimentos de alguns ex-educandos do PBL. Essa ação de protagonizar ações que pudesse favorecer um coletivo, e a própria comunidade animou a juventude a potencializar suas forças, e estratégias para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

O teatro com certeza o teatro, porque foi a partir daí que eu comecei a desenvolver a liderança, porque eu era muito tímida, eu era calada, não falava nada e com o teatro eu comecei a, eu Janaina na época, Edilson, que começou a movimentar os jovens que na época foi pelo concurso da Fundação Odebrecht que ofereceu e tinha que ter dez jovens participando foi quando a gente se reuniu e começou a caminhar. Em 95, então especificamente foi o teatro que mais assim, alavancou minha vida. (Maria José Cosmo, 31 anos, texto extraído da entrevista).

Na fala da jovem, o teatro aparece mais uma vez, como sendo uma das atividades importantes que a mesma havia participado. Isso porque o processo de liderança foi se desenvolvendo, e também a ação protagonista de movimentar outros jovens a se reunir, e construir juntos a participação em um concurso da Fundação Odebrecht. A partir de mobilizações como estas, percebemos um protagonismo coletivo que visa o crescimento de um grupo, e não apenas de uma única pessoa, ou seja, não apenas do líder.

Assim, podemos fazer a leitura de que a dinâmica utilizada pelo PBL neste período pesquisado conseguia atrair de forma satisfatória os jovens, que respondia com a participação nas atividades oferecidas. O número de jovens atendidos era cada vez maior. Dessa maneira, a educação popular vem fortalecer a prática da resistência de um povo que em muitos casos, se veem enfraquecido. Assim, concordando com Costa (2000, p. 236) “a experiência nos mostra que o ser humano não é fruto apenas das condições que moldaram seu passado. A situação presente de cada um é também fruto da sua postura básica diante do próprio futuro”. Com isso, parece-nos válida a ideia de que o meio é importante, sendo assim, um grande influenciador para a formação do indivíduo.

Indagados sobre o conhecimento antes e depois de entrar no Projeto Beira da Linha, os jovens revelaram que a participação nas ações desenvolvidas na ONG, possibilitou ampliar a visão sobre a conjuntura local e sobre os direitos que

eles, enquanto cidadãos possuíam e que estavam sendo negligenciados, como revela o depoimento deste jovem.

Com certeza eu não conseguia ver o mundo e outros horizontes, eu conseguia ver o mundo daquela forma. Hoje eu consigo entender mais, consigo entender os meus direitos né? Pra que eu possa fazer e praticar os meus deveres, hoje eu consigo entender isso, o Projeto Beira da Linha ele alerta o jovem. (Jonathan, 16 anos, texto extraído da entrevista, 2010).

Levar o jovem a perceber de forma crítica o meio ao qual está inserido, é fomentar uma melhor participação desse jovem, no processo de intervenção na comunidade, para ações que visam contribuir com a melhoria da mesma. Assim, a juventude da comunidade Beira da Linha, que em muitos casos se comportava como meros coadjuvantes passam a experimentar a forma da participação ativa. De acordo com Freire (1996, p. 69) a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a [...].

Uma transformação que chega a partir da vivência em espaços, que propiciem o trabalho da participação e da fomentação na resolução de problemas. A juventude passa a ter esse espaço laboral, assumindo desta forma, uma postura de respeito e atenção às suas potencialidades garantindo assim, a construção por uma sociedade melhor.

Outro fator abordado, por mais um dos jovens entrevistados, em relação ao conhecimento adquirido através da participação nas atividades do PBL, refere-se às formações e/ou orientações desenvolvidas pela ONG. Assim, o jovem diz-se feliz por ter tido a oportunidade de participar da entidade e, assim, receber orientações necessárias para o desenvolvimento que em muitos casos, eram ausentes dentro das famílias devido à própria condição familiar, seja ela econômica, educacional ou cultural. A infância e adolescência de muitos que hoje estão na juventude atingindo a fase adulta foi marcada pela total inexistência de ações que lhes trouxesse qualquer tipo de perspectivas futuras, em relação ao seu desempenho, enquanto cidadão ativo, na busca de adquirir conquistas para sua vida e da sua comunidade.

As formações muitas vezes a gente tem em casa com as famílias, mas pra gente naquele período ali era um pouco complicado e caótico essa situação de formação familiar né? E hoje de aprendizado eu tiro a minha consciência, tudo aquilo que eu estudei no PBL eu discutia isso junto com os meninos da época e serviu pra hoje eu caminhar ainda lutando pelos meus direitos seja qual for, entendeu? Me ajudou nesse senso de buscar a luta pra outras lutas, tá entendendo? De buscar forças pra muitas lutas. (José Wilson, 33 anos, texto extraído da entrevista, 2010).

De acordo com o depoimento, a formação familiar é um aspecto considerado muito importante pelo jovem, porém, na época citada no depoimento à família não conseguia, pelas próprias limitações, orientar os jovens de forma clara e precisa. Assim, no PBL muitas ações favoreceram a essa juventude no sentido de, também suprir essa necessidade de percepção de mundo a partir do conhecimento aos direitos e deveres.

Considerando que o jovem, afirma que essas ações contribuíram para o seu desenvolvimento enquanto cidadão, enquanto sujeito consciente e ativo na busca pelos seus direitos pode-se, considerar também, que o PBL contribuiu com a formação protagonista desses jovens atendidos pela instituição.

Ao perceber o início das atividades do PBL na comunidade Beira da Linha, muitas famílias contribuíram para que essa ação fosse realmente concretizada naquela localidade, visto que, a carência do povo por oportunidades se estendera por muitos anos. Foi assim, que aconteceu com toda a comunidade do Alto do Mateus, que em sua fundação na década de 70, sofreu com a falta de infraestrutura, transporte e demais ausências de equipamentos comunitários que suprisse a necessidade de uma população, para que a mesma pudesse viver com dignidade.

Na década de 80, a mortalidade infantil tomou conta da comunidade Beira da Linha, e muitas famílias choraram a morte de suas crianças simplesmente, por falta de um acompanhamento sistemático no desenvolvimento da criança. O índice de mortalidade infantil teve como causa a desnutrição, motivada pelas péssimas condições financeiras a que vivera as diversas famílias desta comunidade. Problema esse significativamente minimizado com o acompanhamento da Pastoral da Criança em parceria com a Paróquia Nossa Senhora da Conceição e Projeto Beira da Linha.

Neste contexto, várias crianças com esse acompanhamento conseguiram se desenvolver, e assim, dar continuidade no PBL participando das atividades. Na ocasião, de acordo com um jovem desta comunidade, a participação na ONG lhe ajudou, a adquirir novos conhecimentos e visões mais amplas que ajudaram a perceber ou ler a realidade que estava em sua volta.

Conhecimento eu não tinha muito, hoje eu sou mais realista com as coisas que acontece aqui no Alto. Com certeza o PBL me ajudou a ser mais realista, o Projeto Beira da Linha ajudou muito a gente a pensar, refletir, saber muitas coisas. (José Anderson, 17 anos, texto extraído da entrevista, 2010)

A parceria firmada pelo PBL e outras instituições, que estavam engajadas na luta pela causa da criança e do adolescente, favoreceu para o fortalecimento de ações concretas na comunidade e para oportunizar os jovens a iniciar um processo analítico a partir do contato e discussão com jovens de outras comunidades periféricas. De acordo com Maria José (31 anos) “o encontro era uma vez a cada quinze dias aqui, e uma vez por semana no Silaio Ribeiro, lá era semanal, nas quartas-feiras pela manhã”.

Esse encontro citado pela jovem fazia parte do calendário de reuniões do MNMMR, que priorizava a articulação em rede com outras comunidades, realizando encontros semanais. Já nas instituições, as reuniões aconteciam a cada quinze dias com os demais jovens que ainda não participavam dos encontros semanais.

Descrevendo a vida antes e depois de entrar no PBL, os jovens destacam: a oportunidade adquirida de enxergar de forma crítica o meio em que estava inserido. Nitidamente, percebe-se uma mudança significativa na relação de conhecimento, que cada jovem passa a descobrir com a sua participação no PBL.

Assim, desde o tempo em que entrei, desde o primeiro dia que eu sentei numa cadeira do Projeto Beira da Linha e comecei a escrever lá dentro do projeto, tudo mudou, desde o meu entendimento até a prática, e os pontos principais como eu já tinha dito foi à questão da cidadania e também a oportunidade que ele oferece a gente de ter o primeiro emprego, isso é muito importante. (Jonathan da Silva, 16 anos, texto extraído da entrevista, 2010).

Analizando a fala do jovem, o mesmo traz à tona, novamente, a questão da cidadania vivenciada no PBL, e também, a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho e vivenciar a experiência do primeiro emprego. Neste ponto, a parceria do PBL e Banco do Brasil garantem aos jovens, através do programa “menor aprendiz”, desempenhar uma função administrativa no banco. Uma relação interessante feita pelo jovem foi na questão da teoria e prática, que segundo ele, no PBL conseguiu apreciar.

Dessa forma, fazemos a leitura de que os jovens que passaram pelo PBL, tiveram em sua maioria, melhores chances de se formar enquanto cidadão crítico e participativo nas questões comunitárias do que os jovens da comunidade Beira da Linha que não tiveram acesso a ONG. Assim, a juventude despertada para as questões políticas e culturais do meio ao qual está inserida, começou a fazer a diferença na forma de envolvimento da comunidade.

5.4 – Experiências juvenis de cidadania e protagonismo

Esse ponto busca socializar experiências de três jovens que conseguem, de certa forma, quebrar os tabus e superar a exclusão. Com isso, esses jovens passam a ser sinal de resistência e possibilidade aos demais jovens que ainda não conseguiram reagir ao atual sistema excludente.

Iniciamos a socialização trazendo a questão da universidade pública que, pela sua função deveria garantir o acesso àqueles que a buscam, principalmente, os oriundos da classe subalterna. A entrada na Universidade Federal da Paraíba, sempre foi para muitos jovens, sinônimo de dificuldade e quase impossibilidade real de ingresso nesta instituição. Por anos a juventude se culpou por uma deficiência que na verdade não era sua, e sim de um sistema excludente e discriminador.

A organização da camada popular é um dos fatores fundamentais para que reajam ao atual sistema, e conquiste de fato espaços nas cadeiras universitárias. Dessa forma, nota-se que é preciso formar pessoas que consigam observar o mundo de forma crítica, e passe a agir no meio em que vive de forma ativa e transformadora.

O incentivo, a disseminação da pedagogia das possibilidades foi fundamental, para que jovens pudessem acreditar na capacidade de superar tal barreira, e de adentrar de forma concreta na universidade. De acordo com os depoimentos, a adesão ao PBL, foi propiciando estímulo e, fomentando os jovens a resistirem ao sistema excludente. Assim, a partir dessa nova atitude, os jovens, acreditando e investindo nos estudos de certa forma, a granjear sua inserção em um curso superior na universidade pública.

Além da questão de desenvolver minha liderança, certo? Não desisti dos estudos [...] e também a defasagem da escola aqui no bairro era enorme, faltavam quatro professores na época. Foi quando Aninha e Ricardo que na época prestava como pedagogo no SESC CENTENÁRIO me colocou lá, aí quando me colocou lá pronto. Aí eu consegui acompanhar o ritmo. (Maria José, 31 anos, texto extraído da entrevista, 2010).

De acordo com o relato da jovem, foi preciso sair do bairro onde morava e se matricular em outra escola para poder ter a sensação de empoderamento e assim, prestar o exame seletivo que lhe ingressaria na universidade. Os vários jovens que não tem a mesma iniciativa, ou condição acabam por continuarem nesta escola deficitária, que pouco vai contribuir para o sonho de prosseguir com os estudos. Uma ausência de reação coletiva dos jovens estudantes parece expressar-se de forma clara. Com isso, não existindo tal reação, resta para muitos, esperarem o que pode acontecer.

Retomando, um pouco da história brasileira, se descobre que o Brasil herdou da colonização portuguesa a discriminação da educação em relação à classe trabalhadora. Dessa forma, a existência da dualidade educacional no Brasil faz com que, as escolas públicas sejam deficitárias, e para os pobres e as escolas privadas com o título de “melhores” para os filhos dos que são detentores do dinheiro. Dessa maneira, os que concluem o ensino médio em escolas privadas conseguem com facilidade o ingresso na universidade pública, mesmo esse jovem tendo como financiar seus estudos em universidades particulares. Com isso, as vagas na universidade pública, que deveriam logicamente, serem destinadas às pessoas de baixa renda, são visivelmente desviadas para outro

público. Assim, o jovem da classe trabalhadora passa a concorrer com os jovens da elite, em condições desiguais.

Vale destacar, que em 1998 a primeira jovem da comunidade Beira da Linha, consegue de forma competente e responsável passar nas provas e conseguir uma vaga em um curso superior na UFPB. Esse momento foi fundamental para a comunidade Beira da Linha, que começava a perceber que era possível alcançar aquilo que sempre pareceu inalcançável. A festa com a notícia da aprovação de Maria José para a universidade movimentou várias pessoas da Beira da Linha, e fortaleceu a confiabilidade para que outros jovens inclusive, do bairro como todo, pudessem passar a acreditar que era possível conquistar espaços importantes e de direito para o desenvolvimento cidadão.

Foi a partir disso que as pessoas começaram, eu sei que até se animaram e foi quando criaram o curso pré-vestibular que não tinha no PBL. Foi nesse mesmo período que eu passei no vestibular que Aninha e Ricardo começaram a batalhar também e Eliene que ficou como uma das coordenadoras e o curso foi lá pra São Judas Tadeu, que é outro núcleo. (Maria José, 31 anos, texto extraído da entrevista, 2010).

Vendo no bairro a potencialidade de muitos jovens e a ausência grande de recursos para melhor se preparar para o processo seletivo da UFPB, o PBL animado também, com o ingresso de uma jovem na universidade decide propiciar, e estimular os demais jovens a acreditarem nesta possibilidade de também, entrarem na UFPB. Assim, foi criado na comunidade São Judas o cursinho pré-vestibular, que passou a atender gratuitamente os jovens que desejasse alcançar uma vaga na universidade. O cursinho em seus primeiros anos funcionou de forma colegiada, no qual os integrantes eram co-responsáveis de se distribuírem nas disciplinas que mais lhe fosse viável, e a partir daí, em forma de seminário, as aulas iam acontecendo.

Alguns jovens que conseguiram êxito no primeiro ano de funcionamento do cursinho assumiram, a responsabilidade de voltar no ano seguinte para contribuir como professor transmitindo o que ia aprendendo na universidade. Dessa forma, outros jovens do Alto do Mateus que já havia ingressado na UFPB, passaram a colaborar com esse projeto. Assim, vários jovens foram entrando na universidade, e garantindo a continuidade dos estudos.

Vale registrar que até os dias de hoje, o PBL mantém o cursinho pré-vestibular com a mesma dinâmica do voluntariado e da colaboração entre os integrantes. É importante, ressaltarmos, que além dos jovens passarem a acreditar na possibilidade de entrar, e ser aluno de um curso superior, é a consciência crítica que começa a se generalizar dos direitos que lhes são destinados, porém, negligenciados. A esse fato, agrega-se, inclusive, a consciência, do direito de ter uma educação pública de qualidade, e que atenda de forma satisfatória a demanda ou deficiência trazida pelo sistema público educacional.

O impedimento de jovens da periferia, de adentrarem ou até de continuarem seus estudos a partir de um curso superior, perdurou durante muitos anos. No entanto, com a resistência dos movimentos da sociedade civil organizada, tenta-se hoje criar estratégias que garanta certa porcentagem das vagas aos jovens oriundos de escolas públicas. As experiências de resgate dos jovens para o campo estudantil acontecem, de forma bastante intensa nas atividades do PBL. Tais atividades, vão exatamente atender e trabalhar com os jovens que estiverem estudando na escola regular, sendo este, um critério, apenas para as atividades centrais oferecidas pela ONG, já nas atividades mais pontuais, existia certa flexibilidade.

Outro fato importante de superação que podemos destacar neste estudo é do jovem Wilson Souto, que passa de uma vida marcada pela exclusão para uma história de superação, de volta aos estudos, e de aperfeiçoamento no campo profissional. Esse jovem teve sua infância marcada pelo trabalho e carência financeira que abalava a estrutura familiar. De acordo com Wilson Souto sua entrada no PBL se deu desde o momento da pesquisa realizada pela ONG, em 1989 na comunidade Beira da Linha.

Em 89 participei da pesquisa feita na Beira da Linha, eu com os demais participantes da época, nossos amigos jovens, o meninos, a gente podia dizer meninos naquele tempo em 89. Fazer aquela pesquisa para dar o ponta pé inicial do Beira da Linha e resultando em um vovô da época. (José Wilson, 33 anos, texto extraído da entrevista, 2010).

A vivência nas ruas do Alto do Mateus era a atração normal dita pelo jovem, e isso, foi o que marcou a sua infância. O trabalho infantil também foi algo que se inseriu em sua vida, juntamente com as vidas, de várias crianças da época. O principal meio de buscar recursos para ajudar no sustento de casa era sendo engraxante. Para o exercício desse trabalho, os meninos produziam suas próprias caixas, e saiam para o centro da cidade para engraxar sapatos. Outra atividade comum, para os jovens era a atividade de lavar e olhar os carros, também no centro da capital. Por termos o centro da cidade a pouco mais de 30 minutos, caminhando, os adolescentes em sua maioria, iam e voltavam a pé para economizar o dinheiro da passagem, há não ser quando conseguiam pular ou passar por baixo da roleta do ônibus.

[...] eu tive até um período antes do Beira da Linha de trabalho na rua, no centro de João Pessoa, a gente tinha naquela época até uma grande participação de meninos, não meninos de rua, abandonados na rua, entenda a minha colocação, o menino que se ausentava de sua casa para engraxar sapato, pra lavar um carro e depois voltar pra casa e trazer o dinheiro né? Pegar um frete lá no Mercado Central, então isso era um período nosso antes de no Projeto. [...]. (José Wilson, 33 anos, texto extraído da entrevista, 2010).

O combate ao trabalho infantil se apresentava neste período, ainda de forma tímida nesta comunidade, por conseguinte, faltava aos meninos e familiares visões mais amplas em relação ao processo, de desenvolvimento da criança que deveria de forma sadia, aproveitar sua infância e adolescência. Esse esclarecimento maior só veio à tona na comunidade Beira da Linha, a partir da implementação do ECA em 1990. Assim, a principal bandeira de luta da ONG foi busca pela garantia, pela efetivação dos direitos da criança, e do adolescente.

Com isso, os adolescentes da época, participaram de várias ações que pudesse propiciar o pensamento crítico, e o início do processo de resistência as práticas exploradoras, bem como, a sensibilização no espaço familiar e comunitário. Ainda de acordo com Wilson Souto “éramos explorados e achávamos normal”.

No decorrer dos tempos, o jovem Wilson passa de educando para educador. Inicia esse processo através da arte e investe posteriormente na

prática da capoeira, onde organizou e acompanhou um grupo com mais de trinta jovens que se envolveram e passaram a junto com a atividade de capoeira, desenvolver a discussão em relação a cidadania, drogas e demais assuntos importantes para a formação humana.

Hoje, Wilson está no ensino superior cursando Designer da Comunicação em Verona na Itália. Além de aprender uma nova língua, assumiu o desafio de voltar a estudar e superou os obstáculos, expressando que o jovem mesmo sendo da Beira da Linha, ou de qualquer periferia tem condições reais de conquistar espaços de inclusão e participação ativa no seio da sociedade.

Adentrando em outra análise, o jovem Vilberto Salusto percorreu pelo PBL, como educando do grupo de teatro popular Miramangue, e fez parte também do setor de produção da ONG, onde desenvolveu um trabalho na serigrafia e no espaço da Xerox.

O Projeto me ajudou em todas as áreas de minha vida. Acredito que o ponto mais forte foi a comunicação e a capacidade de interagir com muita naturalidade. (Vilberto Salusto, 30 anos, texto extraído do questionário, 2010).

Enraizado na comunidade do Alto do Mateus, o jovem citado ganha aos poucos dentro das formações e atividades oferecidas pela ONG. A inquietação pelas injustiças sociais passa a contribuir com o discurso e com a prática para a geração de uma comunidade politizada. Essas contribuições se deram a partir de participações em grupos organizados da comunidade, a exemplo das associações de moradores.

No último pleito eleitoral Vilberto Salustino, encampou sua luta no véis político, candidatando-se a deputado estadual, obtendo 1132 votos. Mesmo não se elegendo, para ele, o resultado foi positivo, já que tinha sido sua primeira participação como candidato a um cargo público eleitoral. Acreditar na política como instrumento legal, de garantia aos direitos, é fazer a leitura da importância do engajamento do povo, da classe subalterna nesses espaços, muitas vezes ocupados por quem nada tem a ver com a realidade do povo.

De acordo com Gramsci (2000, p. 287), “a democracia começa a existir quando os grupos subalternos estão saindo da condição de dirigidos e assumindo a função de dirigentes”. Assim, o envolvimento dos jovens nesses espaços da

democracia e da legalidade para deliberações importantes, destinadas para o bem de uma população, faz-nos também, reforçar a leitura sobre o protagonismo juvenil, presente nesta garotada que aprendeu de certa forma, a caminhar buscando ascender socialmente, economicamente e politicamente.

Assim recordando (IULIANELLI, 2003) o protagonismo, aqui, gerado pode ser entendido como uma ação para o coletivo, visto que, a atuação política, por sua lógica, exige um olhar específico para o povo, onde a partir desse olhar se espera responder no campo político a essas demandas apresentadas pela população.

Sendo o jovem Vilberto, oriundo de comunidade periférica, família simples e mais, ainda, com condições financeiras limitadas, restou-lhe a vontade e disposição de realizar sua campanha de forma, a atender e aglomerar os amigos e familiares neste momento político. Assim, o acreditar na possibilidade de contribuir com a comunidade, e a forma clara e confiante com a qual se expressava esse desejo, levou a muitos a apoiá-lo.

Eu me sinto contemplado com a votação que tive, pois não tinha muita estrutura e mesmo assim, fui agraciado com esses votos. Acredito que demos um primeiro passo. Isso foi fundamental para buscarmos melhorias para a nossa comunidade. (Vilberto Salusto, 30 anos, texto extraído da entrevista, 2010).

Citamos exemplos da vida de três jovens que passaram pelo PBL, e que segundo os mesmos, a passagem pela ONG, foi fundamental, para lhes ajudar na formação de um pensamento crítico e, confiante na conquista de dias melhores. Assim, três jovens que, aqui, representam tantos outros que despertaram e passaram a resistirem ao sistema excludente e opressor.

Sabemos também, que muitos jovens, bastante fragilizados pelo massacre da desigualdade, ainda precisam ser tocados ao ponto de passarem a acreditar na própria capacidade, existente em cada pessoa, bem como, acreditar no poder da mobilização coletiva em busca de objetivos comuns. Sabemos, ainda, que tais objetivos, precisam ultrapassar a visão local e se integrar as lutas nacionais, fortalecendo, assim, a classe subalterna para as conquistas que lhes são necessárias.

5.5 – Ações Artísticas Cultural como experiência de cidadania juvenil

O presente texto traz a experiência de um grupo de jovens, moradores do Alto do Mateus, e participantes na época, do Grupo de Teatro Popular Miramangue no Projeto Beira da Linha, que vivenciaram uma experiência de intercâmbio cultural na Europa. Com isso, a explanação tenta trazer dos jovens a importância desse momento para a vida de cada um, bem como, sendo um dos momentos mais importantes para a história da comunidade Beira da Linha, haja vista, que sempre foi uma comunidade desacreditada, e discriminada até por outras comunidades que compõem o Alto do Mateus.

A juventude do Grupo de Teatro Popular Miramangue, acreditou no potencial, trabalhou e alcançou a travessia do oceano em direção a outro continente. Para alguns leitores, pode parecer mera visita, mas com certeza para os jovens deste grupo e para a comunidade Beira da Linha, foi sinônimo de vitória e exemplo de superação, de cidadania.

Tal afirmação dialoga, com o fato de levarmos em conta toda a dificuldade existente na vida desses jovens, para que os mesmos pudessem se desenvolver, enquanto cidadão crítico e construtores de uma nova realidade. Destacamos, ainda, que nesse momento, a realidade que se fortalecia na Beira da Linha, era a possibilidade de superar obstáculos.

O grupo de Teatro Popular Miramangue nasce a partir de uma participação em um concurso promovido pela Fundação Odebrecht/UNICEF em 1995 intitulado: “o adolescente por uma escola melhor”. Esse concurso incentivou os jovens a buscarem e pesquisarem, em suas comunidades as condições escolares oferecidas. Assim, almejando também que os jovens pudessem exercer o protagonismo juvenil propondo ações de reflexão diante dos problemas detectados.

Fizemos uma pesquisa nas escolas públicas pra montar o texto falando sobre a qualidade do ensino naquela época, no caso em 95. Isso para participar do concurso da Fundação Odebrecht que foi a nível nacional. Foram mais de 18, não sei quantos mil trabalhos que foram inscritos e foram escolhidos 16 trabalhos a nível de Brasil, e da Paraíba a gente foi o primeiro, foi o único, aliás, ganhamos menção honrosa. (Maria José, 31 anos, texto extraído da entrevista, 2010).

No PBL, dez jovens se organizaram e realizaram a pesquisa nas escolas públicas da comunidade, detectaram naquele momento de 1995, que a escola precisava garantir a vaga para os que queriam estudar, sendo também necessário melhorar a qualidade do ensino e de certa forma, para resolver tais problemas, era preciso que houvesse união entre as três entidades responsáveis por esse processo: escola, família e comunidade.

A partir do recebimento da menção honrosa oferecida pela Fundação Odebrecht os jovens orientados por um diretor de teatro decidiram levar a frente o texto teatral com a peça “Quero educação para ser cidadão”³¹. Esse espetáculo realizou diversas apresentações em diversos municípios do estado da Paraíba, além de percorrer outros estados, a exemplo de Pernambuco. Aos poucos, o grupo de teatro foi ganhando prestígios e confiança da comunidade, sendo observado e respeitado pelas escolas públicas. Uma ação protagonista que provavelmente, não se fazia ainda essa relação, até pelo fato de o termo ainda está neste período em fase de esclarecimento. Isso é o que afirma Costa (2000), como já mencionamos em outro momento.

Bienal do livro em Recife, Câmaras Municipais e Assembléia Legislativa, também serviram de cenário para que o grupo levasse essa reflexão, inclusive em encontros de professores, sejam eles formativos ou por motivo de estarem em greves.

Os jovens iam a cada dia se potencializando, e ajudando na luta por uma escola melhor. Em seguida, o grupo decidiu montar um espetáculo que retratasse a importância da preservação do manguezal, visto que, o Alto do Mateus, em especial a Beira da Linha, estava localizada próximo a este ecossistema. Em pesquisas realizadas o grupo criou o espetáculo “Pai do Mangue”³², promovendo também, apresentações em comunidades que tinham o mangue como espaço presente. Festivais e envolvimento de pessoas e escolas para a preservação do mangue ganharam destaque neste processo. E assim, o grupo Miramangue criou

³¹ Texto em anexo.

³² O texto foi escrito por Leonardo Nóbrega que concedeu ao grupo de Teatro Popular Miramangue a autorização para que fosse possível estudá-lo e adaptá-lo. Assim com estudos e vivências nos manguezais nasceu o espetáculo Pai do Mangue.

o espetáculo “Baile, bandeiras e folias”, texto de autores pernambucanos que foi adaptado, e tratava sobre a cultura local, como o carnaval, São João e natal.

Esses três espetáculos conseguiram levar consigo a autoestima e riquezas existentes nas pessoas da comunidade Beira da Linha, bem como apresentar também, o PBL como instituição idealizadora, e apoiadora da juventude. Com isso, o grupo de teatro foi o escolhido para participar deste intercâmbio cultural na Itália. Um dos objetivos era levar para a Itália jovens que pudessem testemunhar o investimento aplicado pela entidade religiosa Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza, com sede na Itália. Por outro lado, oferecer aos jovens a oportunidade de conhecer outro país, e apresentar para os europeus as riquezas culturais do povo brasileiro, nordestino e da comunidade Beira da Linha.

Assim aconteceu a viagem para a Itália, parecia um sonho, jovens da Beira da Linha, entrando em um avião e decolando para outra nação. A importância maior para os jovens era saber que isso traria maior certeza, e estímulo para a comunidade. Já que agora, poderiam acreditar na existência do crescimento pessoal e coletivo, e também a importância de expandir, de poder vivenciar o sentimento de liberdade.

[...] a gente via a possibilidade de sair do bairro, principalmente isso porque já ir pro centro de João Pessoa era uma viagem, era novidade, porque a gente só se resumia aqui na Beira da Linha, na favela, né? Como era chamada. Até lá em cima mesmo³³, o pessoal discriminava, não queria nem descer pra cá porque aqui era favela, aqui é Beira da Linha, e com um tempo quando a gente formou o grupo de teatro, lembro que no início a gente foi muito discriminado. Depois que começamos a viajar, principalmente depois que a gente foi para Itália, todo mundo queria entrar no grupo de teatro, porque fazia sucesso, porque era famoso. [...]. (Maria José, 31 anos, texto extraído da entrevista, 2010).

Foram ao todo 21 dias em território europeu. A viagem do Brasil para a Itália aconteceu no dia 15 de abril de 2001, ficando um dia em Lisboa, e chegando em solo Italiano, no dia 17 de abril. À volta para o Brasil, se deu no dia 07 de maio do corrente ano.

³³ A expressão “lá em cima” faz referência aos conjuntos habitacionais que geograficamente ficam na parte de cima do bairro do Alto do Mateus.

Grupo de Teatro no Aeroporto de Lisboa



Fonte: Arquivo pessoal, ano: 2001

Durante esses dias de estadias, o grupo de teatro percorreu cerca de 12 cidades, entre elas, Verona, Venezia, Sommacampagna, Vila Franca, Firenze, Colá, Padova, Isola Della Scala. A estadia em algumas cidades se deu em casas de famílias da redondeza, que acolhia dois ou três jovens cada. Nas cidades onde havia a presença Mazziana, ficávamos nos Institutos da congregação.

Em relação à agenda, o grupo estava basicamente, apresentando sempre algum dos espetáculos em pelo menos dois turnos por dia³⁴. Foi muito movimentada a visita à Itália, e assim, com esse dinamismo os jovens iam, aprendendo aos poucos sobre o dia-a-dia de um país de primeiro mundo. As observações das ruas bem sinalizadas, pavimentadas, e com total infraestrutura fazia a juventude lembrar-se do Brasil, de João Pessoa, do Alto do Mateus e, por fim, da comunidade Beira da Linha. Provavelmente, a análise era de que, ainda tinha muito a se fazer pela comunidade pessoense.

A observação também levou a registrar o nível de relacionamento entre as pessoas e o avançado processo de estudo pelo qual os jovens vivem.

³⁴ Calendário da visita anexado.

Percebendo também quanta coisa que para eles eram normais, a exemplo de adolescentes e jovens fumando e bebendo e para o Brasil, que adentrara no século XXI, ainda, era motivo de resistência. As avançadas tecnologias e modelos novos que no Brasil, só chegaram anos depois, também era foco das observações. Isso serviu para entender na prática, todo esse processo de país de primeiro mundo, países em desenvolvimento e países de terceiro mundo que tanto se ouviam nas salas de aulas.

Para mim foi uma experiência muito positiva, eu fiquei muito feliz e minha família ficou orgulhosa de mim quando fui para Itália. Só não gostei porque não pude trazer muita coisa de lá, mas valeu à pena ter ido e conhecido outros lugares. Eu nunca imaginava viajar de avião e sair do Brasil. Foi muito bom. Quando cheguei às pessoas ficavam em cima de mim querendo saber como foi, eu fiquei famoso naquele tempo. (Carlos Antonio, fragmento tirado da entrevista, 2010).

De acordo com a citação, a experiência do intercâmbio trouxe novo ânimo para os sujeitos desta história, no caso os jovens, bem como, se quebrou a barreira de que os pobres não podiam andar de avião, já que na época ainda era bastante cara a passagem aérea.

A experiência também de apresentar em teatros famosos da localidade, a exemplo do teatro Camploy³⁵ em Verona, ajudou aos jovens a se sentirem motivados e, mais valorizados pelo que estavam realizando. Diversos jornais³⁶ locais também anunciaram para as cidades que ali estava um grupo do Brasil, realizando esse trabalho artístico. É bem verdade, que, a Congregação Mazziana, que por sinal, é muito respeitada, e conhecida na Europa, contribuiu para que os jornais chegassem até aos jovens.

Vale salientar, que, essa vivência do intercâmbio também causou choques em alguns jovens por perceberem a limitação dos recursos financeiros, e assim, sentirem-se impossibilitados de consumirem determinados produtos que gostariam. Dessa forma, os jovens foram pegos pela necessidade de consumir aquilo que muitas vezes não era essencial para o momento, ou em outras

³⁵ Cartaz da apresentação em anexo.

³⁶ Algumas publicações em anexo.

palavras como disse Ribeiro (2004, p. 25), “desejar consumir o que não é fundamental para você”.

Com base nessa limitação financeira, a juventude pode perceber de forma mais clara e concreta, o quanto o mundo é desumano e desigual. O intercâmbio serviu para animar, mas também para perceber que as pessoas das comunidades excluídas precisam acordar para as possibilidades de mudanças, sabendo que, as mesmas só aparecem, quando existe um processo de organização e investimento na luta coletiva.

À volta para o Brasil, depois de ter conhecido outra realidade, ter visto e brincado na neve, entre outras descobertas, eram motivos suficiente para envolver o Alto do Mateus, com novidades e brilhantismos, indiscutivelmente, merecidos.

Na visão da comunidade Mazziana o intercâmbio foi bastante positivo, e assim, os jovens conseguiram também, contribuir para que outras famílias da Itália pudessem se engajar na contribuição de manutenção das atividades do PBL, aqui no Brasil.

Com essa experiência a juventude dá um salto de qualidade, e faz com que os moradores dos conjuntos habitacionais tenham um olhar diferente para as pessoas da Beira da Linha. Pareciam descobrir que a comunidade possuía valores, com pessoas de bem e capazes de orgulhar todo o bairro. Assim, também, foi o sentimento dos moradores da Beira da Linha, que viveu nesse momento o orgulho e a coragem de dizer que morava nesta comunidade.

Foram várias as pessoas que passaram pelo teatro, seja o do grupo Miramangue que era composto pelos jovens, que eram maiores, ou então o grupo do repertório que era composto pelas crianças e adolescentes. Nas entrevistas realizadas, todos os jovens viveram a experiência do teatro e, assim, contam com orgulho à contribuição que este grupo deu em sua formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse momento do trabalho não pode ser considerado como final, mas como intervalo de um processo de pesquisa que estudou determinado objeto e que hoje traz resultados concretos dessa investigação realizada.

O protagonismo juvenil precisou ser bastante discutido para que se chegasse a uma conceituação que identificasse as práticas desenvolvidas junto à juventude. Foi perceptível neste estudo, identificar que a juventude não pode ser tratada no singular, visto que, estão organizados em diferentes grupos com realidades distintas. Nesse sentido, se faz necessário respeitar as particularidades de cada jovem e contemplar através das políticas públicas as juventudes, bem como contemplar na forma de propiciar aos jovens várias opções no campo do conhecimento. No PBL isso foi trabalhado através das várias atividades distintas, mas que estavam ligadas a um objetivo maior que era o de formar de maneira integral o jovem, para que o mesmo pudesse enquanto sujeito, contribuir com a transformação do meio ao qual estava inserido.

Analizamos neste trabalho que, a partir desta visão ampla do campo juvenil, o PBL buscou respeitar as particularidades de cada jovem, garantindo seu espaço e oportunizando aos mesmos, uma formação que pudesse potencializar e ascender às perspectivas desses jovens em relação a uma vida de possibilidades e conquistas.

O PBL, através de seu carisma mazziano, presente na proposta pedagógica da instituição, contemplou essas particulares garantindo aos jovens, atividades que despertassem neles, a descoberta vocacional, bem como, incentivando-o a investir nesta descoberta e a construir projeto de vida.

Neste trabalho foi possível detectar que a juventude participante do Projeto Beira da Linha no período de 1991 a 2007 reconhece que a ONG foi à grande responsável por contribuir com a formação crítica e cidadã de muitos jovens moradores do Alto do Mateus, em especial da comunidade Beira da Linha.

Esse reconhecimento parte da própria experiência de jovens que viviam sem perspectivas e puderam despertar para as questões dos direitos que lhes eram destinados, porém, negligenciados pelo sistema excludente e opressor. Com isso, a visão crítica fez com que muitos jovens passassem a buscar seus

ideais, agindo de forma protagonista na construção de ações que pudesse de certa forma, intervir na vida da comunidade, seja através de reflexões, discussões ou até mesmo mobilizações levantando questionamentos em defesa de uma vida digna. O envolvimento dos jovens em conselhos, associações e na vida política partidária são exemplos da participação juvenil na vida da comunidade e cidade. Mesmo sendo um grupo menor dos jovens entrevistados a fazer parte desses espaços participativos, a exemplo de associações, conselhos e demais ambientes políticos, todos consideram importante e de grande necessidade para o início da transformação do meio em que vive.

Com base nas entrevistas feitas e estudos realizados sobre a atuação do Projeto Beira da Linha neste período, foi possível perceber que a formação política e o constante incentivo para prática de um protagonismo juvenil, não individual, mas coletivo, precisa ter uma postura mais forte, mais evidenciada.

Os poucos jovens, como relado acima, que estão envolvidos em espaços de discussão, deliberação e transformação, conseguiram obter com certa facilidade a visão e o desejo de contribuir com a transformação tão sonhada de um povo que está em sua comunidade e cresce tendo que se adaptar as desigualdades sociais. Porém, pode ser maior o número de jovens envolvidos e que após a formação recebida da instituição, se disponibiliza a continuar a luta em favor de uma melhor comunidade através de grupos de discussão que avalia e planeja ações que venham a granjear melhorias.

Parte desses jovens que se libertaram da ignorância e conseguiram ver o mundo de forma crítica, fazem parte de uma década onde era efervescente as atividades em grupo, onde a visão da articulação com outras instituições ou grupos de discussão era fomentada a todo instante, como exemplo, o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Ruas, o Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, entre outros espaços.

A organização da comunidade possibilitava um maior vínculo das famílias junto ao Projeto Beira da Linha. A luta por uma moradia digna ou pelo direito a uma passarela na linha férrea para evitar mortes causadas pelo trem, eram demandas que o Projeto Beira da Linha abraçava contribuindo com a pedagogia da organização, mobilização e envolvimento.

Essas ações com certeza contribuíram para que os jovens pudessem adentrar nesse universo de participação e resolução de conflitos.

Com isso, pode-se considerar que o PBL conseguiu contribuir no campo da formação crítica e participativa do jovem, movimentando essa juventude para que esse processo fosse visto como avanço, como necessidade para ascensão pessoal e coletiva no campo social, político e econômico.

Os jovens participantes das atividades no Projeto Beira da Linha, diante de uma realidade que apresentava poucas oportunidades para mudança de vida, conseguem creditar e confiar nas ações desenvolvidas pela ONG e assim, se descobrem enquanto sujeitos capazes de interferir na estrutura de vida, a qual estava habituada.

Muitos jovens que entraram no PBL como educandos se desenvolveram de forma satisfatória a ponto de serem convidados a tornarem-se educadores da instituição e assim, transmitir aos demais jovens educandos o próprio exemplo de superação e crescimento. Alguns desses educadores assumiram esse papel após concluir o curso superior, já outros, foram convidados pela habilidade que já apresentavam na forma de se envolver com a comunidade e em especial, com a juventude, bem como em relação à identificação com a proposta pedagógica que o PBL adotava e que estava ligada a educação popular.

O protagonismo coletivo foi um trabalho que a juventude experienciou no PBL, através de várias atividades, tais como: teatro, capoeira, esporte, Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, Consciência Estudantil e o PROAD, bem como outras atividades disponibilizadas pela ONG. Essas atividades nutriram a juventude de forma integral, ou seja, foi trabalhada a estrutura pessoal, coletiva, social, política, cultural e econômica dentro de uma realidade que contemplasse principalmente, a formação humana integrada com o campo da cidadania. Enfim, tiveram a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e administrar melhor seus saberes

O protagonismo coletivo fez com que muitos jovens desenvolvessem suas lideranças e saberes, alcançando assim, suas ascensões no campo social e político. Com isso, vários jovens conquistaram o mercado de trabalho fortalecendo assim, a existência do campo das possibilidades para a juventude das comunidades periféricas.

Em relação à cidadania, a juventude começa a construir uma história de vida diferente. Entende que a cidadania precisa ser vivenciada de forma digna por todos, seja no direito a uma habitação, a um bairro com equipamentos comunitários e necessários para o bem estar dos moradores, seja através da saúde e educação de qualidade ou até mesmo com direitos ao ingresso no mercado de trabalho.

Relatamos, a partir da pesquisa feita neste trabalho, que a sensibilização e entendimento da existência desses direitos adentraram na vida dos jovens, porém, mesmo protagonizando ações de resistência e luta em favor da concretização desses direitos, muitas barreiras excludentes ainda precisam ser quebradas para que possa vigorar para todas as pessoas o respeito a esses direitos.

Neste trabalho surge a discussão de que é preciso garantir a transformação de vida para todos os jovens, para toda a comunidade Beira da Linha e não apenas para alguns. É importante que jovens tenham conseguido ascender na vida, porém, ainda é grande o número daqueles que necessitam ser contemplados com a transformação. Essa transformação, porém, para que aconteça de forma ampla necessita que as ações das entidades, movimentos, ONGs sejam articuladas com as lutas mais gerais ocorridas a níveis estaduais e nacionais. Lutas essas, que buscam conflitar-se com as questões estruturantes do país, seja no campo político, seja no campo econômico.

A transformação da comunidade Beira da Linha não passará isolada da mudança no país, por isso, a importância de se juntar e garantir um trabalho mais acentuado de formação política junto aos jovens, aos educadores e a comunidade, para que possam perceber o processo que deve ser vivenciado até que a transformação aconteça. Ao mesmo tempo, garantir que atividades continuem a existir para que possa continuar contribuindo com a mudança de vida de outros jovens.

Com isso, os resultados da presente pesquisa, ficarão a disposição para eventuais atividades de investigação que possam dar continuidade ao estudo realizado sobre este tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, MÁRCIA HORA – VIEIRA, MÁRCIA GUEDES – COMISSÃO NACIONAL DE CRIANÇA E ADOLESCENTE (BRASIL). **Construindo o Protagonismo de Crianças e Adolescentes**, 2ª edição, Brasília: Cáritas Brasileira, 2003.

ABRAMOVAY, Miriam. ANDRADE, Eliane Ribeiro e ESTEVES, Luiz Carlos Gil (org). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. UNESCO, 2007.

ABRAMO, Helena Wendel – BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. Editora Fundação Perseu Abramo.

AZEVEDO, José Clovis de. **Reconversão Cultural da Escola: mercoescola e escola cidadã**. Porto Alegre: Sulina, Editora Universitária Metodista. 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

BAQUERO, Marcelo. **Democracia, juventude e capital social no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2004.

BAQUERO, Marcello – CREMONESE, Dejalma, **Capital Social: Teoria e Prática**, Editora Unijuí, 2006.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Jovens pobres e o futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza**, Niterói: Intertexto, 2001.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. (org). **Educação e protagonismo: relatos e análises de experiências do cotidiano escolar e de outros espaços formativos**. João Pessoa: Idéia, 2002.

FILHO, João Ribeiro. **Newton Novais: de Cruz das Armas a cidadão Benemérito de João Pessoa**. Editora Mundial, 2003.

FRAGA, Paulo César Pontes - Iulianelli, Jorge Atílio Silva - **Jovens em Tempo Real**, DP & A Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2ª edição. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

GAIGA, Lorenzo. **A grande aventura de padre Nicola Mazza**. Tradutor Domingos Romani. Recife: bagaço, 2007.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

GUSMÃO, Ana Lúcia Duarte. **Projeto Beira da Linha: ação social e educativa na afirmação dos direitos e cidadania da criança e do adolescente**. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: Centro de Educação. UFPB, 2003.

GROPPO, Luiz Antonio; MARTINS Marcos Francisco. **Introdução à pesquisa em Educação**. 2ª ed. Piracicaba, SP: Biscalchin Editor, 2007.

LANDIM, Leilah; TREVISAN, Maria Carolina. (org). **Apoio internacional ao desenvolvimento local: experiências sociais com juventudes no Nordeste.** São Paulo: Petrópolis, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos, **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** São Paulo: Cortez, 2004.

LÊNIN, Fidel Castro e Frei Beto. Tradução e revisão Ana Corbisier e Miguel Henrique Stedille. **As tarefas revolucionárias da juventude.** São Paulo: Expressão Popular, 2005.

NOVAES, Regina – VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação.** Editora Fundação Perseu Abramo.

QUEIROZ, Arlindo Cavalcante de. **Ações complementares à escola – um esforço solidário à escola para mudar os rumos da educação no Brasil.** Série extensão. João Pessoa-PB: Editora UFPB, 1996.

RUSCHEINSKY, Aloísio. **Metamorfoses da cidadania.** São Leopoldo: Editora da Unisinos, 1999.

RODRIGUES, Ana Paula Soares Loureiro. **Educação Popular e a Formação dos Educadores Populares no Projeto Beira da Linha: um celeiro de experiências.** (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: Centro de Educação. UFPB. 2006.

ROSAS, Agostinho da Silva; NETO, José Francisco de Melo, **Educação Popular, enunciados teóricos.** João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2008.

SCOCUGLIA, Afonso Celso; NETO, José Francisco de Melo. **Educação Popular, outros caminhos.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do Protagonismo Juvenil**. São Paulo: Paulus, 2008.

SALES, Ivandro da Costa. **Os desafios da gestão democrática** / (Em diálogo com Gramsci). 2ª edição. Sobral. Ceará: Edições UVA. Recife, PE: Editora da UFPE, 2006.

_____. Caderno do Cedes / Centro de Estudos Educação Sociedade. São Paulo. Cortez. 1980.

SILVA, Márcia Viana da. **Qualidade da água e saúde: um estudo com a população do bairro do Alto do Mateus, João Pessoa, PB**. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.

SOUSA, Janice Tirelli Pontes de. **Reinvenções da Utopia: a militância política de jovens nos anos 90**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

ANEXOS:

Anexo – 01: Ofício enviado para a STTRANS pelo “Consciência Estudantil”.

Anexo – 02: Protocolo da STTRANS dado ao Consciência Cultural.

Anexo – 03: Ata da Fundação da Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza (PBL).

Anexo – 04: Documento enviado pelo Sr. Newton Novais à prefeitura de João Pessoa entregando a planta do loteamento do Alto do Mateus.

Anexo – 05: Decreto Municipal de número 448 de 04 de junho de 1973.

Anexo – 06: Foto no início da construção da igreja de São Mateus.

Anexo – 07: Mapa da cidade de João Pessoa aos jovens.

Anexo – 08: Modelo de questionário aplicado.

Anexo – 09: Roteiro de entrevista.

Anexo – 10: Cartaz de apresentação do grupo Miramangue no teatro Camploy na Itália.

Anexo – 11: Matérias de jornais italianos divulgando o intercâmbio cultural.

"CONSCIÊNCIA ESTUDANTIL"
Grupo de Estudantes da Escola Estadual Horácio de Almeida

OFÍCIO Nº 001/05

SUPERINTENDENTE DA STTRANS:
A Senhora Aracilba Rocha

Nós alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Escritor Horácio de Almeida, familiares e várias associações da comunidade do Alto do Mateus, estamos por meio deste solicitando da STTRANS que nos ajude na mobilização que iremos realizar no dia 14 de abril (quinta-feira), às 16h em frente a escola Horácio de Almeida. O motivo da mobilização é com relação a demora que estamos tendo para iniciar o ano letivo, pois a escola passa por uma reforma que parece nunca acabar!

Diante deste fato, estaremos realizando esta mobilização em um local fixo, ou seja, não está planejado caminhar pelo bairro.

A mobilização terá início às 16h com previsão para encerrar às 18h. Neste sentido, solicitamos que a STTRANS nos garanta a rua Durval Coutinho que fica em frente à escola Horácio de Almeida para que os carros não venham desrespeitar um segmento da sociedade que clama por seus direitos.

Sem mais no momento e confiando na vossa compreensão e atendimento ao nosso pedido, desde já agradecemos.

Atenciosamente,

ABAMAM (Associação Beneficente dos Amigos e Moradores do Alto do Mateus)

Ricardo Brindeiro - 93323259

ASCOJAM (Associação Comunitária do Jardim da Mônica)

Antonio Siqueira - 88170593

Espaço Comunitário

José Luiz Gomes - 2339988

CENCULCI (Centro de Cultura e Cidadania)

Luiz Carlos - 88271289

Projeto Beira da Linha

Luciano Alves - 99240254

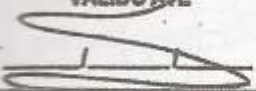
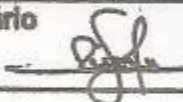
David da S. Souza

David da Silva

(Estudante)

212 - 9268

João Pessoa, 13 de abril de 2005.

Nº DO PROTOCOLO 2096 105 ENTRADA 13 04 05 VÁLIDO ATÉ 	 JOÃO PESSOA ESTRANGE CARTÃO DE PROTOCOLO Nome: <u>Comércio Estudom</u> Assunto: <u>Ofício 001/05</u> Ass. do Funcionário 
---	---

Informações sobre a tramitação do Processo serão prestadas mediante apresentação deste cartão.

Termo de Abertura

Este livro contém cinquenta folhas (50 folhas) e servirá para as atas da Associação "Pia Sociedade de Peçimazza" não podendo conter rasuras ou emendas.



João Pessoa, 1

Atenção: Este documento é a reprodução fiel do original que me foi apresentado. Sou fé.

Em Teste

31.001.2000

Clinte

encargado de

VALIDO BOMENTE

COM SELO DE

AUTENTICIDADE

1.000

T.S.N.R.

TOTAL

0,50

2,34

Presidência

Ata da Fundação da "Pia Sociedade de Peçimazza"

Aos 15 de novembro de 1991, às 18:00 horas, reuniu-se na casa do Padre João Felix nº 10, bairro do Alto do Deus em João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba, as seguintes pessoas: Carlos Arnanzi, Ben Bezerra de Mello, Lorenzo Yelaine, Alberto Moreira, Domênico Roman, Paulo Salses.

O objetivo da reunião geral de ler e aprovar o Estatuto da Associação "Pia Sociedade de Peçimazza" e no mesmo tempo fundar a mesma Associação.

o encontro o senhor Carlo Avanzi, por ser o mais velho entre os presentes. Foi também escolhido o secretário da reunião na pessoa do senhor Paulo Sales Costa que ficou assim encarregado de redigir a ata da reunião.

Logo em seguida o secretário leu o texto do Estatuto da Associação "Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza" e o presidente abriu o debate. Todos os presentes usaram da palavra e colocaram observações e propostas de emenda ao texto apresentado que ficou assim corrigido. Depois do amplo debate o Presidente colocou em votação o texto emendado de acordo com as observações e as propostas. O texto foi aprovado por unanimidade.

Nesta altura o Presidente apresentou a proposta de se fundar entre os presentes a Associação denominada "Pia Sociedade de Pe. Nicola Mazza". A proposta foi também aceita por unanimidade.

Logo em seguida procedeu-se a eleger a Direção da Associação. Na primeira votação foi eleito Presidente na pessoa de Carlo Avanzi que recebeu 5 (cinco) votos. Também com 5 (cinco) votos foi eleito na segunda votação o Secretário na pessoa de Paulo Sales Costa. Foi feita então uma terceira votação para escolher o Tesoureiro; com cinco (5) votos foi eleito o Senhor Domênico Romani. Todos declararam de aceitar a eleição e agradeceram aos colegas pela confiança neles colocada.

Foi também decidido por unanimidade que a Diretoria eleita tomasse posse na mesma hora e cada um assinasse a Ata. Com esta decisão ficou também estabelecido que a Dire-

ria ficará no cargo 51253 o dia 15 de Agosto 1992.

PROTÓCOLO GERAL
Carla Azeite - Presidente
Paulo Sales Costa - Secretário
Joaquim Romão - Tesoureiro

João Pessoa, 15 de Novembro de 1991.



TOSCANO DE BRITO
SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL

REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
Titular: GERMANO CARVALHO TOSCANO DE BRITO
Substituto: KLEBER CARVALHO TOSCANO

Apresentado hoje para Registro. Apontado sob o
N.º de ordem 6125 do Livro Protocolo A
Registrado sob o N.º 61313 no Livro B. 185
ficando cópia arquivada neste Serviço.

O QUE CERTIFICO

João Pessoa (PB), 09 de Janeiro de 1992.

O OFICIAL DO REGISTRO

Rua Cândido Pessoa 31 - Fone: 2244332 - Fax: (083) 221.1801 - Telex: (083) 2382
CEP 58010 - João Pessoa - PB



Antântico a original com integralidade
é a reprodução fiel do original, que me foi
apresentado. Dou fé.
Em Teste: da verdade.
Oitiva: 3-1-09-1992
VÁLIDO SOMENTE
COM SELO DE
AUTENTICIDADE
Emolumento: 1,95
T.S.N.R.: 0,39
TOTAL: 2,34

Estado da Paraíba

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA

DECRETO N. 448 DE 04 DE JUNHO DE 1971

Define a aplicação do art. 127, da Lei n. 1.347, de 27.04.1971, (Código de Obras do Município) nos loteamentos em situação clandestina e dá outras providências.

O Prefeito Municipal de João Pessoa, usando da atribuição que lhe confere o artigo 40, item V, da Lei Orgânica n. 2 de 17 de fevereiro de 1971, (Lei Orgânica dos Municípios)

D E C R E T A:

Art. 1.º. — Para efeito de regularização junto ao município e sua consequente inclusão à carta cadastral da Cidade de acordo com o disposto no inciso do art. 127, da Lei n. 1.347, de 27.04.1971, (Código de Obras do Município), os loteamentos que até presente data se encontram em situação clandestina deverão ser aprovados, desde que os seus proprietários o requeram, dentro do prazo de noventa (90) dias, contado da publicação do presente Decreto, mediante a apresentação da seguinte documentação:

I — Título de propriedade do imóvel;

II — Certidão dos Cartórios Imobiliários, negativa de ônus sobre o imóvel e certidão negativa de ações contra os proprietários, fornecida pelas Justiças Federal e Estadual;

III — Planta em duplicata, assinada por profissional legalmente habilitado e pelo proprietário, em escala de 1:500 (um para quinhentos) para o terreno cuja maior dimensão seja inferior a 500,00 m (quinhentos metros); 1:1000 (um para mil) para terrenos cuja maior dimensão esteja compreendida entre 500,00 m (quinhentos metros) e 1:200,00 m (um mil e duzentos metros) e 1:200 m (um para dois mil), para os terrenos de dimensão superior a 1200,00 m (um mil e duzentos metros), indicando com exatidão os limites e orientação do terreno; o relevo do sítio, por meio de curvas de nível espaçadas no máximo de dois (2) metros; as construções existentes; os mananciais ou cursos d'água; as valas acaus existentes; os arruamentos a serem feitos, com indicação dos loteamentos existentes; a área total do terreno e a área dos logradouros projetados no terreno considerado;

IV — Projeto da rede de esgoto de águas pluviais e residenciais;

V — Projeto de obras d'arte, pontes, muralhas, etc.;

VI — Desenho do perfil longitudinal do eixo de todos os arruamentos projetados nas escalas: horizontal de 1:500 (um por quinhentos) e o vertical de 1:50 (um para cinquenta) divididos em folhas não excedentes de 4,00 m (um metro) na maior extensão;

VII — Perfil das pragas desenhadas em dois sentidos normais, nas mesmas escalas estabelecidas no item anterior;

VIII — Seções transversais das ruas projetadas, na escala de 1:50 (um para cinquenta).

Art. 2.º. — Salienta a exigência do artigo anterior serão os planos de arruamento aprovados, exigindo-se dos proprietários, documento de transferência da ao Patrimônio Municipal das áreas e logradouros do domínio público, constantes da planta;

Art. 3.º. — Aprovado o arruamento nas condições estabelecidas nos artigos anteriores, os proprietários deverão requerer a aprovação dos loteamentos respectivos, instruído o pedido com os seguintes documentos:

I — Planta do loteamento, apresentada em três (3) vias, devidamente assinada pelo proprietário e por profissional legalmente habilitado, devidamente cotada, observando o arruamento previamente aprovado, devendo constar da planta, por convenção, a indicação dos lotes vendidos ou prometidos à venda;

II — Prova de que executou a locação dos terrenos e procedeu a abertura dos logradouros;

III — Prova de que executou o movimento de terra nas ruas principais, indicadas pela Prefeitura no plano de arruamento;

IV — Declaração do órgão concessionário do serviço de energia elétrica, de que executará a iluminação das ruas e logradouros;

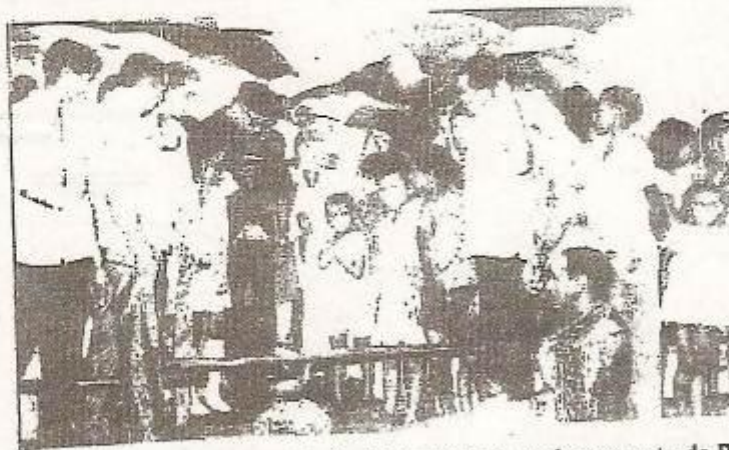
V — Declaração do órgão concessionário do serviço de abastecimento d'água, de que estenderá rede d'água no loteamento;

VI — Declaração em duas (2) vias, assinada pelo proprietário, em que figure os nomes e endereços dos compradores ou promitentes compradores dos lotes alienados, assim como o número destes e da respectiva quadra;

Art. 4.º. — Para aprovação dos loteamentos na conformidade do presente Decreto, a Prefeitura exigirá dos respectivos proprietários a colocação do moleto e linha d'água nas vias públicas, numa extensão igual ao percentual do número de lotes ainda por alienar, antes do loteador ou loteadora, em relação à extensão total das ruas, avenidas e logradouros do loteamento.

Parágrafo Único — a indicação das vias públicas para a colocação do moleto e linha d'água exigida no presente artigo, será feita pela Prefeitura na ocasião da análise do plano de arruamento.

Art. 5.º. — As características técnicas de largura das ruas, taxa de ocupação das áreas e logradouros públicos, superfícies de rolamento, declividade de rampas, dimensão de lotes e demais exigências técnicas estabelecidas para arruamentos, loteamentos, memorialamentos e rememoralamentos, serão observadas

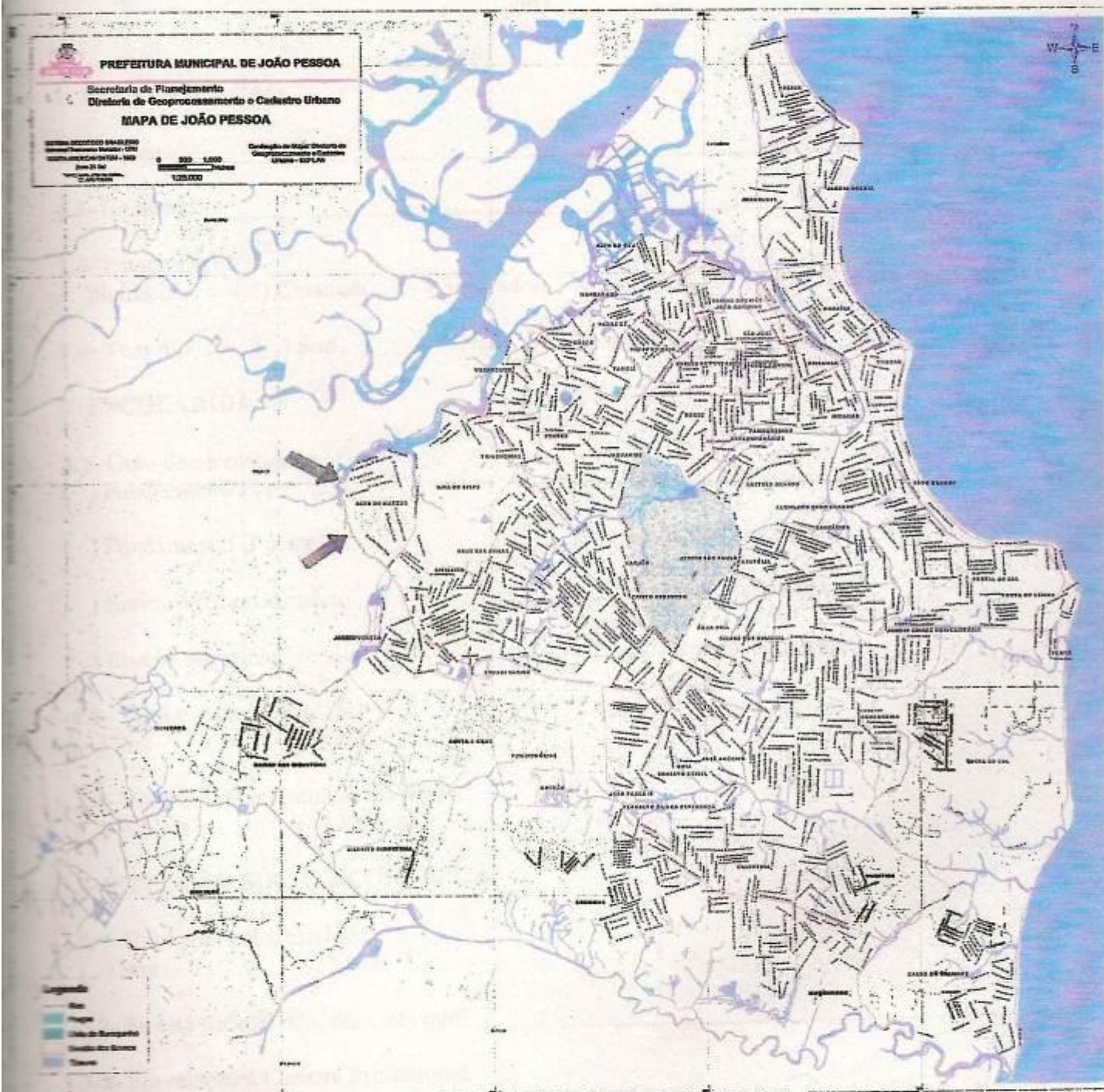


Dr. Newton de Novais com D. José Maria Pires, no lançamento da Pedra Fundamental da Igreja de S. Matheus, no bairro do mesmo nome.

Ano: 1972



Dr. José Maria Pires e a Irmã Maria do Coração Divino, na assinatura do documento de lançamento da Pedra Fundamental destacada acima.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PPGE – Programa de Pós Graduação em Educação
Linha de pesquisa: Educação Popular
Questionário

Perfil dos jovens participantes das atividades do Projeto Beira da Linha entre 1991 e 2007

1- IDENTIFICAÇÃO

1.1- Nome: _____ Idade _____

1.2- Endereço: _____

1.3- Estado Civil:

() Solteiro/a () Casado/a () Separado/a () viúvo/a () Mora com alguém

1.4- Tem filhos? () Sim () Não Se sim, quantos? _____

2- ESCOLARIDADE

2.1- Grau de escolaridade:

() Fundamental I completo () Fundamental I incompleto
() Fundamental II completo () Fundamental II incompleto
() Ensino Médio Completo () Ensino Médio Incompleto
() Ensino Superior Completo () Ensino Superior Incompleto

2.2- Você estuda atualmente?

() Sim () Não

2.3- Você estuda ou estudou em escola:

() Pública () Particular () Nas duas

3- SITUAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA

3.1- Você está trabalhando?

() Sim () Não

3.2- Se está trabalhando, diga, em que? _____

3.3- Em relação à Carteira Profissional.

() Está assinada () Já foi assinada, mas não está mais () Nunca foi assinada

3.4- Renda Mensal

() Menos de um salário mínimo () Um salário mínimo

() Dois salários mínimos () Mais de dois salários mínimos.

3.5- Moradia

☐ Mora com os pais☐ Mora de aluguel☐ Casa Própria

4- SITUAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA

4.1- Você faz parte de alguma Organização Social Comunitária?

☐ Sim. Qual? _____☐ Não. Por quê? _____

4.2- Se respondeu sim, diga um dos motivos que lhe fez ingressar nesses espaços de organização.

4.3- Filiado a algum partido político?

☐ Sim☐ Não

4.4- Participa de algum movimento de Juventude?

☐ Sim☐ Não

5- PARTICIPAÇÃO NO PBL (PROJETO BEIRA DA LINHA)

5.1- Qual o período em que você participou do PBL? Do ano de _____ a _____

5.2- Quais atividades você participou no PBL?

5.3- O Projeto lhe ajudou a obter novos conhecimentos?

☐ Sim☐ Mais ou menos☐ Não

5.4- O Projeto lhe ajudou em que aspectos da sua vida?

AGRADEÇO POR CONTRIBUIR PARA PESQUISA ACADÊMICA

ROTEIRO DE ENTREVISTA – JOVENS EDUCANDOS

- 1- De quais atividades você participou no PBL?
- 2- Que atividades desenvolvidas pelo Projeto Beira da Linha foram importantes na sua vida?
- 3- Que tipo de aprendizado você adquiriu com a sua participação no Projeto?
- 4- Em relação ao conhecimento, como você relata-o na sua vida antes e ao entrar no Projeto?
- 5- O que tem no Projeto Beira da Linha que consegue atrair os jovens a participar?
- 6- O que lhe motivou a participar do Projeto Beira da Linha?
- 7- Na sua vida hoje, que situações conquistadas podem ser relacionadas como frutos de participação nas atividades do Projeto Beira da Linha?

ROTEIRO DE ENTREVISTA – EDUCADORES E GESTORES

- 1- Que atividades desenvolvidas pelo Projeto Beira da Linha você considera importante para a formação protagonista dos jovens participantes do Projeto?
- 2- O que tem no Projeto Beira da Linha que consegue atrair os jovens a participar?
- 3- Que conhecimentos transmitidos pelo Projeto Beira da Linha são básicos e essenciais para a formação cidadã e protagonistas dos jovens atendidos pela instituição?
- 4- Que mudanças são perceptíveis em relação ao jovem antes e após entrar no PBL?
- 5- Que carências são mais acentuadas na juventude atendida pelo PBL?
- 6- Quais as maiores dificuldades encontradas para o desenvolvimento de ações voltadas para a construção do protagonismo juvenil?



CENTRO MISSIONARIO DIOCESANO

MOVIMENTO LAICI AMERICA LATINA

PIA SOCIETÀ DI DON NICOLA MAZZA



SCAMBIO CULTURALE
BRASILE-ITALIA

PROGETTO
BEIRA DA LINHA



BAILES, BANDEIRAS E FOLIAS
(BALLI, BANDIERE E FOLLIE)

Grupo de teatro popular

MIRAMANGUE



QUERO EDUCAÇÃO PARA SER CIDADÃO
(VOGLIO EDUCAZIONE PER ESSERE CITTADINO)

PAI DO MANGUE
(PADRE DEL MANGUE)



Cast ADRIELE DANIEL • ANA VALENTIM • CARLOS ANTÔNIO • FÁBIO DANTAS • IRINALDA ÉLSSIA • ISMAEL GOMES • LUCIANO ALVES • MARIA MC WILSON SOUTO • Regia DULIO CUNHA • Preparazione circense ANA MERINO E JÚNIOR • Colonna sonora RICARDO BRINDEIRO • JOÃO BATISTA MÁRCIO DE PAULA • Costumi e accessori scenici DULIO CUNHA • Confezione dei costumi MARIA BEZERRA • Scenografia e trucco IL GRUPPO • Mediazione culturale ROBERTO PACHERA • ANA GUSMÃO • SANDRO CORAZZA • MICHELE SALES • Fotografia GRAÇA SOUSA • Programmazione grafica AR FALCÃO • Produzione PROGETTO BEIRA DA LINHA • Coordinazione Progetto SANDRO CORAZZA • Coordinazione settore cultura RICARDO BRINDEIRO

Venerdì
27
Aprile

ore 20,45

Teatro CAMPLOY

L'ARENA 18 APRILE 2001 - SOMMACAMPAGNA/VILLAFRANCA - PAG. 32

Spettacolo del gruppo di giovani Miramangue del progetto educativo missionario «Beira da linha»

Dal Brasile teatro popolare dei ragazzi

In tournée dalle favelas di Joao Pessoa che sorgono lungo la ferrovia

Sommacampagna. Lunedì sarà ospite per l'intera giornata del Comitato per l'educazione alla mondialità di Sommacampagna, il gruppo teatrale popolare Miramangue del progetto «Beira da linha». Sono 13 ragazzi brasiliani di Joao Pessoa dai 14 ai 26 anni accompagnati dal trentunenne Roberto Pachera. Originario di Colà, Pachera, diplomato in servizio sociale, volontario italiano del Mial (movimento laici America latina), lavora dal 1994 come educatore nel progetto. Nella tournée italiana sarà educatore e accompagnatore del gruppo per facilitare nella comunicazione e nella mediazione culturale.

Pachera, che a differenza del gruppo rimarrà in Italia nove mesi con la moglie Joziene Carliolano e la figlia Sara di 5 mesi, ricorda: «Il gruppo Miramangue è nato dalle attività pedagogico-culturali svolte dal progetto Linha do Trem che dal 1990 realizza un lavoro di formazione e organizzazione di bambini, adolescenti e giovani della Comunità Beira da

Linha nel quartiere dell'Alto do Mateus a Joao Pessoa, Paraíba, Brasile. Il Gruppo è attualmente formato da due educatori e 11 adolescenti e giovani che abitano nella comunità, nella quale il progetto Beira da Linha svolge il suo lavoro d'educazione popolare. Gli obiettivi sono il sostegno allo studio affrontando temi di diritti e doveri dei cittadini, come la valorizzazione della cultura, la lotta per la casa, sanità e educazione, collegandosi con altri movimenti sociali».

Andrea Martinelli del comitato della mondialità e punto di riferimento per Sommacampagna del gruppo brasiliano racconta che i ragazzi provengono da un agglomerato di favelas di circa 50 mila abitanti. «La zona si trova tra una delle linee ferroviarie commerciali più importanti del Brasile (da qui Linha do Trem ovvero linea del treno) e la foce di un fiume che in occasione dell'alta marea inonda completamente la zona. Qui la fame è una vera piaga».

Il gruppo è già arrivato in Italia e dedi-

cherà la prima settimana all'accoglienza, l'ambientamento, il rapporto con il gruppo di teatro del don Mazza. L'esordio in pubblico, dopo un incontro domenica a Colà con i cugini Melloni (parenti della mamma di Roberto Pachera), avverrà lunedì a Sommacampagna. Dalle 9.30 alle 11 nell'aula magna delle medie si terrà un incontro con gli alunni e poi in palestra la rappresentazione dello spettacolo «Quero educacao para ser cidadão» (chiedo educazione per essere cittadino). Nel pomeriggio alle 15 in teatro feste brasiliane per i bambini delle elementari ed alle 20.30, sempre in teatro, rappresentazione de «Pai do Mangue» (il padre dello stagno).

Dopo Sommacampagna, il gruppo sarà a Pedemonte e Borgo Roma (24 aprile), Villafranca e università di Verona (26), Campio (27), San Massimo (28), Colà (29), Isola della Scala (3 maggio), Sona (4) e al 5 all'Istituto Anti e al Verdi di Villafranca e domenica 6 maggio a Villa Scopoli di Avesa. (L.g.)

Teatro Camploy. Dal Nordest del Brasile il Teatro Popolare Miramangue

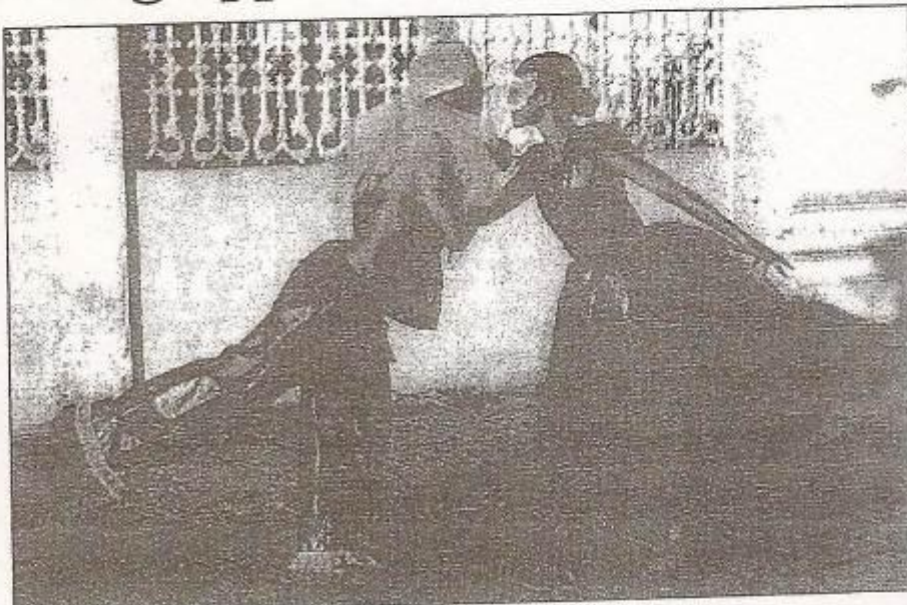
Vita, allegria, solidarietà

Minitournée del gruppo in città e in provincia

Il Gruppo di Teatro Popolare Miramangue, formato da ragazzi della città di João Pessoa, capitale dello stato della Paraíba nel Nordest del Brasile, è in Italia per una breve tournée. Si tratta di una compagnia teatrale nata all'interno del Progetto Beira da Linha, realizzato dal Movimento Laici America Latina, dalla Pia Società Don Mazza e dal Centro Missionario Diocesano, che da dodici anni si propone di migliorare la situazione sociale e culturale di una comunità dell'Alto do Mateus, quartiere periferico di João Pessoa.

La materia prima su cui si basa l'attività del Gruppo di Teatro Popolare Miramangue è la problematica realtà sociale, causata dalla precarietà delle infrastrutture urbane, dalla mancanza di un'educazione di qualità, di lavoro e di salari dignitosi, che la popolazione della Comunità Beira da Linha affronta quotidianamente. Il teatro di questi ragazzi è celebrazione di vita e allegria, è gioco di cose serie, è contributo a suscitare azioni concrete per favorire l'organizzazione popolare verso il cammino della liberazione di sé stessi e di tutto il popolo brasiliano.

Durante la tournée vengono proposti tre diversi spettacoli: *Quero Educação para ser Cidadão* (Voglio educazione per essere cittadino), realizzato da un testo scritto dal Gruppo a partire da una serie di studi e da una ricerca realizzata nelle sette scuole pubbliche dell'Alto do Mateus; *Pai do*



Una scena di «Bailles, Bandeiras e Folias» del gruppo brasiliano Miramangue

Mangue (Padre del mangue), adattamento di un testo dello scrittore paraibano Leonardo Nobrega, che tratta le questioni legate alla preservazione minacciata del mangue, l'ecosistema del quartiere dell'Alto do Mateus; *Bailles, Bandejas e Folias* (Balli, bandiere e follie), messa in scena liberamente tratta da una trilogia degli autori Ronaldo Brito e Assis Lima, che presenta le tre principali feste brasiliane: Carnevale, São João e Natale.

In terra veronese, dopo il debutto dei giorni scorsi al Teatro di Sommacampagna, il tour tocca stasera il Teatro Camploy (ore 20.45) e quindi: 2 maggio Residenza Universitaria «Isabella Scopolio» (ore 20.30), 3 maggio Sala dell'Istituto Bolesani (ore

20.30), 4 maggio Sonà (ore 20.30), 5 maggio Teatro Verdi di Villafranca (ore 20.30).

Questo evento crea l'occasione di un significativo scambio culturale tra il Brasile e l'Italia. Cosa che è stata ampiamente sottolineata nel corso di una conferenza stampa indetta per presentare la tournée, a cui erano presenti Adimaro Moretti degli Adimari, assessore alla Cultura della Provincia; Emilio Butturini, preside della Facoltà di Scienze della Formazione dell'Università di Verona; don Domenico Romani, fondatore del progetto Beira da Linha; Rossella Lomuscio, dell'area Italia del Mial; e gli stessi ragazzi del Gruppo di Teatro Popolare Miramangue.

L'Assessore ha parlato

calorosamente della grande importanza di uno scambio culturale incentrato sull'esperienza teatrale: «Il teatro - a parere dell'assessore - è in grado di aiutare le persone a trovare un punto di unione, di amicizia e di fratellanza tra realtà diverse».

Duilio Cunha, regista della compagnia, ha spiegato che, per quanto gli spettacoli siano differenti tra loro, il modo in cui viene realizzata la messa in scena è simile; si parte da un'indagine che tiene conto non solo dell'espressione linguistica, ma anche di altri tipi di linguaggio. Ognuno dei tre spettacoli proposti costituisce, per i ragazzi che lo interpretano, un accrescimento della capacità di gestire l'espressione scenica.

Cristina Caffeo